

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**EFEITOS DE INSTRUÇÕES DE QUESTÕES ABERTAS NA ATIVAÇÃO DE
ELEMENTOS DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

**FLORIANÓPOLIS
2007**

JOÃO FERNANDO RECH WACHELKE

**EFEITOS DE INSTRUÇÕES DE QUESTÕES ABERTAS NA ATIVAÇÃO DE
ELEMENTOS DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Brígido Vizeu Camargo

**FLORIANÓPOLIS
2007**

Para meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Brígido Camargo pela dedicação e por todos os ensinamentos e conselhos acadêmicos e pessoais concedidos desde que passei a integrar a equipe do LACCOS, e mais especialmente durante o curso de mestrado, em que pudemos trabalhar com maior proximidade.

À Prof^a Clélia Nascimento-Schulze sou grato pela confiança ao me aceitar como bolsista de iniciação científica em 2002, bem como pelo aprendizado constante decorrente do convívio nos anos da graduação e momentos atuais.

A meu colega Alexsandro Andrade agradeço por todos os momentos compartilhados na realização de pesquisas desde a graduação, e por ter participado de todo o processo de confecção desta dissertação de mestrado, contribuindo com comentários e sugestões.

Gostaria de agradecer também a todas as pessoas que me auxiliaram a completar o trabalho, por meio de comentários, sugestões, ou apoio nas atividades acadêmicas desenvolvidas durante o curso de mestrado, mencionando em específico Adriana de Aguiar, Aline Vieira de Lima, Ana Maria Justo, Andréa Barbará Bousfield, Andréia Giacomozzi, Débora Cano, Isabel Hammes, Izabela Sampaio, Jean Natividade, Mariana Segala, Piera Hoffmann, Prof^a Alberta Contarello, Rafael Wolter, Raquel Bertoldo, Robson Faggiani, Samuel Lins e Tatiana de Lucena Torres.

Sumário

Resumo	vii
Abstract.....	viii
Introdução.....	1
Objetivos.....	6
Objetivo geral	6
Objetivos específicos.....	6
A teoria das representações sociais	7
Uma psicologia social sociológica	7
O problema da definição de representações sociais	11
Critérios para o reconhecimento de representações sociais.....	14
Origens das representações sociais.....	16
Estrutura e funcionamento das representações sociais.....	18
Representações sociais e representações individuais	24
Representações sociais e comportamento	30
Representações sociais e método.....	33
Métodos de investigação de representações sociais	33
Método de inquérito e uso de questionários para estudo das representações sociais.....	38
Saliência da pertença grupal em questionários sobre representações sociais.....	40
Formato de questões abertas em questionários sobre representações sociais	45
Efeitos da saliência da pertença grupal no enunciado de questões abertas e formato das questões abertas na estrutura e conteúdo de uma representação social.....	50
Representações sociais e envelhecimento	53
Estudo científico do envelhecimento.....	53
Representações sociais sobre envelhecimento	58
Representações sociais de estudantes de enfermagem sobre envelhecimento	68
Método.....	71
Caracterização da pesquisa.....	71
Participantes	72
Instrumento de coleta de dados	73
Procedimento de coleta de dados	74
Análise de dados	76
Estatísticas descritivas	76
Codificação das questões abertas	77
Prototipicidade dos elementos da representação social	77
Organização dos elementos da representação social	81
Operacionalização de hipóteses.....	82
Análise prototípica.....	82
Análise fatorial de correspondências.....	83
Testes Qui quadrado e de Fisher de frequências de menção de elementos.....	83
Comparação das ordens médias de evocação.....	83
Análise de arestas significativas da matriz de similitude	84
Aspectos éticos	84

Resultados.....	85
Caracterização da amostra.....	85
Codificação das respostas abertas.....	88
Análise prototípica.....	90
Análise fatorial de correspondências.....	102
Teste qui quadrado e de Fisher para menção de elementos.....	111
Comparação das ordens médias de evocação.....	120
Análise de arestas significativas da matriz de similitude.....	125
Discussão.....	135
A representação social de estudantes de enfermagem sobre envelhecimento.....	135
Efeito da saliência grupal.....	141
Efeito do formato de resposta.....	148
Avaliação geral da pesquisa.....	153
Considerações finais.....	157
Referências.....	160
Lista de Tabelas.....	173
Lista de Figuras.....	175
Apêndice.....	176
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	176
Instrumentos.....	177
Questionário para a condição experimental <i>SsFd</i>	177
Questionário para condição experimental <i>SsFe</i>	179
Questionário para condição experimental <i>ScFd</i>	179
Questionário para condição experimental <i>ScFe</i>	180

Resumo

O estudo teve por objetivo verificar o efeito de variações nas instruções de questões abertas na ativação de elementos de representações sociais. Foi realizado um estudo experimental com delineamento 2 x 2, com manipulação de duas variáveis: saliência grupal (com e sem saliência grupal nas instruções) e formato de resposta (tarefas discursivas ou evocações livres). Participaram do estudo 384 estudantes de enfermagem de Florianópolis, todos do sexo feminino. Elas responderam a questões abertas sobre a representação do envelhecimento, com alterações nas instruções conforme as modalidades das variáveis independentes. Para análise dos dados, foram realizadas: análise prototípica, análise de correspondências, testes qui quadrado e de Fisher, testes t, ANOVA univariadas e análise de similitude. Instruções com saliência grupal favoreceram a expressão de elementos representacionais ligados à função do enfermeiro, enquanto que foi verificado que, para a variável formato de resposta, as evocações livres favoreceram respostas sobre conseqüências e eventos relacionados ao envelhecimento, e a modalidade resposta discursiva exigiu que os participantes definissem-no antes, gerando dados que poderiam ser interpretados com viés caso fossem empregadas técnicas analíticas isoladas. São discutidas decorrências de efeitos do contexto interacional para pesquisas em representações sociais.

Palavras-chave: Teoria das representações sociais, Contexto interacional, Metodologia de pesquisa.

Abstract

The study aimed at verifying the effects of variations in open-ended questions instructions on the activation of social representation elements. A 2 x 2 design experimental study was carried on, with the manipulation of two variables: group salience (with and without group salience on instructions) and answer type (discourse tasks or free evocations). Three-hundred and eighty-four Nursery students from Florianópolis took part on the study, all of which were female. They answered open-ended questions about the representation on aging, with changes on instructions according to independent variables' values. For data analysis, prototypical analysis, correspondence analysis, Chi-square and Fisher tests, t tests and One-Way ANOVAs, as well as similarity analysis, were employed. Instructions with group salience increased the expression of representational elements linked to the nurse's role, while it was verified that, for the answer type variable, free evocations favoured responses about consequences and events related to aging, and the discourse task modality demanded that participants defined it first, generating data that could be interpreted in a biased way if isolated analytic techniques were used. Consequences of interaction context effects for social representations research are discussed.

Key words: Social representations theory, Interaction context, Research methodology.

EFEITOS DE INSTRUÇÕES DE QUESTÕES ABERTAS NA ATIVAÇÃO DE ELEMENTOS DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O método de uma pesquisa indica o caminho traçado pelo pesquisador para chegar a um conhecimento confiável, determinado por um conjunto de operações que visam a superar o conhecimento da experiência de senso comum para construir o corpo de conhecimento científico. Ao mesmo tempo em que possibilita chegar a conclusões demonstráveis, o método também delimita e relativiza os resultados encontrados em estudos científicos, pois é condição para o processo de conhecer.

Em ciência busca-se identificar relações entre fenômenos da natureza. Nunca se chega à realidade de fato, por sua complexidade e pela multiplicidade de variáveis a controlar, que impossibilita essa meta. No entanto, por aproximações sucessivas e pela operacionalização de aspectos dessa realidade, pode-se chegar a dados que sejam conhecimentos científicos válidos, e que, portanto, forneçam descrições e explicações de relações entre fenômenos com suporte no mundo empírico. O caráter cumulativo e autocorretivo do empreendimento científico é um recurso que, a princípio, garante o avanço do conhecimento científico rumo a graus mais elevados de adequação como representações do mundo empírico.

Os resultados científicos são, assim, relativizados e condicionados pelos métodos que os originam. Isso equivale a dizer que só se pode conhecer cientificamente o que é permitido pelo método empregado para tal. É o que Wagner (1994) chama de perspectiva construtivista em relação a métodos. Dessa maneira, é essencial para o cientista conhecer as características dos métodos de que se utiliza, para conscientizar-se do alcance de suas investigações.

Especialmente quando os cientistas se deparam com fenômenos complexos e multifacetados, há dois aspectos que devem ser avaliados quanto à relação entre método e fenômeno. Por um lado a diferença entre achados de métodos diferentes é esperada, uma vez que cada um deles é mais ou menos adequado para a produção de conhecimento de componentes do fenômeno. No entanto, Flament (1981a) lembra que ao se tratar de um mesmo fenômeno, métodos com funções semelhantes não deveriam, a princípio, produzir resultados muito contraditórios ou aberrantes. De Rosa (1993) afirma que muitas vezes cabe ao pesquisador descobrir maneiras de integrar resultados provenientes de escolhas metodológicas diferentes, que por vezes podem ser contraditórios.

Em síntese, o presente projeto centra-se sobre a problemática de investigar um mesmo fenômeno quando o pesquisador se depara com resultados diferentes. Isso traz uma série de dúvidas. Trata-se do mesmo fenômeno que está sendo investigado nos dois casos? São dois aspectos do mesmo fenômeno evidenciado por métodos diferentes? Será que em um ou mesmo em ambos os casos as escolhas metodológicas efetivamente permitem cobrir o fenômeno em grau de extensão razoável? Essas são questões pertinentes para os estudiosos da teoria das representações sociais.

Desde o trabalho pioneiro de Moscovici (1961/1976), as representações sociais são entendidas como explicações sobre objetos sociais que são partilhadas em maior ou menor grau por membros de grupos. Equivalem ao senso comum das sociedades modernas, construído a partir de trocas comunicativas entre os indivíduos ligados a grupos e por meio da comunicação de massa (Jodelet, 2001).

As representações sociais não são propriamente um fenômeno psicológico, pois apesar de se relacionarem com a esfera do indivíduo, elas abarcam também uma realidade fenomênica do grupo. Nesse sentido, pode-se dizer que constituem um fenômeno sociopsicológico, um dos objetos da psicologia social, disciplina científica encarregada do

estudo dos processos de pensamento e comportamento das pessoas à medida que elas se imbricam a processos desenvolvidos no contexto de grupos ou categorias sociais.

Essa especificidade das representações sociais enquanto construto sociopsicológico cria dificuldades para que seu estudo seja operacionalizado. Geralmente as representações sociais são reconstituídas pelos pesquisadores a partir de dados individuais (De Rosa, 1988), o que implica um salto de dados individuais para uma realidade que transpõe o indivíduo para chegar ao grupo, de modo que não se efetue um mero somatório ou média de escores ou respostas particulares. E como se assegurar de que isso seja respeitado num processo de obtenção de dados? A questão não é de resposta simples, e implica a consideração das escolhas metodológicas efetuadas para evidenciar a realidade sócio-representacional.

Ao escolher como foco de pesquisa o uso de questões abertas de inquérito para evidenciar representações sociais, algumas dificuldades se apresentam. Em primeiro lugar, há pesquisas (por exemplo, Nascimento-Schulze, 2000a; Nascimento-Schulze, 2000b; Nascimento-Schulze, Fragnani, Carboni & Maliska, 2002) cujos resultados apontam que questões discursivas e evocações livres geram resultados contraditórios entre si. Assim, existem particularidades que necessitam ser conhecidas no uso dessas questões abertas, para que se saiba se ativam elementos diferentes de representações sociais, ou mesmo representações diferentes, e que se possa chegar a explicações fundamentadas para as diferenças obtidas.

Em segundo lugar, Wagner (1998) aponta para a necessidade de se estabelecer critérios para diferenciar as representações sociais de outros construtos sociopsicológicos, sendo um desses critérios uma ligação explícita com o grupo que a possui. Segundo essa lógica, sem uma referência explícita ao grupo em uma questão aberta destinada a obter conteúdos de representações sociais, talvez a questão não se mostre adequada para fornecer

dados confiáveis, em termos de uma descrição válida de representação social. Como a maior parte dos estudos de representação social não faz uso do critério proposto por Wagner por meio de algum artifício metodológico, permanece a dúvida sobre o fato de que os resultados obtidos sobre o objeto de estudo descrevam representações sociais, ou se há distinção entre as representações sociais descritas em relação a outros construtos sociopsicológicos como atitudes, crenças, esquemas, e assim por diante.

Esses dois pontos de dúvida podem ser traduzidos como aspectos do emprego de questões abertas, ligadas às instruções utilizadas em questionários de pesquisa. Existe uma necessidade de conhecer a extensão dos efeitos de características dessas instruções nos resultados de representações sociais.

É relevante conhecer esses efeitos com mais propriedade porque a ausência desse conhecimento implica o questionamento da validade dos resultados de pesquisas, seja devido a contradições encontradas, seja devido a uma não-distinção do conceito ocasionada pelo uso indiscriminado de tipos diferentes de instruções de questões abertas. A consecução de um projeto de pesquisa voltado para esse problema justifica-se, em termos teóricos, na maior explicitação do modo como as representações sociais são reconstituídas metodologicamente pelos pesquisadores e em sua própria delimitação como construto sociopsicológico distinto. Ao identificar os processos psicológicos envolvidos no ato de resposta de um participante de pesquisa a uma questão voltada para representações sociais, é possível avaliar de modo mais adequado em que ocasiões um ou outro tipo de instrução deve ser usado na pesquisa em representações sociais, bem como situar os resultados de outros estudos já executados com base nos métodos por eles seguidos.

A presente proposta também é relevante num nível de intervenção, ainda que de modo indireto. Considerando-se que no Brasil a teoria das representações sociais ganhou força como recurso para aperfeiçoar o conhecimento sobre processos e teorias de grupos

em contextos de intervenção profissional, sobretudo nas áreas de saúde e educação, é importante aprimorar os instrumentos de coleta de dados empregados nessas situações e o conhecimento sobre o impacto do processo de coleta de dados. Assim, os profissionais que visarem conhecer representações sociais para orientar projetos de intervenção poderão se assegurar de estar de fato caracterizando o fenômeno que lhes interessa, por meio de uma descrição válida, ou no mínimo menos suscetível a efeitos provocados por uso indiscriminado de questões abertas.

Após apresentar os pontos de interesse, reafirma-se o objetivo do presente projeto: investigar os efeitos de variações nas instruções de questões abertas de inquérito nas características de representações sociais acessadas pelo pesquisador por meio de técnicas de coleta e análise de dados. Como proposta de operacionalização, propõe-se a investigação do objeto social envelhecimento, processo que ganha importância no cenário global com a crescente proporção de idosos decorrente da queda de mortalidade e fecundidade. A velhice passa a constituir a realidade de muitas pessoas, tanto direta quanto indiretamente, no caso daqueles que convivem com idosos, em situações muito diferentes das do passado.

A necessidade de evidenciar e explicar a relação entre instruções de questões abertas e representações sociais permite estabelecer a seguinte pergunta de pesquisa: *variações nas instruções de questões abertas em termos de saliência grupal e formato de resposta ativam elementos diferentes de representações sociais?*

Objetivos

Objetivo geral

Verificar o efeito de variações de instruções de questões abertas na ativação de elementos de representações sociais.

Objetivos específicos

1. Descrever o conteúdo e a estrutura de representações sociais de estudantes universitários sobre envelhecimento a partir de instruções de questões abertas com e sem referência à pertença grupal dos respondentes.

2. Descrever o conteúdo e a estrutura de representações sociais de estudantes universitários sobre envelhecimento a partir de questões dissertativas e questões de evocação livre.

3. Verificar diferenças no conteúdo e estrutura de representações sociais de estudantes universitários sobre envelhecimento a partir de instruções de questões abertas com e sem referência à pertença grupal dos respondentes.

4. Verificar diferenças no conteúdo e estrutura de representações sociais de estudantes universitários sobre envelhecimento a partir de questões dissertativas e questões de evocação livre.

A teoria das representações sociais

Uma psicologia social sociológica

O presente trabalho situa-se no domínio da psicologia social, alinhado com uma vertente europeia dessa disciplina. A psicologia social é a área do conhecimento científico que tem por objeto de estudo os processos de interação social (Maisonneuve, 1993a; Rodrigues, Assmar e Jablonski, 1999). Por tratar desses fenômenos, é uma ciência de fronteira entre psicologia e sociologia (Maisonneuve, 1993b) que visa caracterizar e explicar as influências mútuas entre os indivíduos e a realidade dos grupos sociais de que fazem parte, ou, em última instância, a sociedade.

Considerando-se que a psicologia social, por ser uma ciência “híbrida”, ocupa uma posição de intersecção entre psicologia e sociologia, abre-se também a possibilidade de concepção de projetos distintos para essa área do conhecimento, situados mais próximos de um ou de outro pólo do contínuo indivíduo – sociedade. Originada de uma proposta de Wundt de uma psicologia dos povos (*Völkerpsychologie*) encarregada de estudar os produtos culturais, a psicologia social assumiu uma forma fortemente psicológica quando começou a difundir-se nos Estados Unidos. Por “forma psicológica”, entende-se uma área de conhecimento com conceitos e métodos centrados no estudo do indivíduo. De caráter experimentalista e, inicialmente, comportamentalista, a psicologia social norte-americana logo se tornou o modelo predominante de ciência sociopsicológica (Farr, 1998).

Na Europa, por outro lado, desenvolveu-se uma perspectiva que dá ênfase ao estudo das relações intergrupais e uma abordagem cultural e societal dos processos sociopsicológicos (Farr, 1994). Quando se fala em psicologia social europeia, não se faz referência a um projeto unificado, mas sim a um conjunto de linhas de pesquisa e

perspectivas que, de modo geral, caracterizam-se por uma visão mais social de psicologia social (Jesuino, 1996). Além disso, é pertinente apontar que existe adesão significativa de psicólogos sociais europeus ao modelo dominante norte-americano, de cunho psicológico.

A princípio, poder-se-ia identificar uma incompatibilidade entre os projetos de psicologia social conduzidos na América do Norte e no continente europeu. De fato, são propostas diferentes. Porém, neste caso, é pertinente levar em conta a noção de níveis de análise para compreender as peculiaridades entre os estudos característicos dessas duas psicologias sociais. Ao buscar conectar as realidades dos fenômenos psicológicos e sociológicos, os psicólogos sociais explicam a interação social com base em processos situados em posições distintas do contínuo indivíduo – sociedade. Assim, é possível lidar com 1) processos intra-individuais; 2) processos interindividuais e situacionais; 3) processos que sofrem influência de posições na esfera social, como variáveis intervenientes, em situações de interação; e 4) processos que empregam concepções gerais difundidas na sociedade (Doise, 1984).

A psicologia social norte-americana centra-se, sobretudo nos dois primeiros níveis de análise, mais próximos do pólo psicológico da psicologia social. No contexto europeu, apesar de também existirem muitas pesquisas voltadas para os níveis de análise mais “micro”, há também um convívio com estudos que abordam os níveis sócio-posicional e societal dos fenômenos de interação social.

Não é de nosso interesse abordar as razões históricas pelas quais a psicologia social assumiu essas duas faces nos Estados Unidos e na Europa. Além disso, seria uma simplificação argumentar que as correntes norte-americana e européia são perfeitamente intercambiáveis, apenas tendo-se em conta a perspectiva de níveis de análise; não se trata de forçar uma unificação da área, mas sim de admitir que seja possível estabelecer um diálogo entre as duas variedades de psicologia social.

A articulação de níveis de análise em estudos sociopsicológicos fornece uma compreensão mais ampla dos fenômenos de interação social e permite uma maior cobertura dos estudos orientados por teorias sociopsicológicas específicas. Tal é o caso da teoria das representações sociais (Doise, 1984).

A teoria das representações sociais representa um problema que já é, historicamente, do interesse de outras ciências humanas, como a história, antropologia e sociologia (Jodelet, 2001). É uma teoria científica sobre os processos através dos quais os indivíduos em interação social constroem explicações sobre objetos sociais (Vala, 1996). O primeiro estudo orientado por essa perspectiva foi realizado por Moscovici (1961/1976) durante a década de 50, voltado a descrever as crenças dos diversos setores da sociedade francesa sobre um novo tipo de conhecimento científico e de práticas profissionais que se difundia no país: a psicanálise. Foram estudados os modos pelos quais o conhecimento científico é apropriado pelo conhecimento leigo.

Para explicar os sistemas de crenças específicos de categorias sociais da França, mais precisamente de Paris, investigados por meio de questionários direcionados a amostras representativas de grupos profissionais e por uma análise de conteúdo de meios de comunicação, Moscovici revitalizou o conceito de representação coletiva, inspirando-se em Durkheim. A mudança do termo representação coletiva para representação social ocorreu com a finalidade de ressaltar uma mudança de postura, o novo termo passou a indicar um fenômeno, enquanto o termo tradicional indicava um conceito passando-se de um conceito a um fenômeno, sendo tarefa da psicologia social explicá-lo (Moscovici, 2003).

É importante apontar que, de modo mais preciso, a teoria das representações sociais é um desenvolvimento da corrente sociopsicológica denominada pensamento social. Trata-se de uma abordagem dedicada à investigação dos processos cognitivos e construtos

relacionados ao modo como as pessoas pensam no cotidiano (Guimelli, 1999; Flament & Rouquette, 2003). Desse modo, a representação social é apenas uma dentre outras variedades de construtos do senso comum, juntamente com ideologias, atitudes, *nexus*, imagens sociais, dentre outros. No entanto, considera-se que o campo de estudo do pensamento social estruturou-se de modo mais decisivo, pelo menos no que diz respeito a sua participação na psicologia social francesa, a partir das pesquisas iniciais de Moscovici (1961/1976) e da proposição da teoria das representações sociais. Assim, em certo sentido a teoria das representações sociais confunde-se com o próprio corpo teórico do pensamento social. Além disso, a maior parte das pesquisas conduzidas no campo do pensamento social volta-se para questões relativas às representações sociais. Cabe, de qualquer maneira, esclarecer que a teoria das representações sociais visa explicar uma forma específica do pensamento social, ainda que muitas das descobertas teóricas e operacionalizações metodológicas sejam passíveis de transposição para outros construtos dessa natureza.

O que é proposto pela teoria das representações sociais é um estudo científico do senso comum. Por sua vez, o senso comum é objeto de estudo da psicologia social porque, de acordo com a teoria das representações sociais, essa modalidade de conhecimento varia conforme inserções específicas num contexto de relações sociais (Doise, 1985), isto é, esta forma de conhecimento está ligada à realidade dos grupos e categorias sociais, capacitando seus membros com uma visão de mundo e contribuindo para sua identidade social (Abric, 1998; Jodelet, 2001).

A psicologia social norte-americana possui suas origens no contexto científico europeu. Com a II Guerra Mundial houve um intercâmbio científico entre pesquisadores de ambos os continentes, que resultou, ao ser “traduzido” para a realidade das universidades norte-americanas, num paradigma científico individualista (Farr, 1998). A teoria das representações sociais, por outro lado, possui origens e desenvolvimento no continente

européu, especialmente no território francês, uma vez que Moscovici elegeu Durkheim como ancestral (Farr, 1994). Essa intimidade da teoria das representações sociais com a ciência sociológica qualifica-a como uma variedade sociológica da psicologia social, diferentemente da ciência sociopsicológica majoritária praticada nos Estados Unidos.

A teoria das representações sociais constitui-se tendo como pano de fundo a idéia de que o indivíduo extrai categorias de pensamento da sociedade. O conhecimento do senso comum não é uma versão primitiva e falha do conhecimento científico (Moscovici, 2003): essas formas de conhecimento possuem lógicas que operam com regras distintas (Grize, 2001; Rateau, 1995).

Nas seções seguintes pretende-se apresentar sistematicamente as características dessa teoria, de modo a situar presente trabalho. São abordados tópicos referentes à definição de representações sociais, às origens das representações, estrutura e funcionamento das representações sociais, relações entre representações sociais e representações individuais, e relações entre representações sociais e comportamento.

O problema da definição de representações sociais

Representação social designa ao mesmo tempo um produto e um processo (Valsiner, 2003). Enquanto processo, “... é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2001, p. 22). O processo de representar resulta em teorias do senso comum, elaboradas e partilhadas socialmente (Wagner, 1998), ligadas a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, isto é, a grupos sociais (Doise, 1985), que têm por funções explicar aspectos relevantes da realidade, definir a identidade grupal, orientar práticas sociais e justificar ações e tomadas de posição depois que elas são realizadas (Abric, 1998).

Uma representação, segundo a teoria das representações sociais, não é uma cópia fidedigna de algum objeto existente na realidade objetiva, mas uma construção coletiva em que as estruturas de conhecimento do grupo recriam o objeto com base em representações já existentes, substituindo-o (Moscovici, 1961/1976). Trata-se de uma perspectiva segundo a qual as representações não são meros elementos mediadores entre características ambientais e ações comportamentais, mas sim a realidade que se apresenta aos atores sociais determinando tanto a natureza das características do ambiente quanto às ações a serem efetuadas (Moscovici, 2003). Busca-se deixar claro que por representação não se entende reprodução, na teoria das representações sociais. Mesmo assim, Ibañez (1992) questiona a adequação do termo, que inevitavelmente carrega uma conotação ligada a noções de imagem e cópia, o que acaba implicando uma tendência a uma objetivação de representações, segundo a qual se poderia “olhá-las”, estando elas “localizadas” na realidade social. O autor aponta que se a teoria tivesse o nome de teoria das produções simbólicas coletivas, isso provavelmente não ocorreria.

Falar em teorias do senso comum pode implicar também uma aproximação excessiva com as características de teorias científicas, levando a identificar similaridades com as representações sociais, quando na verdade os produtos dessas duas formas de conhecimento – ciência e senso comum - estruturam-se e operam de modo distinto. Laszlo (1997) sugere que se fale em narrativas, construções criadas e compartilhadas socialmente para construir e organizar experiências sociais de modo a tornar o mundo inteligível, dando referências a memórias individuais. Carugati, Selleri e Scappini (1994) abordam as representações sociais como arquiteturas de cognições. Moscovici (1988) também se refere a uma representação social enquanto uma rede de conceitos e imagens que interagem entre si, cujos conteúdos evoluem continuamente.

O processo de representação social permite às pessoas interpretar e conceber aspectos da realidade para agir em relação a eles, uma vez que a representação toma o lugar do objeto social a que se refere e transforma-se em realidade para os atores sociais. As representações sociais tanto são normativas, inserindo objetos em modelos sociais, quanto são prescritivas (Moscovici, 2003), servindo de guia para ações e relações sociais (Abric, 1998). A finalidade das representações sociais é classificar os eventos da vida social segundo uma grade de interpretação grupal, permitindo ações relativas a esses acontecimentos. Segundo Moscovici (1961/1976), a representação social é uma forma de conhecimento que visa a transformar o que é estranho em familiar, por meio da agregação da novidade a estruturas de conhecimento já existentes e dotadas de certa estabilidade. Valsiner (2003) afirma que o processo da representação social diz respeito à construção de signos para lidar com um futuro imediato desconhecido, delimitando sua incerteza; nesse sentido, as representações sociais transformam o futuro em passado.

Assim, as representações sociais, enquanto forma de conhecimento, possuem finalidade até certo ponto oposta à do conhecimento científico. A ciência traça o caminho inverso, buscando estranhar fenômenos que à primeira vista são familiares ou inteligíveis, para chegar a conhecimentos válidos sobre a realidade (Moscovici, 2003). As representações sociais possuem uma lógica específica que se aproxima do pensamento ingênuo: aspectos racionais e irracionais são integrados, dando-se prioridade às conclusões e soluções que às premissas (Abric, 1996; Moscovici, 2003). Menciona-se o pensamento ingênuo porque é uma forma de conhecimento que não se debruça sobre si mesma, sendo “absorvida” por seus conteúdos, voltando-se para resultados práticos (Rouquette, 2005).

Critérios para o reconhecimento de representações sociais

A noção de representação social apresentada pode parecer demasiado ampla, o que dificultaria a realização de estudos científicos rigorosos. Por esse motivo, é essencial o estabelecimento de critérios para definir representações sociais. Wagner (1998) apresenta cinco critérios derivados de um caráter sócio-genético teoricamente suposto, que especificam os processos e produtos sócio-representacionais. Esse caráter sócio-genético refere-se às características das representações sociais que são devidas ao fato de elas serem produzidas e compartilhadas por membros de grupos sociais.

O primeiro desses critérios é o consenso funcional: papel desempenhado pela representação para manter a unidade do grupo, orientar as autocategorizações e interações de seus membros. Esse critério diferencia-se de uma noção de consenso numérico referente a compartilhamento simples de conteúdos representacionais por uma grande quantidade de indivíduos (Wagner, 1998).

Um segundo critério é a relevância: as representações sociais referem-se a objetos sociais relevantes para os atores sociais em questão (Sá, 1998; Wagner, 1998). O objeto das representações sociais é o objeto implicado em práticas, especialmente práticas de comunicação (Rouquette, 2005). Para que uma representação social seja estruturada e organizada, é necessária uma situação de debate e controvérsia na sociedade (Wagner, 2003). Caso isso não ocorra, a representação pode possuir organização frágil, tratando-se às vezes somente de uma atitude social, mais instável (Bergmann, 1998).

O critério de prática aponta que uma representação existe se é acompanhada por correspondência nas práticas realizadas por uma quantidade razoável de pessoas num grupo reflexivo. O comportamento associado à representação deve constituir parte da rotina do grupo (Wagner, 1998).

O quarto critério denomina-se critério de holomorfose, segundo o qual as representações sociais sempre contêm referências à pertença grupal, por serem parte da identidade social. A respeito da questão sobre diferenças entre representações sociais e individuais, o critério de holomorfose adquire importância fundamental para delinear um limite entre pensamento social e individual. Enquanto o conhecimento individual baseia-se em experiências pessoais que não dizem respeito ao grupo, as representações sociais trazem meta-informações sobre o grupo. Cada indivíduo vinculado a um grupo possui, potencialmente, conhecimento sobre como outros membros se comportariam numa dada situação ou pensariam sobre ela (Wagner, 1998). As pessoas geralmente tendem a projetar suas crenças em outras pessoas que partilhem sua pertença grupal, quando se trata de crenças fundadas em representações sociais; o mesmo não acontece com crenças ligadas a representações individuais. As pessoas conseguem discernir com alguma competência entre crenças que são partilhadas e formam um sistema de senso comum específico a um grupo ou categoria social, ou mesmo hegemônico, e entre representações que lhes sejam particulares. Por essa razão, o critério de holomorfose é útil para distinguir entre representações sociais e individuais, ao passo que outros aspectos funcionais, estruturais e de compartilhamento podem não sê-lo (Wagner, 1995).

Um último critério é o de afiliação, segundo o qual é possível delimitar uma realidade sócio-grupal dentro da qual certa representação existe. É o lado objetivo do critério de holomorfose, permitindo validar este último (Wagner, 1998).

Wagner (1998) aponta que nem todos os critérios apresentados estão necessariamente presentes em todas as representações uma vez que há diferenças estruturais e funcionais em representações de diferentes tipos, como as representações cujos objetos são objetos culturalmente construídos, aquelas que se dirigem as condições e eventos sociais contemporâneos e representações de idéias científicas socializadas.

Origens das representações sociais

Em certo sentido, as representações sociais, enquanto fenômenos dinâmicos ligados a contextos sociais específicos, são característicos das sociedades modernas (Moscovici, 2003). Isso ocorre devido ao desenvolvimento dos métodos e das tecnologias de comunicação, que se modificaram consideravelmente com o advento da Modernidade. Diferente do que acontecia nas sociedades tradicionais, em que as representações coletivas eram fatos sociais coercitivos e partilhados por praticamente todos os integrantes de uma civilização, na era moderna houve uma descentralização dos detentores de poder, agentes sociais responsáveis pela legitimação e produção do conhecimento social. O conhecimento científico constitui um exemplo de empreendimento que surge para contestar representações fundadas em sistemas feudais ou religiosos. Aliada ao advento dos meios de comunicação de massa, essa alteração viabilizou a emergência de novos núcleos sociopsicológicos de produção de conhecimento do senso comum e uma conseqüente diversificação das representações, bem como a redução de sua estabilidade (Duveen, 2003).

Se, num sentido amplo, as representações coletivas das sociedades tradicionais e as representações sociais modernas podem equivaler-se (Moscovici & Marková, 2003), por outro lado é possível identificar diferenças significativas em suas propriedades. As representações coletivas são muito abrangentes, constituindo sistemas cognitivos compartilhados por grandes coletividades, como uma sociedade inteira. Além disso, são quase estáticas, por assim dizer: a mudança ocorre só em condições excepcionais, de crise. As representações sociais apresentam estabilidade variada, mas devido à fluidez da comunicação dos tempos atuais, alteram suas configurações de conteúdo e estrutura continuamente. A abrangência das representações sociais também é consideravelmente mais limitada, situando-se em grupos definidos (Moscovici, 1988).

As representações sociais são construídas e difundidas por meio da interação pública entre atores sociais, em práticas de comunicação do cotidiano (Moscovici, 1961/1976; 2003). Por meio da comunicação que ocorre dentro dos grupos próprios e também num contexto intergrupais são negociadas convenções para lidar com os eventos da realidade. Os pontos de referência para pensar sobre e agir em relação aos objetos sociais são, desse modo, específicos a posições específicas no contexto social, isto é, a grupos, estruturados em maior ou menor extensão (Doise, 1985). Para Wagner (1998), as representações sociais indicam um fenômeno específico de grupos cujos membros efetivamente se definem como integrantes de um grupo e conhecem os limites e critérios para definir quem participa do grupo ou não. São os chamados grupos reflexivos, distintos dos grupos nominais ou taxonômicos, que são definidos arbitrariamente por um observador externo (geralmente o pesquisador), independentemente do reconhecimento de pertença grupal pelos membros.

Cabe ressaltar que as representações sociais têm a comunicação de massa como condição de possibilidade e determinação (Jodelet, 2001), pois é por meio da comunicação em larga escala que idéias podem difundir-se extensivamente e chegar a membros de grupos sociais, gerando debate na esfera pública. Assim, o conhecimento social é criado e recriado, tendo como vetores os veículos de comunicação social (Camargo, 2003). O modo como são comunicadas as representações também é importante. Representações difundidas segundo sistemas de comunicação distintos quanto a objetivos, destinatários, recursos argumentativos e contextos de relações intergrupais em que se situam implicam diferenças nos conteúdos e estruturas representacionais (Moscovici, 1961/1976).

Em alguns casos, as representações parecem veicular crenças arcaicas, ligadas a sistemas de pensamento mais amplos, mantidos por grupos sociais por séculos (Jodelet, 2001). Moscovici e Vignaux (2003) apresentam a hipótese de que as representações sociais

originam-se de idéias-chave que permeiam o pensamento social, que possuem longa duração e estabilidade. Assim, as representações sociais ancoram-se nesses temas antigos, os *themata*. Os autores comparam essas idéias-fonte a axiomas de teorias do senso comum, sendo as representações sociais neles ancoradas o equivalente a teoremas derivados. As representações sociais, assim, poderiam ser tomadas como temas metodológicos passíveis de aplicação a campos da realidade, funcionando como chaves interpretativas. Para Rouquette (2005) as representações sociais são geradas por ideologias. As representações sociais seriam um *espécimen* gerado e englobado por uma formação ideológica, de nível hierárquico superior enquanto forma de pensamento.

Estrutura e funcionamento das representações sociais

Em relação ao funcionamento das representações sociais, Moscovici (1961/1976) identifica dois processos principais: objetivação e ancoragem. A objetivação é o processo por meio do qual um conceito ou noção abstrata ganha forma e torna-se concreta por meio de imagens ou idéias (Vala, 1996), resultando numa organização estrutural dos conteúdos semelhante a um mapa conceitual (Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992). A ancoragem é o processo de classificar informações sobre um objeto social em relação a estruturas de conhecimento anteriormente existentes; assim as representações sociais dependem de uma memória coletiva (Moscovici, 2003).

Muitos avanços foram alcançados por pesquisas destinadas a investigar as maneiras como as representações sociais se organizam, operam e se modificam. O estudo do campo de representação, isto é, da estrutura das relações entre conhecimentos (Capozza, Falvo, Robusto & Orlando, 2003), equivale ao estudo do processo de objetivação (Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992). A Escola de Aix-en-Provence (Abric, 1998) propõe

um estudo aprofundado, fundamentado em pesquisas experimentais, para conhecer a estrutura das representações sociais (Abric, 2001; Moliner, 1994a).

Os conceitos, idéias ou noções que compõem as representações sociais organizam-se numa estrutura de conhecimento (Abric, 1998) que relaciona estes elementos, segundo uma lógica natural, diferente da lógica formal acadêmica (Rateau, 1995). Essa organização estrutural possui natureza hierárquica, o que implica dizer que os sistemas de cognições interligadas diferenciam-se quanto a suas naturezas e funções relativas à representação.

Anteriormente apresentamos a comparação de representações sociais a redes dinâmicas de conceitos e imagens (Moscovici, 1988) e arquiteturas de cognições (Carugati, Selleri e Scappini, 1994). São noções que de certo modo já assumem seu caráter estrutural, pois trazem implícita a necessidade de princípios de organização e encadeamento de elementos cognitivos.

Uma representação social estruturada é formada por dois sistemas de cognições: sistema central e sistema periférico (Sá, 1996). O sistema central compreende as cognições que determinam a identidade da representação, isto é, a existência de sistemas centrais diferentes é que indica a existência de representações diferentes, enquanto que representações com sistemas centrais idênticos, não importando as demais cognições, podem ser consideradas idênticas (Abric, 1998). Outras funções do sistema central são dar estabilidade à representação e organizar seus elementos (Abric, 2003).

O sistema central contém os elementos mais estáveis da representação, o que significa que dificilmente se alteram (Abric, 2003). Bauer (1994) afirma que as representações sociais funcionam como um sistema imunizante que neutraliza ativamente inovações simbólicas através de sua ancoragem em formações tradicionais. Uma mudança no sistema central acarreta uma mudança de representação: são elementos não-negociáveis (Abric, 2003). As cognições centrais são mais frequentes e aparecem fortemente ligadas às

outras cognições (Campos, 2003). Além disso, os componentes desse sistema geralmente são abstratos e tratam de aspectos normativos da representação, ligados a sistemas de valores (Abric, 2003). Como hipótese a ser verificada, é possível associar os elementos do sistema central com os *themata* mencionados anteriormente, como unidades cognitivas estáveis e duráveis (Abric, 1996).

Os elementos não-centrais constituem o chamado sistema periférico. Enquanto os elementos centrais são mais abstratos e possuem natureza normativa, os elementos periféricos referem-se a scripts de práticas concretas, são como esquemas, de natureza mais funcional: descrevem e determinam ações (Abric, 2003; Flament, 2001). São esses elementos mais concretos, em ligação com os elementos centrais, que garantem que a representação social seja um guia de leitura para a realidade, relacionando-se com eventos do cotidiano dos atores sociais (Campos, 2003). Talvez por esse motivo, seu significado tenha menor flexibilidade.

Tradicionalmente se pensava que o sistema central possuiria uma função geradora, isto é, direcionaria unilateralmente o sentido dos demais elementos da representação (Abric, 1998); no entanto, há indícios empíricos de que os significados de elementos centrais freqüentemente se flexibilizam, enquanto que os de elementos não-centrais para a representação mantêm-se mais estáveis. De acordo com esses resultados, os elementos centrais, apesar de mais presentes, situam os indivíduos no contexto de comunicação, tendo, contudo, significados mais flexíveis. Assim, a função do sistema central assemelha-se a uma marcação denotativa, viabilizando a comunicação mais por meio de “rótulos” para orientar interações com significados fluidos que pela geração de significados numa determinada direção (Moliner & Martos, 2005).

Já os elementos periféricos são mais concretos e possuem significados menos variáveis, sendo pertinentes a situações mais particulares, em vez de definir a

representação para muitos indivíduos. São elementos mais instáveis, que se modificam com facilidade devido a alterações no contexto dos grupos sociais e sua relação com algum objeto social. Servem como um escudo para o sistema central, adaptando-se a alterações contextuais ao mesmo tempo em que é preservada a integridade do sistema central. Mas há casos em que ocorrem transformações radicais e irreversíveis, nos quais os elementos centrais transformam-se, o que acarreta uma nova representação (Guimelli, 1993; Flament, 2001). A diferença entre elementos centrais e periféricos não é questão de saliência quantitativa, mas, sobretudo, qualitativa: efetivamente é o papel diferenciado na representação, por tratar-se de elementos vinculados a sistemas diferentes, que permite distinguir entre uns e outros. A necessidade de apoiar-se em alguns elementos, ditos centrais, para definir a representação, é que os diferencia do sistema periférico (Flament, 1994).

Os elementos representacionais são ativados diferentemente segundo a natureza do objeto social visado, as relações do grupo com o objeto, o contexto de enunciação da representação e a finalidade do objeto na situação (Campos, 2003). Quanto mais ativado é um elemento, mais importante ele é para essa situação específica, enquanto outros elementos podem permanecer “adormecidos” (Abric, 2003).

Além disso, também são estudadas as relações entre representações sociais diferentes. As representações sociais podem ser autônomas, isto é, possuírem um sistema central bem definido, ou não. No segundo caso, remete-se a outras representações sociais (Flament, 2001). Vergès (2005) afirma que há casos em que algumas representações são dependentes de outras, especialmente no caso de objetos sociais novos, que são elaborados em referência a outros mais antigos. Segundo Morin e Vergès (1992), na década anterior a AIDS enquadrava-se nessa situação, sendo classificada de modo semelhante a objetos

como doença e flagelo social. Mas cabe lembrar que, segundo a noção de ancoragem, não há uma representação “pura”, no sentido de independente das outras.

Numa perspectiva estrutural, foram identificados dois tipos de relações entre representações sociais: encaixe e reciprocidade. Na relação de encaixe, a representação social de um objeto dependente de outro contém o objeto hierarquicamente “superior”, de natureza normativa, como um elemento em seu sistema central. Representações “encaixadas” em outras são não-autônomas, referem-se ao mesmo tipo de valor, diferenciando-se na dimensão funcional do sistema central. A relação de reciprocidade implica duas representações em que cada um dos objetos sociais a que se referem está presente no sistema central da outra representação. Esses elementos “cruzados” são de ordem funcional, sendo os elementos normativos específicos de cada representação (Abric, 2003).

Há uma outra perspectiva de estudo do campo da representação, apresentada pela Escola de Genebra. Trata-se de uma perspectiva não consensual das representações sociais, que são tomadas como princípios geradores de variações entre tomadas de posição de indivíduos. Esses princípios estão ligados a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais e organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações (Doise, 1985; Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992). Assim, o estudo não enfoca propriamente estruturas representacionais objetivadas de um grupo, mas em vez disso dá ênfase aos pontos de referências que orientam o debate social, permitindo o posicionamento de grupos e indivíduos em diversas localidades desse “espaço” de conhecimento. Segundo a perspectiva de Genebra, são esses princípios organizadores, esses pontos de referência que esboçam as condições e os termos de discussão e elaboração do pensamento sobre um dado objeto social, que são compartilhados. As pesquisas voltadas para essa perspectiva permitem um estudo da ancoragem, por delimitar as diferenças de pessoas e categorias

sociais com características e estatutos distintos no que diz respeito a suas concepções partilhadas sobre objetos sociais (Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992).

É importante vincular as teorias provenientes das Escolas de Aix-en-Provence e Genebra, pois ambas se complementam. Se por um lado a perspectiva estrutural não ancora a estrutura do conhecimento a dinâmicas sociais, priorizando a objetivação das representações, por outro a Escola suíça não enfatiza as funções do sistema central (Molinari & Emiliani, 1996). A princípio poder-se-ia pensar que são teorias incompatíveis, pois a escola francesa apresenta resultados que sustentam uma visão segundo a qual há elementos compartilhados extensivamente no grupo e que determinam a representação, enquanto a perspectiva suíça não abordaria um compartilhamento propriamente de cognições constituintes de representações, mas de contextos orientadores para a tomada de posição individualizada. No entanto, Rateau (2004) apresenta resultados de experimentos que evidenciam a relação de complementaridade entre os estudos das duas vertentes. Ao investigar a representação social de estudantes sobre os estudos, identificou a existência de três princípios organizadores da representação, isto é, as representações situam-se em relação à finalidade pragmática dos estudos, finalidade intelectual, e o investimento realizado. Mesmo situando suas representações tomando como referência essas três dimensões, os grupos pesquisados, estudantes de diversos níveis, apresentam estruturas representacionais e, mais especificamente, sistemas centrais também distintos. Ou seja, princípios transversais e abstratos são partilhados por vários grupos, mas em cada um deles ocorrem tomadas de posição específicas, consensuais e não negociáveis em função da inserção sociopsicológica das pessoas. Cada grupo remete-se a uma representação própria, com sistema central e periférico, situada num espaço de debate comum a outros grupos que mantenham relações com o objeto social referente às representações.

Representações sociais e representações individuais

Uma preocupação legítima para o psicólogo social consiste em inquirir sobre a extensão em que os indivíduos compartilham representações sociais e têm crenças e comportamentos orientados por elas, ou mesmo a maneira como os indivíduos participam para construí-las e comunicá-las. Afinal, como interagem as representações sociais e as representações individuais? Nesse ponto, a relação entre indivíduos e representação é tão importante quanto complexa em sua apreensão, por exigir um esforço de aproximação entre níveis de análise distintos.

Freqüentemente, o aprendizado de conteúdos de representações sociais ocorre antes de uma conceituação sobre objetos da realidade. Crianças são capazes de emitir julgamentos razoavelmente sistemáticos antes de terem idéias estruturadas sobre as coisas; no desenvolvimento das representações sociais, a valorização precede a construção de conceitos sólidos (Duveen & De Rosa, 1992). Se pensarmos nas relações entre cognições individuais e pensamento social, estudar as representações sociais é estudar as regulações de metassistemas cognitivos de ordem social no sistema cognitivo individual (Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992). Assim, as representações sociais são sistemas objetivos de restrições (Rouquette, 1995). Segundo Doise (2001a), os mesmos indivíduos podem referir-se a metassistemas diferentes de acordo com as especificidades das situações com que se deparam.

As representações sociais precisam ser transformadas em representações intra-individuais para que possam explicar ou orientar crenças e comportamentos individuais (Deveureux, 1961 apud Wagner, 1994). Seria improvável supor que os indivíduos pertencentes a um grupo social compartilham os mesmos elementos de uma representação social, como uma espécie de consenso simplista (Rose, Efraim, Gervais, Joffe, Jovchelovitch & Morant, 1995), e que essa representação provocaria os mesmos efeitos em

suas representações cognitivas particulares. De fato, as duas perspectivas detalhadas na seção anterior tratam dessa questão. Para a Escola de Genebra, as representações são estudadas enquanto conhecimento específico de indivíduos que se situam num espaço de discussão comum (Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992). Para a Escola de Aix-en-Provence, existem elementos estruturais centrais que definem a especificidade das representações e são de fato compartilhados, mas há também elementos periféricos que dão conta dos contextos particulares em que essas teorias são empregadas no cotidiano, abarcando o conhecimento idiossincrático e não-compartilhado. Os elementos periféricos são os aspectos individualizados das representações sociais (Abric, 1998; Flament, 2001).

É pertinente apontar que a posição desenvolvida no presente trabalho baseia-se num espaço de explicação macro-redutivo das relações entre representações sociais e representações intra-individuais, conforme o princípio da prioridade taxonômica para explicar as relações entre níveis de agregação hierarquizados de fenômenos (Harré, 1979, 1980 apud Wagner, 1994). Segundo esse princípio, é necessário compreender os fenômenos em nível molar para explicar fenômenos de um nível de agregação subordinado, de nível molecular. No presente caso, as representações sociais são o fenômeno de nível superior e as representações individuais, o de nível inferior: de acordo com a perspectiva adotada, as representações do indivíduo só fazem sentido se contextualizadas em seu meio social (Wagner, 1994).

A partir de uma perspectiva macro-redutiva, faz sentido partir das representações sociais, isto é, do pensamento coletivo, para explicar processos sociopsicológicos comumente estudados sob uma ótica individual. Nesse sentido, os fenômenos característicos do domínio da cognição social, que se ocupa de como os indivíduos formulam percepções sobre os outros, atribuem causas à realidade social, e formam e mantêm atitudes sociais (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999), poderiam ser

considerados como contrapartes individuais da realidade coletiva das representações sociais. Adotando-se esse modelo, a teoria das representações sociais passa a dispor de grande capacidade integrativa em psicologia social.

De fato, em diversas situações aparenta ser válido estudar as atitudes como representações sociais (Doise, 2001b), ou conceber a atitude como um aspecto subjetivo de representações e valores compartilhados por grupos (Jaspars & Fraser, 1984). Mesmo em nível coletivo, sugere-se que a atitude, ou carga afetiva, seja tomada como uma dimensão presente na representação social (Moscovici, 1961/1976).

Também uma tentativa de integrar os domínios da atribuição de causalidade e das representações sociais poderia complementar significativamente os avanços realizados pelas duas perspectivas, uma vez que ambos os campos lidam com muitos problemas em comum (Hewstone, 2001). É possível vincular as teorias de atribuição de causalidade e as representações de modo análogo ao proposto acima para as atitudes, subordinando as atribuições a teorias de senso comum que as orientariam numa ou noutra direção. Assim, as representações sociais atuariam como mediadoras de atribuições individuais (Moscovici, 2003).

Se por um lado esse projeto de integração entre cognição social e a teoria das representações sociais gera controvérsias, apresenta-se coerente dentro de um espaço de explicação macro-redutivo. Não se pretende implicar, contudo, que o recurso a noções de nível macro seja capaz de dar conta de todos os aspectos de fenômenos de um nível mais molecular. Explicações situadas num espaço homológico (isto é, explicações de fenômenos micro por meio a uma realidade micro e explicações de fenômenos macro com base em recursos explicativos também situados no nível macro) mostram-se adequadas (Wagner, 1994) e cobrem aspectos distintos dos explicados conforme um modelo macro-redutivo.

Ao delimitar como objetivo estudar representações individuais e sociais em relação umas às outras, cabe listar algumas perguntas norteadoras de base. O que distingue uma variedade de representação da outra? Noutras palavras, quais as características distintivas das representações sociais e das representações individuais? Partindo de uma explicação macro-redutiva, como as representações sociais criam as condições para desenvolvimento das representações cognitivas individuais? E finalmente, em que situações as representações sociais adquirem relevância para os indivíduos?

A respeito da questão sobre diferenças entre representações sociais e individuais, o critério de holomorfose, já apresentado, adquire importância fundamental para delinear um limite entre pensamento social e individual. Ao adotar como critério para a definição de representações sociais a característica de holomorfismo, abre-se a possibilidade de conceber o desenvolvimento de representações individuais baseadas na experiência pessoal. Por sua vez, essas representações particulares são constantemente balizadas por representações sociais, que são trazidas à tona à medida que situações com relevância para os grupos que detêm essas representações entram em evidência no contexto social. Algumas dessas teorias de senso comum condicionam a experiência individual, e dão sentido às representações idiossincráticas que são construídas tendo como pano de fundo esses ambientes cognitivos.

Mesmo que um dado indivíduo possua crenças que questionem os conteúdos da representação de seu grupo, ele tem consciência da existência da representação social, e provavelmente saberá que se trata de um conhecimento mais ou menos atribuído àquela categoria social de que faz parte, ou a uma outra. No caso, a representação social não determina sua representação individual, mas serve como uma referência para que esta seja construída. Percebe-se que, segundo essa perspectiva, não há conflito entre as noções de

representações do grupo e do indivíduo, ao mesmo tempo em que é respeitada a especificidade de cada uma.

Assim, por exemplo, seria perfeitamente viável que nos anos 50 os integrantes do partido comunista francês considerassem a psicanálise como uma doutrina pseudocientífica com objetivo oculto de disseminar os valores norte-americanos (Moscovici, 1961/1976) ao mesmo tempo em que um simpatizante desse partido discordasse dessa concepção, entendendo a psicanálise de modo não tão negativo ou mesmo refutando a idéia típica de seu grupo. Mesmo assim, esse simpatizante teria alguma consciência do que os comunistas pensavam, bem como outros segmentos relevantes, e até mesmo opostos, da sociedade. Aliás, mesmo refutando os elementos da representação dos comunistas sobre a psicanálise, o próprio emprego das mesmas dimensões de avaliação para caracterizar esse objeto social já implicaria uma influência da representação social na representação individual.

Breakwell (1993), buscando apresentar pontos de ligação entre a teoria da identidade social com a teoria das representações sociais, levantou a hipótese de que a disponibilidade e emprego do conhecimento das representações sociais por um indivíduo provavelmente são função de sua posição no grupo e relação com o objeto social. Uma operacionalização da relação entre indivíduo e objeto social é a noção de implicação, empregada por pesquisadores da tradição estruturalista das representações sociais (Flament & Rouquette, 2003). Trata-se de um construto formado por três dimensões supostamente independentes: identificação pessoal, ou julgamento acerca da importância particular de um objeto para o indivíduo; valorização do objeto, ou julgamento acerca da importância desse objeto; e possibilidade percebida de ação, que viria a ser uma avaliação acerca do controle que o indivíduo tem sobre questões relativas ao objeto social.

Existe um outro ponto a considerar que complexifica as interações entre representações sociais e representações individuais. A identidade social é a parcela do

autoconceito individual que deriva do conhecimento de pertença a grupos ou categorias sociais (Tajfel, 1982). Na sociedade contemporânea, todas as pessoas pertencem a uma grande quantidade de categorias sociais (Tajfel, 1973): ao mesmo tempo em que um indivíduo é brasileiro, por exemplo, pode ser partidário de idéias políticas de esquerda, pode pertencer a uma categoria profissional de engenheiros, e torcer por um determinado clube de futebol. No entanto, algumas dessas pertenças são para ele mais importantes que outras, tanto num nível geral quanto em situações específicas. Breakwell (1993) aponta a necessidade de realizar pesquisas investigando as relações entre múltiplas pertenças grupais de um mesmo indivíduo e representações sociais. Quais representações são ativadas, nesses casos?

Há que se levar em consideração que as pessoas não se orientam por uma única representação social frente a um dado objeto social, mas potencialmente por tantos quantos sejam os grupos de que os indivíduos tomam parte. Evidentemente, algumas dessas representações mostram-se mais pertinentes ao se levar em conta que algumas pertenças grupais gozam de maior valoração por parte do indivíduo de que outras. Parece razoável supor que uma representação social torna-se relevante para um indivíduo, sobretudo quando a pertença grupal correspondente à representação lhe seja saliente (Vala, 1996). Um aspecto da teoria das representações sociais que justifica a execução de estudos é o da conjugação das teorias do senso comum com o funcionamento cognitivo individual, para verificar se, efetivamente, e em que condições, as pessoas orientam-se por representações de diversos grupos em situações de ativação diferencial das pertenças grupais.

Além disso, Breakwell (1993) também questiona se poderia haver uma interação entre representações sociais. Caso isso seja verdade, o conhecimento proveniente de contextos grupais diferentes, vinculado a pertenças grupais de um mesmo indivíduo, pode

mesclar-se em representações individuais devido à sua coexistência para o indivíduo. Mais uma vez, isso também se configura como uma hipótese a ser verificada em pesquisas.

Representações sociais e comportamento

Para finalizar, é pertinente apresentar algumas considerações sobre as relações entre representações sociais e comportamento. Cabe esclarecer que o sentido dado à palavra comportamento, aqui, é o de ação observável, emitida por indivíduos seja em contextos particulares ou interações claramente sociais. Na literatura sobre representações sociais, o termo comportamento freqüentemente assume a forma de práticas sociais. Nesse caso, interessa o comportamento emitido por indivíduos enquanto membros de grupos. Embora Rouquette (1998) aponte para a complexidade da noção de práticas sociais e para a polissemia do termo, empregaremos comportamentos e práticas sociais como sinônimos no presente trabalho, julgando que isso dê conta dos fins propostos para a argumentação.

Bergmann (1998) considera as representações sociais como disposições comportamentais adquiridas, juntamente com os outros conceitos sociopsicológicos de valores e atitudes, com maior estabilidade que as últimas. Para a teoria das representações sociais, o comportamento é ação refletida (Wagner, 2003). Prever comportamento a partir de representações sociais não é uma operação direta, pois há grande quantidade de variáveis que atuam na determinação de ações humanas. A teoria das atitudes já avançou significativamente quanto a isso. Segundo Ajzen (2001), as pessoas agem conforme suas intenções e percepções de controle sobre o comportamento, sendo as intenções influenciadas pelas atitudes frente ao comportamento e normas subjetivas percebidas.

Uma reflexão semelhante pode ser feita segundo a teoria das representações sociais. Há diversos tipos de ações emitidas, e apenas uma parcela dessas formas de comportamento poderia ser explicada pelas representações sociais às quais os indivíduos

aderem. Vala (1996) refere-se a isso como a distinção entre comportamentos representacionais e comportamentos situacionais. No primeiro caso, características do ambiente imediato em que ocorre a ação não-relacionada à representação seriam menos importantes, e assim o conteúdo da representação social teria significativo valor preditivo sobre alguma ação efetuada. Já no caso de comportamentos situacionais, as características do contexto, e não a representação social, seriam mais salientes e, portanto, dirigiriam a direção do comportamento; e neste caso a representação social possuiria, no sentido de prever comportamento, menos importância.

A noção de sistema periférico, proveniente da perspectiva estrutural, também é útil para evidenciar as relações entre representações e comportamento individual. De acordo com Flament (2001), os elementos periféricos permitem a ligação entre elementos abstratos e essenciais à representação e contextos particulares de uso ou relevância da representação; atuam como esquemas ou *scripts* de ações relativas ao objeto da representação social, e, portanto, em certo sentido, permitem “explicar” o comportamento.

Entretanto, a distinção entre representação e comportamento é contestada por alguns autores. Para Wagner (1994), a representação não explica a ocorrência de comportamentos; o próprio comportamento faz parte da representação. Dizer que a representação explica o comportamento seria, assim, seguir o raciocínio dos próprios atores sociais, e não uma realidade científica. Ações seriam exemplos do conteúdo representacional, num outro tipo de registro. Para o autor, o que deve ser explicado não é a relação entre representação e comportamento, mas a relação do complexo representação-ação e suas conseqüências na realidade social. Como exemplo, é citado o caso de um protesto universitário ocorrido na Bélgica, em que a existência de representações divergentes entre estudantes, e conseqüentes problemas de comunicação, explicariam o fracasso do movimento.

Já Rouquette (1998) afirma que as representações exercem coerção variável sobre as práticas sociais: uma ação pode ser revista ou recalculada a partir dos conteúdos representacionais, não implicando, portanto, determinação direta. As representações sociais seriam um componente da situação e uma direção para a prática, semelhantes a dados de um problema.

As influências de representações sociais e práticas sociais são de mão dupla. Para Rouquette (1998), as representações sociais são condições de práticas e as práticas são agentes de transformação de representações. Ambas possuem efeito umas sobre as outras: a adoção de práticas sociais contraditórias com uma representação pode provocar mudanças tanto no sistema periférico quanto central (Abric, 1998). Há situações, que envolvem configurações específicas como conflito intergrupais ou comportamento cooperativo, em que há evidências para considerar a determinação de práticas pelas representações. E finalmente, há ocasiões em que representações e práticas formam uma relação circular interagindo mutuamente, dificultando a identificação de uma relação de causalidade. Ainda não se chegou, contudo, a um modelo único das relações entre comportamentos e representações sociais. (Campos, 2003).

Representações sociais e método

Métodos de investigação de representações sociais

As pesquisas que se dedicam à investigação dos processos descritos e implicados pela teoria das representações sociais possuem como característica distintiva uma pluralidade metodológica no que diz respeito a delineamentos gerais de investigação, procedimentos de coleta de dados e análise de dados. Isso vai ao encontro de Bauer, Gaskell e Allum (2002), que apontam para a dificuldade em diferenciar claramente pesquisas de tipo qualitativo e quantitativo, entendendo que os delineamentos, processos de geração de dados, análise e determinação de interesses do conhecimento constituem escolhas relativamente independentes que se combinam para dar forma a projetos específicos de pesquisa.

Se por um lado a possibilidade de utilização de diversas estratégias metodológicas é uma realidade que não se restringe apenas a estudos voltados para as representações sociais, mas se estende à própria psicologia social, de que a teoria das representações sociais é apenas um artefato teórico e identificador de um domínio fenomênico de investigação (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000), por outro essa pluralidade encontra-se em forma mais intensa nos estudos dedicados a essa perspectiva. Na psicologia social, em nível mundial, houve historicamente e ainda há um predomínio de pesquisas experimentais. Já os estudos sobre representações sociais mostram-se mais variados, possivelmente em virtude tanto da maior abertura dos conceitos e noções contidos na teoria.

Devido à recusa de Moscovici em definir de modo claramente operacional a noção de representações sociais, para evitar cristalização prematura da área, foi estimulada a

emergência de correntes teóricas derivadas lideradas por pesquisadores como Flament, Abric, Doise e outros que deram origem a escolas de investigação das representações sociais com conceitos e estratégias de investigação próprios (Moscovici, 1988; Abric, 1998; Doise, 1985; Flament, 1981b).

Desde a proposição da teoria das representações sociais foram adotadas diferentes estratégias para caracterizar as teorias de senso comum e as relações de seus processos constituintes (Wagner, Duveen, Farr, Jovchelovitch, Lorenzi-Cioldi, Marková & Rose, 1999; Nascimento-Schulze & Camargo, 2000). A seguir mencionamos alguns exemplos para ilustrar essa variedade. Há uma convivência de delineamentos de inquérito (Moscovici, 1961/1976; Sá, 1998; Pereira & Camino, 2003), pesquisas observacionais (Jodelet, 2005), pesquisas documentais (Moscovici, 1961/1976; Ordaz & Vala, 1998; Camargo, 2003; Lahlou, 2003; Castro, 2005) e delineamentos experimentais (Moliner, 1994a; Abric, 2001; Tafani & Bellon, 2003). Em termos de instrumentos de coleta de dados, faz-se uso de entrevistas orientadas por um olhar etnográfico (Jodelet, 2005), grupos focais e de discussão (Banchs, 2005), instrumentos de associação (Vergès, Tyszka & Vergès, 1994; Pereira, 2001; Guimelli, 2003), escalas psicométricas (Capozza, Falvo, Robusto & Orlando, 2003), e questionários com composições variadas. Camargo, Wachelke e Aguiar (2005) analisaram aspectos metodológicos dos trabalhos apresentados nas Jornadas Internacionais sobre Representações Sociais, o congresso científico mais importante do Brasil sobre representações sociais, e constataram grande variabilidade acerca de instrumentos e delineamentos de pesquisa utilizados, confirmando uma diversidade metodológica.

Quanto às técnicas de análise de dados, são empregadas pelos pesquisadores técnicas distintas conforme os delineamentos utilizados e interesses de pesquisa em termos dos processos que se deseja investigar (Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992). Assim,

podem ser mencionados análise de conteúdo (Bardin, 1977; Bauer, 2002), análise de classificação hierárquica para dados textuais (Flament, 1981b; Camargo, 2005; Oliveira, Gomes & Marques, 2005); análise fatorial de correspondências (Cibois, 1983; Oliveira & Amâncio, 2005); análise das evocações livres (Vergès, Tyszka & Vergès, 1994; Sá, 1996; Oliveira, Marques, Gomes & Teixeira, 2005); análise de similitude (Degenne & Vergès, 1973; Flament, 1981b); análises de variância para comparação de médias (como em Moliner & Martos, 2005), técnicas expressivas de desenho (Duveen & De Rosa, 1992), análise de facetas (Buschini, 2005); escalamento multidimensional, análise indscal, análise discriminante (Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992), análise fatorial e de componentes principais (Doise Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992) e outras, muitas das quais são construídas e re combinadas em função de projetos particulares de investigação. Com uma crescente complexificação dos estudos, tornaram-se cada vez mais populares as técnicas multivariadas de análise de dados (Di Giacomo, 1981; Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1992).

A escolha metodológica determina quais aspectos de um fenômeno podem aparecer como reais para o pesquisador. Assim, adota-se uma perspectiva construtivista em relação a métodos: é somente por meio da mediação metodológica que se pode conhecer em ciência, e essa mediação é caracterizada em grande medida por escolhas dos pesquisadores, pois as coisas constituem uma realidade de pesquisa somente quando há interação do cientista com elas (Wagner, 1994). Se isso é verdade para todos os construtos sociopsicológicos, adquire dimensão ainda mais relevante ao considerar um construto amplo e com alguma abertura de delimitação, como é o caso das representações sociais.

Para Sotirakopoulou e Breakwell (1992), o próprio conceito de representações sociais traz como implicação a impossibilidade de estudar esse fenômeno por meio de uma única via metodológica, afinal trata-se de uma noção que abarca crenças, valores, atitudes;

em síntese, uma multiplicidade de aspectos e processos. Adicione-se a isso o fato de que os estudos em representação social apresentam técnicas metodológicas diferentes também por direcionarem-se a objetivos diferentes. Justificar-se-ia, portanto, uma abordagem multimétodos em estudos de representações sociais.

Verifica-se em pesquisas que o uso de diferentes instrumentos e registros de investigação das representações trazem à tona aspectos distintos desses construtos, ou níveis diferenciados de eliciação da representação (Duveen & De Rosa, 1992). Segundo De Rosa (2005), uma abordagem multimétodos significa fazer uso de uma variedade de técnicas complementares, sejam mais quantitativas ou mais qualitativas, de modo a cobrir uma diversidade de níveis num projeto de investigação. Não se trata de mero somatório de recursos metodológicos, mas de uma escolha precisa orientada pelos níveis específicos contemplados nas representações em pesquisa. Uma alternativa que se apresenta para aprimorar a pesquisa em representações sociais é a triangulação metodológica, ou uso de uma certa diversidade técnicas metodológicas de coleta e análise de dados para cercar com mais precisão uma representação, validando os resultados obtidos ou colocando-os em questão (Apostolidis, 2003).

Inclusive, a ênfase diferenciada em níveis do fenômeno representação social pode levar pesquisadores a resultados controversos. Bergmann (1999) realizou um estudo sobre representações de *ingroup* e *outgroup* junto a imigrantes mexicanos e pessoas de origem européia nos Estados Unidos, e verificou que ao considerar os níveis supragrupo, intergrupo e intragrupo de análise chegou-se a resultados aparentemente contraditórios. Num nível que abrangia as percepções de *ingroup* e *outgroup* para os dois grupos em termos mais gerais, verificou-se muita similaridade na atribuição de traços aos grupos, que ocorria praticamente da mesma forma para ambos, bem como o julgamento da positividade de cada traço. Assim, pensar-se-ia em representações sociais compartilhadas pelos dois

grupos. Ao analisar a relação dos sujeitos com seus *ingroups*, a conclusão já é diferente, pois foi observado que o grupo de origem mexicana julga-se similar a seus pares, enquanto que os de origem europeia apresentam um viés favorável a respeito de si enquanto indivíduos, com uma visão mais negativa dos membros de seu grupo. Concluir-se-ia, por essa via, pela existência de representações diferentes nos grupos, pela diferenciação na relação entre self e grupo. Por fim, ao analisar subdivisões dentro dos grupos, o autor verificou que havia grandes variações intragrupais, com segmentos do grupo europeu identificando-se com os mexicanos e assimilando em vários aspectos suas representações, e vice-versa. Com base nesses resultados, obtidos por mudanças de foco na investigação e nos métodos usados, o autor questiona sobre a dificuldade de integrar achados por métodos diferentes, que ao serem empregados por pesquisadores diversificados podem levar a resultados incompletos ou mesmo enviesados, tanto no sentido de ignorar aspectos essenciais e ocultos das representações sociais, quanto no sentido de subdividir sua amostra segundo critérios arbitrários, por vezes não condizente com a dinâmica e organização real de grupos, e encontrando diferenças artificiais entre grupos, sem sustentação cognitiva e comportamental real. De Rosa (1993) afirma que a escolha fundamental que cabe ao pesquisador alinhado com uma visão multimétodo de representações sociais, freqüentemente, não seria a de escolher qual método usar, mas como realizar um trabalho de integração de resultados gerados por meio de métodos distintos, achados que podem ser até mesmo contraditórios.

Wagner (1994) identifica dois níveis de avaliação principais nas pesquisas sobre representações sociais. Os pesquisadores geralmente escolhem entre um nível individual e um nível social-cultural de manifestação da representação para reconstruí-las metodologicamente. No primeiro caso, costumam-se realizar coletas de dados referentes às representações individuais de atores sociais que sejam representantes de uma categoria ou

grupo social, e buscam-se critérios para determinar quais aspectos dessas representações são mais idiossincráticos e quais caracterizam uma estrutura de conhecimento típica de uma posição social, compartilhada por um segmento grupal, nesse caso constituindo uma representação social ou aspecto relacionado. No segundo caso, são realizados estudos de documentos ou análise de conteúdo midiático, isto é, fontes representativas de um conhecimento compartilhado por segmentos sociais de interesse, para obter um quadro constante de uma diversidade de visões que caracterize uma representação amparada num cenário amplo comum a diversos grupos sociais, chegando-se a uma representação global formada por elementos combinados específicos a posições sociais.

O presente estudo centra-se no primeiro caso, mais comum dentre as pesquisas sobre representações sociais, em que a representação social é reconstruída a partir de informações individuais (De Rosa, 1988). Interessa-nos sobretudo investigar algumas particularidades do método de inquérito, tomado como uso de questionários com itens abertos direcionados a amostras relativamente numerosas de representantes de grupos sociais, para que a partir dos dados verbais seja realizada uma reconstituição da estrutura e conteúdo representacionais. É objetivo verificar o efeito de alterações no processo de obtenção de dados, isto é, no formato de apresentação e instruções relativas a questões abertas, na reconstituição representacional obtida pelo pesquisador.

Método de inquérito e uso de questionários para estudo das representações sociais

Segundo Ghiglione e Matalon (1993), “realizar um inquérito é interrogar um determinado número de indivíduos tendo em vista uma generalização” (p. 2). Ao mencionar método de inquérito, referimo-nos ao que é freqüentemente traduzido como levantamento de dados, isto é, um delineamento metodológico caracterizado pela consulta a uma amostra representativa de um grupo populacional acerca de uma variedade de

assuntos de interesse, geralmente por meio de questionários com estrutura determinada, que podem ser auto-aplicados ou mediados por um entrevistador, em uma variedade de suportes de apresentação. Para os fins de estudo excluimos do foco de interesse as entrevistas semi-estruturadas ou não-estruturadas, concentrando-se nos questionários ou entrevistas com roteiros altamente determinados, que de certa maneira assemelham-se a questionários com aplicação mediada.

O método de inquérito baseia-se, principalmente, no uso de questionários para observação indireta de crenças, opiniões, atitudes ou ações, investigadas por meio de material verbal. Relatam-se circunstâncias passadas ou atuais, tendo como característica essencial, bem como limitação, a necessidade de confiar na veracidade dos dados fornecidos pelos respondentes. Por ser um delineamento científico, assim como outras conjunturas metodológicas, é marcado por uma atitude experimental caracterizada pelo máximo controle possível das variáveis intervenientes no processo de obtenção de dados. O método de inquérito permite investigar associações e correlações entre variáveis, no entanto não possibilita, em sentido estrito, investigar relações de causalidade entre elas (Ghiglione & Matalon, 1993). Ao interpretar resultados, o pesquisador até pode aventurar-se a buscar explicar variáveis a partir de outras, no que se fala então em variáveis explicativas e explicadas, mas deve fazê-lo com muita cautela, atentando para aspectos tais como a precedência temporal ou circunstancialidade das variáveis em questão, e somente se amparado em fundamentação teórica. Por sua vez, questionário pode ser definido como um conjunto de perguntas reunidas que não mede a habilidade do respondente, mas suas crenças, opiniões, atitudes e dados de caracterização biográfica (Yaremko, Harari, Harrison & Lynn, 1986, apud Günther, 1999).

Por ser empregado com a finalidade de agregar dados individuais em divisões grupais, fundindo discursos individuais para compor uma realidade coletiva (Ghiglione &

Matalon, 1993), o método de inquérito com uso de questionários auto-aplicados apresenta-se especialmente adequado para a investigação de representações sociais reconstituídas a partir de dados individuais. Mas há que se levantar alguns aspectos que exigem consideração quando da utilização de questões abertas para esses fins, principalmente em termos de validade teórica. A presente dissertação tem por objetivo verificar os efeitos de variações nas instruções de questões abertas na ativação de elementos de representações sociais.

Propomo-nos a discutir e pôr à prova empiricamente dois desses pontos: 1. a saliência de pertença grupal em enunciados de questões abertas sobre representações sociais presentes em questionários de pesquisa; e 2. o efeito do formato de resposta de questões abertas sobre representações sociais nos resultados.

Saliência da pertença grupal em questionários sobre representações sociais

Em primeiro lugar, cabe questionar acerca de qual seria a característica essencial para diferenciar um estudo de representações sociais de um estudo comum sobre percepções e crenças individuais, nos moldes de uma sociopsicologia individual. Um critério de frequência quantitativa, isto é, de consenso de indivíduos acerca de elementos representacionais, apesar de freqüentemente ocorrente, nunca foi propriamente considerado determinante para a existência de representações sociais, uma vez que para Moscovici (1961/1976) a dimensão social das representações sociais deveria pautar-se pelo seu impacto nas comunicações e orientação de práticas sociais. Nesse sentido, Rouquette (1993) aponta que não bastaria somar frequências temáticas para chegar a elementos de representações sociais. A frequência de elementos não necessariamente parecia com estruturas representacionais, e somente a investigação de propriedades formais de representações sociais permitiria caracterizar sua estrutura. Estudos em representações

sociais tradicionalmente buscam encontrar essas propriedades qualitativas no conhecimento das representações sociais, contrapondo-os ou considerando-os juntamente com propriedades quantitativas (Flament, 1994). Em síntese, nesse ponto, parece claro que há uma superação de critérios puramente quantitativos para determinar representações sociais: sabe-se que é a função da representação para o grupo e seus membros que se apresenta determinante para diferenciá-la de outros construtos.

Entretanto, o que não fica claro em muitos projetos de investigação é a ligação das representações eliciadas por instrumentos de coleta com posições sociais, ou em outras palavras, grupos sociais. Como garantir, por exemplo, que a reunião dos dados de questões abertas respondidas por um grupo de estudantes universitários acerca de um dado objeto social corresponde a um aspecto de uma produção cognitiva coletiva compartilhada por acadêmicos acerca desse objeto, capaz de influenciar em práticas e trocas comunicativas? Seria a escolha cuidadosa de participantes de pesquisa como membros exemplares do grupo de estudantes suficiente para garantir que de suas respostas emergja uma representação coerente que diga respeito a um nível grupal de análise? Possivelmente, caso esses participantes façam referência ao conhecimento de que dispõem e compartilham junto a outros estudantes para responder à questão. O que é difícil, de fato, é garantir que isso acontece no momento em que os participantes de pesquisa respondem a uma questão aberta.

Consciente desse problema, Wagner (1998) distingue entre grupos nominais, as categorias arbitrárias estabelecidas por pesquisadores ou observadores externos com base em alguma regularidade presente em indivíduos, e grupos reflexivos, em que os membros de uma coletividade seriam conscientes de sua pertença grupal. O autor situa a representação social enquanto um construto pertinente à realidade dos grupos reflexivos. Embora não se refiram especificamente à teoria das representações sociais, Ghiglione e

Matalon (1993) afirmam que o agrupamento de indivíduos segundo critérios arbitrários por parte do pesquisador pode falhar em atingir uma configuração sociopsicológica relevante ou mesmo real. Ao agregar dados, sempre surgirão resultados, os quais, contudo, não necessariamente representam o que de fato ocorre na realidade. É basicamente devido a essa questão que Wagner (1998) desvincula as representações sociais da realidade dos grupos nominais.

Wagner (1998) também propõe um critério de holomorfose, dentre outros, para distinguir a representação social de outras formas de conhecimento. Segundo essa propriedade, o conhecimento representacional possuiria vínculos explícitos com os grupos que o mantêm, sendo público para seus membros e mesmo para membros de outros grupos. Isso distinguiria uma representação social, conhecimento típico de um grupo, de representações derivadas de vivências individuais e irrelevantes para coletivos, e que porventura viessem a ser compartilhados por indivíduos, dando uma “impressão” de serem representações sociais. Como mencionado anteriormente, dados experimentais apresentam evidências de que atores sociais mostram-se efetivamente capacitados a distinguir essas duas esferas de conhecimento (Wagner, 1995), o que confere relevância e suporte empírico para sustentar a noção de representação social.

No entanto, quando da operacionalização de investigações científicas sobre representações sociais, freqüentemente é difícil garantir que esse critério holomórfico seja contemplado. Na maior parte dos casos, as questões de inquérito em estudos de representação social dirigem-se ao indivíduo meramente enquanto pessoa, sendo sua pertença grupal de interesse para o estudo conhecida apenas pelo pesquisador e não explicitada no instrumento ou procedimento de coleta de dados. Como as pessoas de fato possuem uma grande diversidade de pertenças grupais simultaneamente (Tajfel, 1973), existe a possibilidade de que pertenças grupais distintas, para cada indivíduo, sejam

ativadas durante a atividade de resposta a um questionário (Breakwell, 1993), e sem controle desse processo em pesquisas torna-se impossível identificá-las. Assim, sem essa informação, não se poderia dizer, em sentido estrito, se os resultados de análises de dados coletados em pesquisas desse tipo referem-se de fato a uma representação social tal como o construto é definido teoricamente, ou a outro tipo de produção simbólica.

As descobertas sobre o funcionamento dos processos representacionais, tais como ancoragem, objetivação, transformação e demais envolvidos na estruturação das representações sociais são amplamente sustentadas por dados empíricos, e assim, robustas o suficiente mesmo sem uma explicitação da saliência grupal em diversos projetos realizados. Além disso, mesmo sem um cuidado especial acerca desse aspecto, é provável que exista uma forte correspondência entre as realidades empíricas de indivíduos e grupos para uma grande diversidade de objetos sociais, especialmente em contextos de interação em que exista razoável saliência grupal, o que de certa maneira diminuiria o impacto desse aspecto nos resultados de pesquisas. Todavia, caso se verifique uma influência significativa nos resultados desse tipo de operação metodológica, pelo menos para alguns objetos sociais, entendemos que isso se configura como um problema metodológico, simplesmente pelo fato de que em alguns casos não se chegaria, nos resultados, efetivamente a uma representação social, ou a uma reconstituição fidedigna de alguma faceta dessa representação. Insere-se aí a relevância teórica de conhecer melhor a extensão desse processo.

Há exemplos da importância das condições em que ocorre a produção de material representacional em pesquisas para os resultados emergentes. Trata-se do que Flament e Rouquette (2003) chamam de efeitos de contexto, ou seja, fatores contingentes a situações de interação que fazem com que uma mesma representação manifeste-se de modo diferenciado. Noutras palavras, essas condições constituem o que Camargo (2006) chama

de contexto interacional, o contexto cognitivo em que o indivíduo interage com suas representações segundo a pertinência situacional. Assim, sabe-se que quando a evocação de elementos de representações sociais ocorre em certos contextos normativos pode haver supressão de elementos que os participantes entendam como contra-normativos, o que caracterizaria uma zona muda das representações sociais, decorrente de processos de desejabilidade social (Abric, 2005); recentemente, esse fenômeno foi renomeado de efeito de mascaramento na expressão de representações sociais (Flament, Guimelli & Abric, 2006). Pesquisas da abordagem estrutural das representações sociais apontam que elementos diferentes das representações sociais são ativados conforme o contexto de enunciação dessas representações, finalidade da situação e distância do grupo para com o objeto (Abric, 2003).

Os processos de ativação de elementos de representações também ocorrem no nível individual, isto é, as representações de que dispõe um indivíduo tornam-se salientes para ele à medida que uma situação o exige. Essa ativação pode envolver ativação de conhecimento referente a pertencas grupais diferentes das pretendidas pelo pesquisador quando do planejamento da pesquisa, ou de sínteses individuais construídas a partir de conhecimentos referentes a diversos grupos de pertença, ou mesmo de conhecimento puramente vivencial, menos ligados a conhecimento grupal. Dessa maneira, apresenta-se como fundamental verificar o efeito da saliência das pertencas grupais – ou sua ausência – em resultados de pesquisas de representações sociais, para assegurar a precisão do conhecimento de que variedade representacional de fato é caracterizada pelas pesquisas sociopsicológicas alinhadas com esse paradigma teórico.

Formato de questões abertas em questionários sobre representações sociais

Por fim, um segundo ponto que orienta a investigação refere-se a discrepâncias, ou contradições aparentes, encontradas nos resultados de pesquisas sobre representações sociais realizadas pela equipe do Laboratório de Psicossociologia da Comunicação e Cognição Social (LACCOS) da Universidade Federal de Santa Catarina entre 2000 e 2005. Foi verificado que as representações sociais sobre meio ambiente assumem conteúdos diferentes quando é alterado o formato de resposta, ou em outras palavras, o tipo de tarefa imposta pela questão aberta.

Num primeiro estudo, Nascimento-Schulze (2000a) caracterizou as representações sociais sobre meio ambiente de 206 turistas, 210 mediadores turísticos e 214 moradores locais, contatados em Florianópolis. Em consonância com a abordagem estrutural de representações sociais, foi usada a técnica de evocação livre de Vergès (1992), com termos indutores meio ambiente e natureza, implicando o uso do programa de computador EVOC (Vergès, 1999) para determinar a frequência e ordem média e evocação das palavras evocadas. As palavras com menor ordem média de evocação e maiores índices de frequência constituiriam, hipoteticamente, os elementos pertencentes ao sistema central da representação, enquanto as demais formariam o sistema periférico. Foi encontrada nos resultados uma representação naturalista de natureza e meio ambiente, isto é, uma representação constituída basicamente por elementos naturais, de que o ser humano e sua interferência não fazem parte.

Em estudo posterior conduzido pela mesma pesquisadora (Nascimento-Schulze, 2000b), foram entrevistados 120 indivíduos ligados aos mesmos grupos da pesquisa sobre turismo sobre os tópicos natureza e meio ambiente. O corpus das respostas foi submetido a uma análise textual automática de tipo lexical, por meio do programa de computador ALCESTE (Reinert, 1990; Camargo, 2005; Oliveira, Marques & Gomes, 2005). O

programa permite realizar a análise de classificação hierárquica descendente, em que trechos do material verbalizado são divididos automaticamente pelo programa segundo critérios lingüísticos, e, em seguida, trabalhando-se com radicais das palavras mencionadas nas entrevistas, chega-se a estatísticas de associação entre os trechos verbais, chamados unidades de contexto elementar (UCEs). A partir de comparações do vocabulário presentes nas UCEs, elas são subdivididas em classes lexicais, cada uma contendo UCEs com vocabulário semelhante, determinado por estatísticas de associação dos radicais das palavras a esses conjuntos. As classes resultantes da classificação hierárquica descendente permitem descrições de conteúdo de aspectos de uma representação social, ou, em caso de riqueza dos dados, mesmo representações sociais diferentes (Veloz, Nascimento-Schulze & Camargo, 1999). Ao verificar os resultados de sua pesquisa, Nascimento-Schulze (2000b) encontrou não propriamente uma representação naturalista de meio ambiente, mas uma representação social globalizante, com menção de preocupação acerca de uma preservação do habitat e com a sobrevivência de seres humanos. Uma representação social naturalista seria oposta a uma representação globalizante em termos teóricos, pois ambas estão associadas a paradigmas ambientais distintos: a primeira vinculada a um paradigma social dominante, em que o homem é visto como um ser externo ao mundo natural e que teria o direito de explorá-lo, e a segunda a um novo paradigma ambiental, em que o meio ambiente é concebido de modo integrado, com inclusão do homem, em que todos os elementos naturais e não-naturais interagem e dependem entre si (Nascimento-Schulze, Fragnani, Carboni & Maliska, 2002).

Assim, essa variação nos resultados, no contexto do objeto social meio ambiente, tem forte impacto para a produção do conhecimento na área. Segundo Nascimento-Schulze, Fragnani, Carboni e Maliska (2002), uma possível explicação para essas diferenças estaria no tipo de tarefa envolvido ao responder as questões. Enquanto a questão

de evocação livre envolveria um contexto de recuperação de elementos na memória, a situação de entrevista é um contexto de interação entre pesquisador e participante. Os autores hipotetizam que a tarefa de evocação, de modo menos consciente, elicie elementos mais hegemônicos e estáveis das representações, enquanto que dados de entrevista permitiriam uma elaboração de aspectos mais conscientes e negociáveis socialmente. A técnica discursiva privilegiaria lidar com aspectos periféricos, questionando visões polêmicas e relacionando-as com a visão grupal.

Duas outras dissertações de mestrado sobre representações sociais de meio ambiente encontraram efeitos quase idênticos, ainda que seus objetivos não estivessem direcionados para a investigação desse aspecto metodológico. Mezzomo (2004) empregou questões de evocação e questões discursivas sobre o termo indutor meio ambiente, analisadas respectivamente com auxílio dos programas EVOC e Alceste, ao investigar as representações sociais sobre meio ambiente compartilhadas por estudantes de ensino médio, antes e depois de visitar uma exposição científica sobre meio ambiente, e também numa situação de grupo controle. Para o grupo experimental foi caracterizada uma representação social naturalista, ou seja, presença de elementos naturais e ausência de noções referentes à humanidades, quanto aos dados de questões de evocação, tanto antes quanto depois da visita à exposição. Para o grupo controle isso também ocorreu. Por outro lado, as respostas das questões discursivas, tal como observado nos resultados de Nascimento-Schulze (2000a, 2000b), deram origem a uma representação globalizante, sistêmica, tanto no grupo controle em período posterior de coleta, quanto no grupo experimental em ambos os tempos. No grupo controle foi encontrado o elemento cuidado em quadrantes periféricos, implicando interferência humana, e no grupo experimental a menção aos elementos humano e interação com o meio.

Resultados semelhantes foram obtidos por Carboni (2005) em pesquisa posterior com uma nova versão da exposição. Os grupo controle e experimental, nos tempos 1 e 2 de coleta de dados, apresentaram representações sociais naturalizantes (com elementos hipoteticamente centrais tais como animais, natureza, plantas, e assim por diante) no que diz respeito aos dados eliciados e analisados segundo a técnica de evocação, e representações globalizantes e sistêmicas para os dados de questões discursivas analisadas com o ALCESTE. Nesses últimos, foram mencionados elementos como homem, preservação, destruição e sobrevive.

É importante apontar que não é apenas o modo de apresentação das questões que pode ter acarretado nesses resultados opostos. Os dois tipos de análise também se pretendem a objetivos diferentes: enquanto o ALCESTE busca caracterizar a organização de discursos com base em índices lexicográficos, a análise de evocações livres visa estimar a centralidade de elementos da representação social a partir da frequência e prontidão de evocação. Portanto, essas diferenças podem ser responsáveis em alguma extensão pelos achados. Isso pode ser devido que esses tipos de análise revelem níveis diferentes das representações sociais (Duveen & De Rosa, 1992). Ainda assim, de acordo com Flament (1981b), se um método traz à tona uma determinada estrutura nos resultados, métodos que não sejam excessivamente aberrantes deveriam, a princípio, fazer emergir resultados semelhantes. Em termos estruturalistas, talvez não seja adequada a utilização da classificação hierárquica descendente do ALCESTE para caracterizar a estrutura das representações sociais, dado que ela não se propõe a essa finalidade. De todo modo, a utilização suplementar de técnicas idênticas para analisar os mesmos materiais verbais provavelmente se apresentaria útil para caracterizar o efeito ocasionado pelas questões com formatos diferentes.

A teoria estrutural das representações sociais apresenta elementos para explicar as diferenças ocasionadas pelo emprego de questões abertas de formatos distintos, numa direção que se aproxima do proposto por Nascimento-Schulze e colaboradores (2002), como mencionado em parágrafos anteriores. Ao responder uma questão de evocação ou associação livre, os participantes manteriam uma relação mais superficial com o objeto da representação, e assim provavelmente fariam alusão a elementos mais básicos ou compartilhados da representação, possíveis componentes de sistemas centrais ou periféricas próximas. Além disso, por não terem possibilidade de produção de material verbal elaborado ou extensivo, há pouco espaço para os participantes explicitarem suas respostas ou se posicionarem em relação a elas.

Por outro lado, ao responder questões abertas discursivas ou entrevistas, os participantes têm a necessidade de elaborar um discurso coerente para comunicar suas respostas. Ao mesmo tempo, por se tratar de questões opinativas, colocam-se como sujeitos dessas verbalizações, e ao fazê-lo necessitam fazer referência a diversos elementos ligados ao objeto da representação com os quais mantêm relações. Trata-se, pois, de um ambiente ideal para eliciação de elementos periféricos, elementos por meio dos quais a representação torna-se concreta no cotidiano dos atores sociais em esquemas de ação (Abric, 1998). Emergiriam, portanto, resultados em que o participante de pesquisa deve relacionar-se com o objeto da representação, e isso ocorre a partir de uma realidade mais particular ou próxima, em oposição a elementos compartilhados e por vezes mais abstratos, que podem se apresentar mais desvinculados do cotidiano do participante. Esses últimos, segundo essa interpretação com base em princípios estruturais das representações, seriam mais propícios para eliciação em questões de associação de palavras e expressões.

Por fim, cabe apontar que existe também a possibilidade de que esse tipo de efeito, caso existente, não ocorra com as representações sociais de todos os objetos. Foi verificado

junto à representação social de meio ambiente mantida por alguns segmentos sociais de Florianópolis, no entanto pode não vir a ocorrer em outros contextos sociopsicológicos. Pode ocorrer algo semelhante ao fenômeno da zona muda das representações sociais, que só existe em casos de pressões normativas fortes, não ocorrendo com objetos fortemente impregnados com valores e normas sociais (Abric, 2005). Além disso, há outras possibilidades: pode não haver grande distinção entre os elementos presentes nas vidas individuais de participantes de pesquisa e elementos mais compartilhados, caso no qual não seriam encontradas grandes diferenças entre as duas condições de resposta. Ou mesmo essas diferenças podem não fazer sentido teoricamente, em oposição ao que se encontrou com a representação social de meio ambiente, em que os dois tipos de questões e respostas geraram conteúdos vinculados a modelos teóricos importantes e distintos. Assim, apresenta-se oportuna a investigação desse tipo de efeito junto a um outro objeto social, para verificar sua generalidade.

Efeitos da saliência da pertença grupal no enunciado de questões abertas e formato das questões abertas na estrutura e conteúdo de uma representação social

Após apresentar os pontos de interesse, reafirma-se o objetivo do presente trabalho de mestrado: investigar os efeitos de variações nas instruções de questões abertas de inquérito nas características de representações sociais reconstituídas pelo pesquisador metodologicamente. Como proposta de operacionalização, propõe-se a investigação do objeto social envelhecimento, processo que adquire importância crescente no cenário global com a crescente quantidade de idosos decorrente da queda de mortalidade. A velhice passa a constituir a realidade de muitas pessoas, tanto direta quanto indiretamente, no caso daqueles que convivem com idosos, em situações muito diferentes das do passado. As relações entre os processos de envelhecimento e uma revisão bibliográfica de pesquisas

sobre representações sociais de envelhecimento e velhice, que permita caracterizar o conhecimento de senso comum acerca desse objeto social, são apresentados no Capítulo 3.

Situando os objetivos da pesquisa com o objeto social a ser investigado, chegamos à seguinte formulação de pergunta de pesquisa: *variações nas instruções de questões abertas sobre envelhecimento ativam elementos diferentes de representações sociais sobre esse objeto social?* Ao considerar de modo mais específico as variáveis a serem manipuladas, essa pergunta pode ser desmembrada em duas, conforme os pontos de investigação explicitados.

Primeiramente, temos a seguinte pergunta: *instruções de questões abertas com ou sem referência às pertencas grupais dos respondentes ativam elementos diferentes representações sociais sobre envelhecimento?* Como hipótese, pensamos que, devido à multiplicidade de possíveis pertencas grupais e sua influência no conhecimento individual sobre objetos sociais, assim como devido à importância das experiências propriamente singulares para a constituição desse conhecimento, haverá diferenças significativas nos resultados referentes às representações eliciadas com níveis diferenciados de saliência grupal. Caso se confirmem, essas diferenças poderão ser explicadas devido à ativação de elementos diferenciados de uma mesma representação, devido a contextos de interação diferentes, ou mesmo ao recurso por parte dos participantes a representações diferentes durante a tarefa de resposta às questões, caso se verifiquem diferenças substanciais na estrutura das representações reconstituídas.

A segunda pergunta pode ser enunciada da seguinte maneira: *questões de evocação livre de palavras e questões dissertativas ativam elementos diferentes de representações sociais sobre envelhecimento?* Como hipótese para essa segunda pergunta, pensamos que se confirmarão os resultados referentes a meio ambiente, isto é, as questões discursivas propiciarão respostas com implicação do cotidiano dos atores sociais, ligadas a elementos

mais concretos, enquanto que as questões de evocação livre darão origem a resultados com elementos mais compartilhados em que a relação com os atores sociais é menos evidente. Para tanto, será necessário identificar diferenças nas reconstituições das representações devidas a formatos diferentes de resposta, e que essas diferenças situem-se em termos de elementos que tenham sentidos condizentes com a natureza da hipótese.

Representações sociais e envelhecimento

Estudo científico do envelhecimento

O envelhecimento populacional, fenômeno mundial segundo o qual os idosos tornam-se uma cota mais representativa no conjunto total da população (Kinsella & Velkoff, 2001) sofre influência da diminuição de taxas de natalidade, diminuição da mortalidade por causas patológicas em populações adultas e aumento da expectativa de vida na velhice (Neri, 2001). No Brasil, está em curso uma inversão acelerada da pirâmide populacional, ocasionada principalmente devido ao declínio de taxas de fecundidade. Devido ao ritmo maior desse declínio o fato de estar situado numa população mais jovem que a de países desenvolvidos, o processo de envelhecimento populacional tende a ser mais rápido e propiciar mudanças demográficas mais profundas (Carvalho & Garcia, 2003).

Estima-se que 9,9 milhões dos 169 e meio do Brasil, correspondente a 5,8% da população, tivessem 65 anos ou mais durante o censo de 2000 (IBGE, 2001). Na Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios de 2005, essa proporção subiu para 6,8% da população (IBGE, 2006). Vive-se mais que no passado, devido a avanços científicos na área de saúde, bem como pesquisas sobre envelhecimento e geriatria (Garrido & Menezes, 2002).

O estudo científico do processo de envelhecimento se torna cada vez mais relevante com a melhora das condições de vida propiciadas por avanços tecnológicos e científicos, que resultaram em aumento da expectativa de vida em diversos países do mundo. O envelhecimento populacional e as demandas a ele relacionadas transformaram a velhice e o envelhecimento em temas de estudos científicos (Siqueira, Botelho e Coelho, 2002).

Cabe, primeiramente, definir o que se entende por envelhecimento, pelo menos em termos gerais. No nível biológico, envelhecimento é o processo que se caracteriza por um conjunto de transformações que ocorrem após a maturação sexual de um organismo e que diminuem gradativamente suas chances de sobrevivência (Neri, 2005).

Siqueira, Botelho e Coelho (2002) analisaram 19 trabalhos acadêmicos sobre envelhecimento, e identificaram quatro perspectivas para estudar a temática. Segundo uma perspectiva biológico-comportamentalista, o envelhecimento é visto como um processo de perda celular e redução de capacidade funcional, um problema que necessita ser atenuado ou neutralizado. Adotam-na os geriatras e gerontólogos. São objeto de estudo também as mudanças populacionais e como as políticas públicas reagem a elas. Uma segunda perspectiva é chamada pelos autores de economicista, tendo como adeptos cientistas sociais; a velhice, estado resultante do envelhecimento, é relacionada à perda de produtividade. Ganha importância o processo de aposentadoria. A perspectiva socioculturalista entende o envelhecimento e velhice como construções sociais arbitrárias, discutindo-se termos relacionados a esses processos e etapas da vida, como Terceira Idade, velho e idoso. Por último, há uma perspectiva chamada transdisciplinar em que se ressalta que o envelhecimento é um tema complexo e que deveria ser entendido no seu todo, fugindo-se de quaisquer reducionismos e buscando integrar o conhecimento de origens diversas.

Interessa, evidentemente, a contribuição de estudos psicológicos referentes ao processo de envelhecimento e à etapa da velhice. Há uma diversidade de tipos de estudos e métodos empregados em pesquisas de psicologia do envelhecimento. No periódico *Psychology and Aging*, 30% dos artigos são de grupos de pesquisa externos aos Estados Unidos, o que demonstra grande interesse da comunidade científica internacional. Nas primeiras edições, os temas de pesquisa predominantes foram aspectos básicos da

cognição, inteligência e processos cognitivos superiores, personalidade e bem-estar, atitudes e relações interpessoais, clínica e estudos aplicados. A maioria deles envolveu o emprego de procedimentos experimentais, além de levantamentos de dados, estudos correlacionais e análises longitudinais de dados psicométricos e testes de intervenções clínicas. Ao fim da década de 90, tópicos como psicologia da saúde, emoção, cognição social, neurociência cognitiva do envelhecimento, aprendizado e memória cresceram em proporção, bem como a quantidade de estudos aplicados ligados fortemente a perspectivas teóricas. Em termos de método, aumentaram os estudos que se serviram de meta-análises e delineamentos longitudinais (Zacks, Blanchard-Fields & Haley, 2006).

A perspectiva do curso de vida, que tem em Baltes um de seus principais expoentes, é uma abordagem em psicologia do envelhecimento que tem se mostrado capaz de explicar com êxito diversos aspectos relacionados a esse processo. Entende-se, segundo a perspectiva do curso de vida, que o desenvolvimento estende-se por todo o curso de vida, sendo que nenhum processo desenvolvimental tem supremacia sobre o outro. Coexistem no desenvolvimento processos cumulativos (contínuos) e inovativos (descontínuos). O processo de envelhecimento é multidimensional e multidirecional, e envolve equilíbrio constante entre perdas e ganhos em registros diferenciados da vida orgânica. Surge um sistema cognitivo para compensar perdas, mas de fato existem perdas físicas e cognitivas. O desenvolvimento resulta da interação entre processos de maturação biológica e socialização, contexto histórico e crises potenciais. Ainda que a sociedade, por meio de um sistema de categorização etária, difunda conhecimento capaz de homogeneizar as experiências de velhice, o envelhecimento individual é de fato uma experiência heterogênea, ligada ao modo como a pessoa organiza seu curso de vida no seu contexto, a incidência de diferentes patologias durante o envelhecimento normal e a interação entre fatores genéticos e ambientais. (Neri, 1993).

Pode-se dizer que as pesquisas sobre envelhecimento e velhice, em geral, possuem uma finalidade mais ou menos comum. Segundo Garrido e Menezes (2002), a meta a ser perseguida pela população, cientistas e profissionais é o envelhecimento bem-sucedido que, para Neri (1993), seria uma condição de saúde física satisfatória, flexibilidade individual social e educação continuada.

Sabe-se que na velhice ocorre uma série de perdas de caráter funcional, tanto físicas como cognitivas; o envelhecimento orgânico é acompanhado por deterioração (Charchat-Fichman, Caramelli, Sameshima & Nitrini, 2005; Queroz & Neri, 2005). Diminui-se a adaptação ao ambiente, e uma parcela da população idosa apresenta reduzida incapacidade funcional, ou dependência moderada ou grave (Rosa, Benício, Latorre & Ramos, 2003). A depressão também é um problema freqüente nessa etapa da vida (Antunes, Stella, Santos, Bueno & Mello, 2005; Gazalle, Hallal & Lima, 2004). Mesmo assim, há uma grande parte dos idosos que se vêem como ajustadas ou como pessoas com desenvolvimento positivo ou alto grau de competência (Queroz & Neri, 2005). Para neutralizar os efeitos negativos da velhice e ter uma boa qualidade de vida e bom nível de ajustamento ambiental, a literatura acadêmica aponta como elementos importantes o suporte social da pessoa idosa, a existência de crenças e estados emocionais positivos, a existência de um senso de auto-eficácia percebida positivo e estratégias para lidar com problemas, entre outros (Rabelo & Neri, 2005).

Por fim, também a psicologia social necessita levar em consideração os processos relacionados ao envelhecimento, que podem atuar em contextos cognitivos individuais e intergrupais. Segundo Ng (1998), a psicologia social foi construída basicamente com dados referentes a universitários jovens. É importante levar em conta o que pessoas mais velhas, como idosos, pensam e fazem, bem como fazer pesquisas sobre o que as gerações pensam umas das outras ou como agem em relação umas às outras. Para o autor, a relação entre

juvencs e idosos é vista como uma relação intergrupos que se altera das comumente estudadas pelo fato de os juvens saberem que ocuparão a posição social ocupada pelos idosos no futuro. Esse conflito tende a se potencializar uma vez que os idosos possuem poder de voto para direcionar políticas públicas a seu favor em muitos países, por vezes prejudicando recursos direcionados de outro modo a setores diversos de populações. A psicologia social, a partir de uma perspectiva de curso de vida, poderia identificar diferenças em processos sociopsicológicos com base no tipo de relação implicada entre atores sociais e mesmo características de processamento cognitivo desses atores.

O estudo sobre o conhecimento compartilhado sobre o processo de envelhecimento permite responder questões ligadas a esses dois pontos, dependendo do modo como é abordado em estudos, tomando-se como orientação de base a teoria das representações sociais. Assim, o conhecimento sobre representações sociais de grupos sobre envelhecimento e velhice pode fornecer dados para caracterizar suas produções simbólicas frente ao desenvolvimento da vida, situando relações frente a outros grupos de seu ambiente social. De modo complementar, estudar representações sociais de pessoas de grupos etários diferentes sobre algum objeto social pode ser útil para identificar diferenças de processamento simbólico da realidade específicas a um ou outro grupo. Restringimos o interesse temático do presente trabalho à contribuição da teoria das representações sociais e os métodos a ela relacionados para compreender a produção simbólica referente a envelhecimento, optando por apresentar uma breve revisão dos estudos sobre representações sociais do envelhecimento e velhice na segunda parte do capítulo.

Representações sociais sobre envelhecimento

As percepções que as pessoas, especialmente as mais jovens, têm sobre envelhecimento e velhice geralmente são negativas. Mesmo em estudos que não são fundamentados no paradigma teórico das representações sociais, isto é evidente.

Brewer, Dull e Lui (1981) estudaram os estereótipos de idosos, baseados na teoria de categorias de Rosch, segundo a qual as categorias sociais são orientadas por protótipos. Os autores encontraram três estereótipos de idosos: o idoso executivo, homem distinto e conservador que tem uma posição de alto status na sociedade; o cidadão sênior, uma pessoa isolada e inativa que mora em asilos; e a avó, uma mulher mais velha de família que adora animais e crianças e passa um tempão na cozinha. Hummert (1990) investigou outros tipos de estereótipos de idosos, com a técnica da análise de conglomerados (*clusters*). Assim, chegou aos seguintes tipos: o vulnerável, o rabugento, o desesperançoso, o gravemente deficiente, o recluso, o auto-centrado, o cidadão sênior inflexível, o avô perfeito, a matriarca ou patriarca liberal, e o caubói conservador. O pesquisador identificou, assim, estereótipos positivos e negativos.

Robinson e Umphery (2006) investigaram os estereótipos de idosos nos Estados Unidos, junto a jovens e idosos. Foi verificado que os idosos rejeitam estereótipos negativos e mantêm visões positivas acerca de si mesmos. Quanto aos jovens, apresentaram estereótipos preconceituosos.

No que diz respeito às atitudes, as pesquisas indicam que as atitudes das pessoas em relação aos idosos são piores que as em relação aos jovens. Mas isso pode ser afetado por características da pesquisa, como delineamento experimental, tipo de medida realizado, ou o ambiente em que ela é realizada (Kite & Johnson, 1988). A ativação de atitudes negativas frente ao idoso pode estar relacionada às faixas etárias de idoso consideradas nos estudos, porque os estereótipos com pior avaliação na pesquisa de Hummert (1990) estão

ligados a estimativas de faixas de idade maiores. Além disso, o fornecimento de informações personalizadas sobre os idosos em questão pode levar os participantes de pesquisa a expressarem atitudes menos negativas (Kite & Johnson, 1988).

Kessler, Rakoczy e Staudinger (2004) verificaram como as pessoas idosas são representadas em series de televisão na Alemanha e compararam o que foi encontrado com o que se sabe a partir de estudos gerontológicos. Descobriram que as pessoas idosas são bem menos representadas na televisão que na vida real (8.5% contra 22%), e há também uma inversão na razão homem-mulher (diferentemente do que ocorre de fato, há mais idosos homens na televisão que mulheres). Na televisão, os idosos são retratados em situações em que possuem empregos, contraem poucas doenças e os homens encontram-se em situações mais positivas que as mulheres. Faz-se pouca alusão à atividade sexual, e são raramente exibidos os principais relacionamentos dos idosos na realidade: as relações familiares. Assuntos como aposentadoria, redes sociais menores e má saúde não são quase tratadas. Predomina uma visão homogênea da velhice e estereótipos de gênero.

No que diz respeito às representações sociais, são relevantes os estudos sobre as teorias de senso comum acerca de objetos sociais relacionados ao envelhecimento: o envelhecimento propriamente dito, a velhice e o idoso. As descobertas dos estudos somam-se às das pesquisas mencionadas, em que são atribuídos significados negativos a esses objetos.

Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) investigaram as representações sociais do envelhecimento em idosos de Florianópolis em diferentes momentos do curso de vida, entre professores aposentados, participantes de um grupo de atividades de terceira idade e residentes num centro para idosos. Os pesquisadores depararam-se com três representações sociais diferentes após uma análise de classificação hierárquica descendente de dados textuais provenientes de entrevistas. Uma primeira é mais típica de mulheres, que

se referem à velhice como perda da beleza e relações sociais e familiares. A segunda representação encontrada, característica de professores aposentados e participantes de um grupo de atividades sobre a terceira idade, trata da velhice como uma etapa em que se perde o ritmo de trabalho e a pessoa se torna improdutivo frente à sociedade. Por fim, a terceira representação é típica de professores aposentados, e concebe o envelhecimento como um desgaste natural, racionalizando, contudo, esse desgaste: segundo essa lógica cartesiana a deterioração física teria menos importância que o desenvolvimento mental, esse sim contínuo mesmo em idade avançada.

Junto aos mesmos participantes, Teixeira (2000) confirmou num nível sócio-representacional alguns pressupostos do Modelo de Envelhecimento bem-sucedido de Baltes (1991), a saber, de que o *self* constituiria um recurso de resiliência para compensar as perdas físicas decorrentes do processo de envelhecimento. Por meio de entrevistas, verificou-se que a velhice e o envelhecimento são representados predominantemente em termos de prejuízos no funcionamento individual, mas que para as pessoas que já se encontravam em idade mais avançada havia uma elaboração dos aspectos do *self* de modo mais adaptativo que em faixas etárias mais baixas, associando esse estado da vida também com ganhos de experiência e sabedoria, entre outros.

Santos e Belo (2000) entrevistaram vinte idosos da zona urbana e vinte da zona rural no sertão nordestino. Após análise de conteúdo das entrevistas, foram identificados, em ambos os contextos, três elementos para definir velhice: elementos físicos e orgânicos, elementos de atividades realizadas e elementos interacionais. Na zona rural, os aspectos físicos mais mencionados pelos participantes foram falta de força, doenças, cansaço e desânimo. Em termos de atividades, predominaram não trabalhar, não fazer o que se fazia antes e proximidade da morte; quanto aos aspectos interacionais, mencionou-se apoio familiar e dependência. Já para os participantes da zona urbana, os aspectos físicos mais

importantes foram doença, falta de força, desânimo, cansaço e mudança na aparência física. Os temas referentes a atividade foram não fazer o que fazia antes e não trabalhar; e quanto à interação, falou-se em sofrimento e abandono, desrespeito e dependência. As autoras entendem que os dados permitem conceber três modelos de velhice: uma velhice-experiência, um modelo solidário a essa etapa da vida típico do sertão rural nordestino, em que o idoso é valorizado; uma velhice-doença, modelo biológico partilhado pelos participantes da zona urbana, em que há visão negativa da velhice, enfatizando aspectos de declínio, ocasionada também pela existência da aposentadoria nas cidades, o que não ocorre no campo. Essa visão é permeada por uma vontade de ser jovem. Finalmente, fala-se de uma velhice-reivindicação, em que se pensa que o idoso deve exercer sua cidadania e ser recompensado por tudo que realizou anteriormente. É uma visão de revalorização do idoso na zona urbana.

Oliveira e Santos (2002) verificaram a modificação das representações sociais da velhice após a adoção de teorias da psicologia do curso de vida, que não vêem o envelhecimento tão negativamente. Foram realizadas evocações livres por telefone, junto a funcionários aposentados de uma universidade, com os termos indutores velho e aposentado. Adotou-se uma perspectiva estrutural das representações sociais. Para o termo velho, o núcleo central provável conteve as palavras experiente, experiência e triste. Para aposentado, compuseram o núcleo central as palavras experiente, cansado e desempregado. Para o termo velho, identificou-se um eixo dos ganhos (experiente) e os elementos periféricos sabedoria e conhecimento, e um eixo das perdas formado pelos elementos periféricos triste, abandono, solidão e doença. No que tange ao aposentado, identificou-se um eixo semântico central voltado para o no trabalho passado e aspectos tensos da aposentadoria, com aspectos positivos formado pelos elementos experiente, realização e tranqüilo, e outros negativos, com as palavras desprezado, cansado, esquecido, velho e

vagabundo. Num segundo eixo encontrou-se um elemento novo voltado para a construção de novos projetos, respaldado pelas palavras calmo, liberdade e tempo livre. Esse segundo eixo relaciona-se à incorporação de mudanças nas teorias científicas sobre envelhecimento. Assim verifica-se uma dissociação das representações de velho e aposentado, sendo que em ambas há uma polarização de ganhos e perdas, mas na representação de aposentado surgem novos elementos, principalmente para os participantes homens, alinhados com perspectivas científicas atuais. Hipotetiza-se que essa nova realidade representacional esteja ligada à ruptura proporcionada por aposentadorias precoces na história brasileira, visto que ser idoso e aposentar-se não são mais sinônimos como no passado.

Martins (2002) entrevistou adolescentes, adultos e idosos, todos usuários de alguma atividade do SESC Maringá, sobre representação social do idoso e da velhice. A partir dos conteúdos das entrevistas foi realizada uma análise de classificação hierárquica descendente. Tanto para o termo idoso quanto para o termo velhice foram encontradas representações sociais, com aspectos diferentes sendo enfatizados por grupos distintos. A respeito da representação social do idoso, foram encontradas quatro classes semânticas. Segundo a primeira, pensa-se o idoso a partir da família, também abordando sofrimento e a vida em asilos. A segunda classe trata do que o idoso faz ou deixa de fazer e diferencia entre o idoso que se cuida e o velho que espera a morte. Cita também o Deus benevolente. Essas duas primeiras classes associam-se mais com participantes idosos. A terceira classe apresenta o idoso como uma pessoa a ser respeitada por sua experiência e sabedoria, mas ao mesmo tempo carente e dependente. Segundo as unidades de contexto dessa classe, ser idoso depende da “cabeça” da pessoa; a diferença entre velho e idoso é que o idoso “não se sente velho”. Trata-se de uma classe compartilhada mais por adolescentes e adultos. Por fim, a quarta classe, típica de participantes idosos, aborda o idoso e suas necessidades, centrando-se em aposentadoria e dinheiro. Quanto à representação social da velhice, a

primeira classe é típica de idosos, e traz narrativas do passado, comparações com o presente, descrevendo aspectos da família e citando Deus. A segunda classe apresenta a velhice como uma etapa ou fase natural da vida, um processo que gera dificuldade mas também resulta de muita experiência. Afirma-se que a sociedade rejeita o idoso porque ele não produz e tem decadência física. Observa-se aí uma porção positiva dos conteúdos, ao tratar de maturidade experiência, e aspectos negativos ligados a degradação física e mental. Essa classe associa-se mais com adolescentes e adultos. Finalmente, a terceira classe traz o argumento de que a velhice não existe, é algo construído pelas pessoas, que podem se proteger dela. Ser velho seria, assim, sentir-se velho. Essa classe é típica de participantes do sexo feminino.

Araújo, Carvalho e Moreira (2003) entrevistaram idosos de grupos de convivência paraibanos de níveis sócio-econômicos diferentes e constataram que os participantes dos grupos nutriam concepções de velhice e envelhecimento psíquico ligadas a elementos negativos, como demência, senilidade, solidão, rejeição familiar e preconceito. Uma proporção majoritária dos participantes da pesquisa expressou temáticas relacionadas à negação da velhice, como se esta fosse uma doença a ser evitada, com a qual não queriam ser identificados. Araújo, Coutinho, Barros & Moreira (2005a) verificaram que a representação social sobre a velhice para idosos de grupos de convivência paraibanos está associada a doença. Além disso, é composta por conteúdos referentes, entre outros, à auto-negação da velhice e a aspectos psico-afetivos desse estágio, incluindo por exemplo elementos como preconceito, direitos e cuidados (Araújo, Coutinho, Santos & Barros, 2005b).

Costa e Campos (2003) realizaram entrevistas junto a idosos de grupos institucionais, e verificaram que a representação social de velhice caracteriza-se por aspectos comuns como declínio e morte, embora os participantes da pesquisa ligados a

instituições diferentes também tenham se diferenciado em termos de outros elementos cognitivos mais particulares. Um grupo de idosos enfatizou perdas orgânicas, outro, conquista de direitos sociais, e um terceiro, tanto direitos sociais quanto envelhecimento orgânico.

Mithidieri e Tura (2003) realizaram um estudo junto a estudantes de medicina do Rio de Janeiro, e por meio de análises fundamentadas na abordagem estrutural das representações sociais encontraram evidências de que o núcleo central da representação social do idoso para esse segmento social seja o tema sabedoria. Mesmo assim, dentre os elementos evocados e constituintes do sistema periférico, encontra-se uma grande quantidade de elementos de conotação negativa, como frágil, discriminado, doença e morte.

Coudin e Beaufils (1997), ao realizar uma breve revisão da literatura sobre representações relativas às pessoas idosas, mencionam uma pesquisa de Hummel entre franceses, em que foram identificadas três representações sociais sobre a velhice. A primeira delas refere-se a uma velhice ingrata, com conotação evidentemente negativa. A segunda é a velhice plena, considerada positivamente. A terceira deriva da primeira, e refere-se à imagem da “avó”. Há, contudo, um fato curioso. A representação da velhice plena é compartilhada apenas por minorias: cientistas e grupos de pressão. A representação negativa da velhice, por outro lado, é amplamente compartilhada, mas nem mesmo os idosos a endossam: trata-se, portanto, de uma representação sem sujeito, que remete à idéia da alteridade, pois as pessoas buscam se defender da velhice rejeitando-a. As autoras também mencionam que a particularização dos idosos, ou seja, o recurso a idosos conhecidos da família ou da rede social dos participantes, de modo a nutrir imagens positivas e assim neutralizar os estereótipos negativos frente aos idosos.

Moliner e Vidal (2003) fizeram um estudo estrutural sobre os estereótipos acerca de pessoas idosas, operacionalizando-os como representações sociais de estudantes franceses sobre idosos. Chegaram aos seguintes elementos centrais: experiência, doença, o fato de o idoso ser um mau motorista, disponibilidade de tempo e ligação com tradições.

Gastaldi e Contarello (2006) realizaram dois estudos exploratórios no norte da Itália, para verificar se havia uma ou mais representação social sobre envelhecimento nas respostas de jovens e idosos. No primeiro estudo foi investigado o componente informativo da representação social, perguntando-se a pessoas de 50 a 93 anos a que a 3ª idade está associada e a que ela é oposta. Foi realizada segmentação da amostra conforme escores altos ou baixos numa medida de satisfação com a vida, bem como com a idade e com o sexo dos participantes, que serviram como variáveis ilustrativas em análises fatoriais de correspondência. A respeito do que a velhice está associada, num dos fatores resultantes da análise, os homens e pessoas pouco satisfeitas com a vida mencionaram declínio de capacidades físicas e psicológicas, enquanto as mulheres e pessoas mais satisfeitas a trataram como um momento sereno caracterizado por tranquilidade e reflexividade. Num outro fator, foram mencionadas por um lado palavras ligadas a uma vida mais tranqüila (mais citadas por adultos não-idosos) e por outro falou-se de uma vida intensa do ponto de vista emotivo (aspectos mais ligados aos idosos). Nas análises fatoriais de correspondência sobre o que a terceira idade se opõe, as mulheres a vêem como oposta a aborrecimento e depressão, enquanto os homens a opõem a juventude e exuberância, enfatizando o aspecto de perda. Noutra fator, os adultos não-idosos a contrapõem à incerteza da juventude, e os idosos ao entusiasmo e à vitalidade para planejar o futuro.

O segundo estudo de Gastaldi e Contarello (2006) incluiu jovens de uma universidade italiana e idosos, com segmentação de amostra semelhante à do primeiro estudo, por sexo, faixa etária e desempenho em escalas de satisfação com a vida e auto-

estima, além de grau de familiaridade e convívio com idosos, no caso dos jovens. Foram pesquisadas representações sociais por meio de uma atividade de evocação livre, em que perguntou o que se associa e a que se opõe o envelhecimento. Em termos do que se associa ao processo de envelhecer, tanto jovens quanto idosos falam em sabedoria. Os jovens vêem o envelhecimento como uma caminhada rumo ao desconforto, solidão e doença, um processo de enfraquecimento. Os idosos, além de reconhecer essa realidade, também vêem espaço para novas experiências positivas e para se dedicar a si e aos outros. Entre os jovens, as mulheres vêem o envelhecimento como período em que a vida muda, mas não necessariamente para o pior, enquanto os rapazes e as pessoas que convivem freqüentemente com idosos o entendem como enfraquecimento que leva à morte, bem como vê quem convive freqüentemente com idosos. Os participantes com avós já mortos concebem o envelhecimento de modo negativo, enquanto que os que tinham avós ainda vivos, apesar de compartilharem uma visão negativa, também entendem que é um processo em que existe reflexão. Para os jovens, o envelhecimento apresenta-se oposto à velocidade e imprevisibilidade de antes, e para os idosos, à vontade de morrer, tristeza, reclusão, vigor e emoções fortes. Investigou-se também as atitudes frente ao envelhecimento, doença, velhice, juventude e bem-estar com escalas de diferencial semântico. Os participantes jovens possuem atitudes negativas sobre o envelhecimento, enquanto para os idosos ela é positiva. Por meio de correlações, verificou-se indiretamente, que os jovens associam envelhecimento à doença e velhice como afetivamente similares, enquanto opõem-no aos correlatos juventude e bem-estar. Os idosos também não distinguem envelhecimento e velhice do ponto de vista afetivo, mas os contrapõem a doença e o associam a juventude e bem-estar.

Em síntese, as pesquisas sobre representações sociais do envelhecimento, e também os estudos sobre atitudes e percepção social de envelhecimento, do idoso e da velhice,

mostram predominantemente uma visão negativa. Após a revisão bibliográfica realizada, percebe-se que as pesquisas permitem caracterizar alguns pontos a respeito das teorias de senso comum sobre esses objetos sociais, partilhadas por idosos e não-idosos.

De modo geral, os idosos vêem o envelhecimento como um processo de perdas em vários domínios da vida, com a diminuição e fim do ritmo de trabalho, enfraquecimento e declínio físico e psicológico (Costa & Campos, 2003; Gastaldi & Contarello, 2006; Teixeira, 2000; Veloz, Nascimento-Schulze & Camargo, 1999). A velhice é vista como uma aproximação da morte marcada por doenças, em que ocorre sofrimento, dependência, abandono e desrespeito (Santos & Belo, 2000; Martins, 2002; Araújo, Carvalho & Moreira, 2003; Araújo et al, 2005a; Moliner & Vidal, 2003).

É pertinente destacar que, embora predominantes, os aspectos negativos nas concepções sobre envelhecimento e velhice foram acompanhados por elementos positivos. Assim, Santos e Belo (2000) verificaram que na zona rural do sertão nordestino os idosos valorizam a velhice, e os estudos de Oliveira e Santos (2002), Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) e Teixeira (2000) apontam claramente que paralelamente às perdas surgem ganhos e mecanismos cognitivos compensatórios para situar a experiência da velhice. Moliner e Vidal (2003), na França, além de alguns elementos negativos, também identificaram como elementos importantes da representação social a experiência e a disponibilidade de tempo. Por fim, na Itália, Gastaldi & Contarello (2006) encontraram mesmo uma atitude positiva de idosos frente ao envelhecimento, e juntamente com a idéia de que há desconforto, solidão e doença propiciados pelo processo de envelhecimento, coexiste a idéia de que é possível ter novas experiências.

No que diz respeito ao objeto de investigação do presente trabalho, as representações sociais de jovens e adultos não-idosos sobre envelhecimento e velhice, também foram encontradas visões prevalentemente negativas. As atitudes dos jovens em

relação a ser idoso e ao envelhecimento geralmente são desfavoráveis (Kite & Johnson, 1988; Gastaldi & Contarello, 2006). Além disso, as representações sociais desses grupos sobre o idoso apontam para a figura de uma pessoa frágil, discriminada, doente, carente e dependente, mas que deve ser respeitada por sua história e sabedoria (Martins, 2002; Mithidieri & Tura, 2003). O envelhecimento é concebido como um processo que gera sabedoria, mas ao mesmo tempo acompanhado por crescente desconforto, solidão, adoecimento e enfraquecimento (Gastaldi & Contarello, 2006). A velhice é uma etapa natural da vida, marcada por degradação física e mental mas também aumento de sabedoria (Martins, 2002).

Representações sociais de estudantes de enfermagem sobre envelhecimento

No presente estudo, a representação social estudada é a do envelhecimento, e o grupo social de interesse são estudantes universitários de enfermagem. Assim, é essencial registrar as pesquisas já realizadas com essa população acerca desse objeto social. De modo geral, os resultados dos estudos conduzidos alinham-se com os demais acerca de representações sociais de jovens sobre o envelhecimento, predominando visões negativas ligadas a perdas.

Novaes (2001) e Novaes e Derntl (2002) fizeram um estudo de caracterização de representações de dois grupos de alunos do quarto ano de enfermagem sobre a velhice. Um dos grupos de alunos havia tido conteúdos de gerontologia e geriatria no currículo, enquanto o outro, não. Ambos apresentaram representações semelhantes, vinculando a velhice a aspetos negativos e preconceituosos, mas também aos elementos experiência de vida e autonomia. No caso dos participantes que disseram ter mudado o modo de representar o idoso durante o curso de graduação em enfermagem, aqueles que não haviam tido conteúdos de gerontologia e geriatria atribuíram a mudança ao contato com idosos em

estágios, às orientações dos professores e conscientização do próprio processo de envelhecimento. Para os alunos que tinham tido conteúdo gerontológicos e geriátricos, a mudança foi atribuída à experiência na disciplina, incluindo estágio específico.

Mais recentemente, Santos e Meneghin (2006) conduziram um estudo que teve o objetivo de caracterizar concepções de alunos de graduação em enfermagem sobre o processo de envelhecimento, entendendo que essas concepções interferem na prática profissional futura como enfermeiros. A pesquisa foi realizada junto a alunos do curso de graduação em enfermagem do terceiro ano do curso, a maioria do sexo feminino e com idades entre 19 e 25 anos. Primeiramente os participantes escutaram uma música com letra sobre o idoso, para posteriormente discutirem em grupo acerca do tema do idoso e da velhice. Depois, fizeram uma dissertação sobre o tema “o que é ser velho”. Foi realizada análise de conteúdo. Foram encontradas três representações principais do “ser velho”. A primeira representação se refere a perdas decorrentes do envelhecimento e suas conseqüências, tais como dependência da família, abandono e tristeza. A segunda representação é o envelhecimento como desafio, em que se deve cuidar o máximo da saúde, buscar novos significados para a vida e lidar com as perdas do processo. É marcante também a existência de uma nova espiritualidade. Por fim, a terceira representação do envelhecimento é positiva, reconhecendo elementos como sabedoria e experiência do idoso. Outros aspectos analisados no estudo remetem a uma desvalorização do idoso por parte da sociedade, e uma terceira unidade temática refere-se a um discurso segundo o qual reconhece-se que há necessidade de mudar a representação do idoso, tornando-a mais positiva, devido ao fato de que o Brasil está envelhecendo e, portanto, o jovem precisa aprender a respeitá-lo. O estudo mostrou que o conhecimento dos alunos está baseado no senso comum.

Em síntese, observa-se que no Brasil os estudantes de enfermagem aparentam compartilhar representações generalizadas com outros jovens acerca do envelhecimento. O estudo de Santos e Meneghin (2006) é compatível com resultados dos demais estudos de representação social mencionados anteriormente, identificando um eixo de perdas e um de ganhos na representação da velhice ou processo de envelhecimento. Seriam dois aspectos da mesma representação social. A segunda representação mencionada pelos autores consiste numa ligação entre esses dois eixos, um gerenciamento das perdas e ganhos em que consiste o desafio mencionado, um processo de adaptação às mudanças. O estudo mostra que os alunos baseiam-se em representações sociais amplamente compartilhadas, e não em conhecimento técnico. Não se faz referência a referências de envelhecimento bem-sucedido trazidas na literatura; há ênfase nas perdas físicas e papel na sociedade. De modo complementar, os estudos de Novaes (2001) e Novaes e Derntl (2002) confirmam o aspecto dual da representação do envelhecimento e apontam para a possibilidade de que algumas disciplinas voltadas para o idoso e seu cuidado possam modificar as representações dos alunos, dirigindo-lhes a prática profissional futura. Os estudantes de enfermagem são um grupo propício para investigação da representação social do envelhecimento e saliência da pertença grupal no contexto de interação, pois mantêm uma relação íntima com o objeto social em questão: o envelhecimento.

Método

Caracterização da pesquisa

A pesquisa se caracteriza como um experimento, pois há manipulação de variáveis e distribuição aleatória dos participantes nas condições experimentais (Campbell & Stanley, 1979). O delineamento prevê manipulação de duas variáveis independentes: saliência da pertença grupal (*S*), com as modalidades com referência ao grupo do participante nas instruções (*Sc*) ou sem referência ao grupo do participante nas instruções (*Ss*); e formato de resposta das questões abertas (*F*), com as modalidades questão discursiva (*Fd*) e questão de evocação livre (*Fe*). A variável dependente é a representação social sobre envelhecimento reconstituída a partir das respostas às questões abertas, caracterizada em termos de conteúdo e estrutura.

O experimento configura-se como um delineamento fatorial 2 X 2 de medidas completamente independentes (Abdi, 1987). Assim, há quatro condições experimentais, como representado na Tabela 1, conforme o tipo de instruções presentes na questão aberta para caracterização de representações sociais: *ScFd* (instruções com referência ao grupo e formato de resposta discursivo), *ScFe* (instruções com referência ao grupo e formato de resposta evocação livre), *SsFd* (instruções sem referência ao grupo e formato de resposta discursivo) e *SsFe* (instruções com referência ao grupo e formato de resposta evocação livre). O experimento é de caráter transversal, com uma única observação para cada condição experimental. Cada condição experimental teve uma amostra de 96 participantes, totalizando 384 participantes para o quase-experimento.

Tabela 1. Delineamento experimental

Formato de resposta	Saliência da pertença grupal	
	Com referência ao grupo (<i>Sc</i>)	Sem referência ao grupo (<i>Ss</i>)
Resposta discursiva (<i>Fd</i>)	<i>ScFd</i>	<i>SsFd</i>
Resposta evocação livre (<i>Fe</i>)	<i>ScFe</i>	<i>SsFe</i>

Participantes

Participaram da pesquisa 384 estudantes matriculadas em cursos de graduação de enfermagem de três universidades da Grande Florianópolis. Duas das instituições são particulares, e a terceira, pública. A decisão de envolver universitários do curso de enfermagem justifica-se pela proximidade do objeto social investigado, o envelhecimento, com a categoria profissional dos enfermeiros. O processo de envelhecer é um tema discutido e relevante para profissionais dessa área, abordado inclusive nas grades curriculares, em disciplinas de cuidado ao idoso e gerontologia.

Todos os participantes foram do sexo feminino. Decidiu-se por incluir somente indivíduos do sexo feminino na pesquisa como modo de evitar variações nos resultados que pudessem ser causadas por efeitos da variável sexo. Perde-se em generalização dos resultados ao descartar-se a participação de indivíduos do sexo masculino, mas há ganho ao controlar a variável sexo, mantendo-a constante, para aquilo que a pesquisa se propõe: ao ter menos fontes de variação de resultados, pode-se inferir com mais propriedade acerca de possíveis causas de diferenças encontradas. Como a pesquisa é um experimento de natureza metodológica, esse tipo de controle é justificável para tornar evidente quanto dos resultados será devido a alterações nas instruções das questões abertas.

Instrumento de coleta de dados

Os instrumentos empregados foram questionários com questões abertas e fechadas. Houve uma versão de instrumento correspondente a cada condição experimental, que se diferenciaram pelas características das questões abertas. As quatro versões do questionário são apresentadas na íntegra no Apêndice.

As primeiras páginas do instrumento continham duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual permitiu atestar o consentimento dos respondentes para participação na pesquisa. Ele está reproduzido no Apêndice.

As primeiras questões do instrumento eram fechadas, e solicitaram aos respondentes indicarem seu sexo, idade, curso a que estavam vinculados e período do curso (semestre) em que se encontravam.

Em seguida foram apresentadas as questões abertas, uma para cada versão do questionário. A questão aberta apresentada para a condição experimental *SsFd* continha o seguinte enunciado: “Explique com suas próprias palavras o que é envelhecimento para você. Tente utilizar o maior número de linhas possível.”, sendo disponibilizado o espaço de dez linhas para o participante escrever a resposta. Para a condição experimental *SsFe*, o enunciado foi o seguinte: “Escreva 5 palavras ou expressões que vêm à sua mente ao pensar em envelhecimento”. O espaço de resposta consistiu em 5 linhas enumeradas. A questão para a condição experimental *ScFd* foi “Explique com suas próprias palavras o que é envelhecimento para você, na condição de acadêmico da área de saúde.”, com espaço de resposta de dez linhas. Para a condição *ScFe*, o enunciado foi: “Escreva 5 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em envelhecimento, na condição de acadêmico da área de saúde”. Como na condição experimental *SsFe*, o espaço de resposta consistiu em 5 linhas enumeradas.

As demais questões tiveram por finalidade caracterizar a relação dos participantes com o envelhecimento e aspectos a ele vinculados, como a velhice e os idosos. Foi incluída uma medida de atitudes, a versão em português do Inventário Sheppard para medida de atitudes em relação à velhice, uma escala no formato Likert de 5 pontos (de 1 “discordo fortemente” a 5 “concordo fortemente”). O Inventário Sheppard é formado por 20 itens que mensuram quatro dimensões relacionadas a atitudes sobre velhice: expectativas em relação à atividade na velhice, sentimentos em relação à velhice, expectativas em relação à satisfação na velhice e ansiedade em relação à morte (Neri, 1986; Neri, 1991).

Finalmente, uma questão fechada inquiriu sobre o grau de familiaridade do respondente com pessoas idosas. Pediu-se que os respondentes indicassem uma das opções que melhor descrevesse seu nível de convívio com pessoas idosas, dentre as seguintes: “convivo pouco com pessoas idosas”, “convivo com pessoas idosas ocasionalmente” e “convivo com um ou mais idosos em minha residência”.

Procedimento de coleta de dados

Primeiramente foram contatados os coordenadores dos cursos de enfermagem de cada instituição, para autorizar a coleta de dados. Foi enviada uma carta assinada pelo pesquisador principal e pelo orientador do trabalho, explicando a finalidade do estudo e procedimentos a serem realizados, solicitando autorização para realizar o estudo. Foram agendadas aulas específicas para realização da coleta de dados conforme adequação para o andamento dos cursos de graduação.

A coleta de dados ocorreu em salas de aula das universidades, em horário de aula dos cursos de graduação, e foi realizada coletivamente. Um aplicador foi responsável por todo o processo, primeiramente explicando aos participantes a pesquisa, e posteriormente distribuindo os questionários, lendo as instruções, esclarecendo aos participantes, se

necessário, sobre o processo, e recolhendo os questionários ao fim. Foi distribuído aos indivíduos do sexo masculino um questionário referente a outra pesquisa, o qual continha uma questão de evocação livre sobre envelhecimento (como na condição experimental *SsFe*) e questões sobre relações entre representações sociais. Isso ocorreu porque os indivíduos do sexo masculino não constituem participantes do presente trabalho. Assim, a solicitação de que realizassem uma outra tarefa possuía duas finalidades: mantê-los ocupados durante o processo, ao mesmo tempo em que não se tornava evidente que só os indivíduos do sexo feminino constituíam interesse para a pesquisa. Adicionalmente, foi aproveitado o ambiente de coleta de dados e a necessidade de manter esses indivíduos ocupados para coletar dados para uma investigação referente a representações sociais matrizes (Camargo, 2006).

O aplicador distribuiu versões de questionários de todas as condições experimentais para os indivíduos do sexo feminino. Isso ocorreu por meio da disposição alternada dos questionários de cada condição experimental na pilha de questionários que o aplicador tinha em mãos. Por exemplo, em cima havia um questionário da condição *SsFd*, embaixo deste um da condição *SsFe*, depois *ScFd*, *ScFe*, novamente *SsFd*, e assim por diante. Ao seguir a ordem de distribuição dos questionários, mesmo com o eventual descarte de questionários devido a problemas no processo de resposta, em cada aplicação houve proporções próximas de participantes submetidos a cada condição experimental. Isso se apresentou como uma medida importante para garantir a designação aleatória dos participantes a cada condição experimental.

No início da coleta, foram distribuídos os questionários aos presentes em sala de aula, dispostos com a face branca posterior do papel voltada para cima. Em seguida foi solicitado que os participantes os virassem e o aplicador leu junto a eles o termo de consentimento livre e esclarecido, que continha as orientações gerais sobre como proceder

e esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa. Foi pedido aos participantes que respondessem em silêncio, e que pedissem esclarecimentos individualmente ao aplicador, caso isso viesse a ser necessário. À medida que os respondentes terminavam de preencher os questionários, eles eram recolhidos pelo aplicador. Ocorreram tantas aplicações de questionário segundo essa sistemática até atingir cerca de 100 participantes para cada condição experimental, totalizando o contingente total de 400 participantes necessário para as análises. Em duas condições experimentais alguns questionários tiveram de ser descartados devido a problemas de preenchimento das informações. Alguns questionários de outras condições foram descartados aleatoriamente de modo a equiparar o número de cada condição experimental em 96 participantes, dado que para algumas análises realizadas isso seria imprescindível.

Análise de dados

Estatísticas descritivas

Primeiramente, os dados referentes às questões de caracterização dos respondentes, isto é, idade, período do curso, atitudes frente ao envelhecimento e as questões sobre familiaridade com idosos, foram submetidas a análises de estatística descritiva e relacional com o auxílio do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 11. A finalidade dessas análises foi basicamente descrever os participantes das quatro condições experimentais, bem como verificar se houve diferenças significativas entre as quatro condições, o que poderia interferir nos resultados. Esperava-se que não fossem encontradas diferenças significativas, devido à designação aleatória dos participantes às condições experimentais.

Codificação das questões abertas

Em seguida, as respostas dadas às questões abertas foram codificadas, de modo a categorizar tanto as evocações dadas como as respostas discursivas em elementos temáticos mais gerais da representação social do envelhecimento. Essa categorização se pautou pela análise de conteúdo categorial temática (Bardin, 1977). Cada uma das cinco evocações fornecidas pelos participantes foi codificada como uma categoria, e no caso das respostas discursivas, cada resposta foi segmentada em unidades temáticas conforme seu conteúdo, limitando-se a quantidade de unidades temáticas à quantidade de idéias expressas. Cada unidade temática foi codificada como uma categoria. O mesmo sistema de categorias foi aplicado aos dois tipos de formatos de resposta.

Foram atribuídas ordens de evocação às categorias mencionadas pelos participantes, para posterior emprego em análises estruturais. No caso de um participante mencionar alguma categoria mais de uma vez, após recodificação, foi considerada a ordem de evocação mais baixa da categoria, e desconsiderada, para fins de numeração das ordens de evocação, os casos repetidos da categoria (por exemplo, se o participante mencionou, respectivamente as categorias *a*, *b*, *a*, *a* e *c*, foram registradas as categorias *a*, *b* e *c*, com ordens de evocação 1, 2, e 5, respectivamente).

Para responder aos objetivos da pesquisa, a estrutura das representações sociais foi caracterizada com base em duas dimensões: 1) prototipicalidade dos elementos da representação, e 2) organização dos elementos da representação social.

Prototipicalidade dos elementos da representação social

A análise prototípica foi proposta no contexto da pesquisa sobre representações sociais por Vergès (1992). Segundo o autor, há uma forte correspondência entre a

prototipicidade de um elemento sócio-representacional e a sua centralidade. Assim sendo, há uma grande probabilidade de que os elementos centrais da representação social tenham caráter prototípico, ou acessibilidade na memória. Alguns indícios de prototipicidade são a menção espontânea de uma palavra ou elemento e a prontidão com que ela é evocada. A análise prototípica, portanto, cruza a frequência das palavras ou categorias com a ordem de evocação. Geralmente, os elementos centrais de uma representação encontram-se entre aqueles que têm altas frequências e que são mencionados mais prontamente. A análise prototípica não é uma via unívoca para caracterização do sistema central de uma representação social, necessitando ser complementada por outras técnicas, como por exemplo a técnica do *mise-en-cause* (Moliner, 1994b), mas possibilita uma boa aproximação inicial, guiando estudos futuros.

Primeiramente, foi efetuada uma análise prototípica para cada uma das condições experimentais, com as seguintes diferenças em relação ao procedimento clássico proposto por Vergès (1992): as frequências foram computadas para as categorias resultantes da análise de conteúdo categorial temática, contadas somente uma vez para cada participante, no caso de repetição; e a ordem média de evocação foi determinada com a primeira menção de cada categoria citada pelos participantes. Essas mudanças visam a viabilizar uma adaptação da classificação por categorias à análise prototípica inicial; na análise clássica, a análise prototípica com cruzamento das frequências e ordens de evocação é realizada com palavras “brutas”, enquanto que a análise com categorias centrava-se mais sobre as palavras agrupadas e outros índices. A análise prototípica foi realizada por meio dos programas Evocation 2000 (Vergès, Scano & Junique, 2002) e SPSS.

Em seguida, houve um aprofundamento analítico dos dois índices de prototipicidade adotados, por meio de dois indicadores. O primeiro indicador foi a menção de elementos da representação social do envelhecimento. Ao verificar se numa ou

noutra condição experimental há aumento ou decréscimo significativo de menção de palavras vinculadas a uma determinada categoria, pode-se inferir acerca de mudanças na ativação de elementos da representação em questão, ou mesmo, num caso extremo, pode-se tratar da ativação de uma outra representação, afinal modificar-se-ia o grau segundo o qual um elemento é pertinente para a situação de coleta de dados.

Foram realizados dois procedimentos de análise de dados para verificar mudanças na frequência de menção dos elementos representacionais. Primeiramente, foi efetuada uma análise fatorial de correspondências (AFC), uma análise exploratória e descritiva adequada para investigar a associação de variáveis nominais, que também pode ser efetuada tanto com respostas discursivas quanto com evocações livres. Sua finalidade é sintetizar tabelas de contingência, reduzindo o volume de dados a uma quantidade reduzida de fatores (também chamados dimensões ou eixos), cada um dos quais segmenta as variáveis da análise em dois pólos. Por meio da AFC chega-se a padrões de agrupamento e oposição das variáveis, explicitando-se critérios de segmentação dos elementos das respostas dadas a questionários; assim, chega-se a diversos pontos de vista sobre os elementos representacionais, que sugerem como os elementos se organizam. Os resultados da análise podem ser representados em gráficos com dois eixos fatoriais, em que as variáveis da análise são situadas conforme suas coordenadas nas duas dimensões (Cibois, 1983; Cibois, 1989; Lebart & Salem, 1994).

Para pesquisadores em representações sociais, os fatores da AFC podem ser interpretados como princípios que organizam e explicitam diferenças da representação social para os grupos considerados, constituindo uma espécie de supra-estrutura, ideal para verificar variações no campo da representação incluindo indivíduos com características diferentes, ou mesmo pertencentes a grupos diferentes (Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi,

1992; Oliveira & Amâncio, 2005). A análise foi realizada por intermédio do programa SPAD (*Système Portable pour l'Analyse des Données*) versão 6.

No caso do presente estudo, a análise fatorial de correspondências se baseou numa tabela com elementos representacionais (categorias) em linha, e modalidades das variáveis independentes em coluna. As variáveis de caracterização dos participantes foram projetadas como ilustrativas, não participando do cálculo dos fatores.

O segundo procedimento envolveu o uso dos testes qui quadrado e de Fisher pra associação de dados, para cada elemento das representações sociais. Foram calculadas três estatísticas qui quadrado para cada categoria. A primeira era referente ao cruzamento das modalidades da variável saliência da pertença grupal e menção ou não-menção da categoria, e a segunda disse respeito ao cruzamento entre menção ou não da categoria e as modalidades da variável formato de resposta. Por fim, pelo fato de que em todas as condições experimentais havia uma mesma quantidade de participantes, foi possível calcular o qui quadrado referente ao cruzamento entre as duas variáveis independentes do estudo, o que permitiu avaliar um efeito de interação. Nos casos em que o teste qui quadrado não pôde ser utilizado, devido à ocorrência de alguma célula da tabela de contingência com frequência esperada menor que 5 (Barbetta, 2006), foi empregado o teste exato de Fisher, adequado para tabelas de contingência 2 X 2.

O segundo indicador de prototypicalidade é a ordem de evocação média para cada elemento representacional. Foram realizados testes *t* de Student para amostras independentes (Barbetta, 2006) e ANOVAs fatoriais (análises de variância univariadas com delineamentos fatoriais) (Abdi, 1987; Dancey & Reidy, 2006) com as duas variáveis independentes do estudo e as ordens de evocação dos elementos com maiores frequências como variáveis dependentes. Foram usados testes *t* nas ocasiões em que só convinha investigar a influência de uma variável independente por vez, enquanto que na

investigação dos efeitos das duas variáveis simultaneamente, a opção por diversas ANOVAs em vez de uma MANOVA se justifica pelo fato de que os participantes não tinham índices de ordem para todas as categorias, somente para algumas, então a análise multivariada não poderia ser realizada devido à perda de participantes por dados faltantes.

Organização dos elementos da representação social

A segunda dimensão analisada foi a organização dos elementos da representação social. No presente estudo, ela foi operacionalizada por meio da força das relações de co-ocorrência entre os elementos representacionais, com uma análise de similitude. Essa técnica possibilita caracterizar as relações de conexidade entre os elementos, através do princípio de que elementos que são mencionados ou relacionados pelos participantes, isto é, “vão junto”, possuem relações entre si. A análise baseia-se numa matriz de similitude que inclui as co-ocorrências de todas as categorias construídas para a análise de evocações livres. O resultado apresenta-se na forma de um grafo contendo vértices (as categorias) interligados por arestas, cujos valores são os índices de co-ocorrência, e quanto maiores esses valores, maior a conexidade entre dois elementos da representação. A partir da análise de similitude é possível aprofundar o exame da estrutura sócio-representacional iniciado na análise de evocações livres (Flament, 1981b; Tura, 1998; Vergès & Bouriche, 2001). Ela é realizada por meio do programa Similitude 2000 (Vergès, Junique, Barbry, Scano & Zeligier, 2002). No presente caso, foram comparadas separadamente as duas modalidades de cada uma das variáveis independentes, por meio da segmentação da amostra em dois conforme o efeito investigado. Foram calculadas, para cada sub-amostra, as arestas que possuam frequências significativamente maiores que a amostra global.

A Tabela 2 sintetiza os procedimentos de análise de dados das questões abertas que nortearam a presente pesquisa, identificando-os e determinando a finalidade de cada um.

Tabela 2. Síntese dos procedimentos de análise de dados.

Técnica de análise de dados	Finalidade
Análise prototípica de Vergès	Descrever a estrutura da representação social do envelhecimento para cada condição experimental, quanto à prototipicidade dos elementos
Análise fatorial de correspondências	Verificar associações entre menção de elementos e condições experimentais
Teste qui quadrado e de Fisher para menção de elementos	Verificar diferenças na proporção de menção de cada elemento representacional devida à manipulação das variáveis independentes
Comparação das ordens médias de evocação	Verificar diferenças na prontidão de evocação de cada elemento representacional, devida à manipulação das variáveis independentes
Análise de arestas significativas da matriz de similitude	Verificar diferenças nas relações de co-ocorrência entre modalidades das duas variáveis independentes

Operacionalização de hipóteses

Após descrição detalhada do delineamento de pesquisa, procedimento e técnicas analíticas, é possível determinar um sistema de hipóteses para orientar a busca por resultados do estudo. A princípio pode-se tratar de hipóteses um tanto gerais, uma vez que não há previsões teóricas formadas acerca dos resultados, além de uma expectativa de alguns efeitos principais decorrentes da manipulação experimental, tendo em vista a literatura sobre os fenômenos de saliência grupal e formatos de questões abertas, detalhada no Capítulo 2. Nesse sentido, trata-se de uma abordagem que possui um certo caráter exploratório. Entretanto, cabe delinear algumas hipóteses para organizar o processo de obtenção de resultados e discussão dos mesmos.

Análise prototípica

H1: Espera-se encontrar diferenças nos elementos presentes em cada quadrante de análise, se não no primeiro quadrante (típico de elementos centrais), pelo menos na periferia próxima (especialmente entre os elementos com alta frequência e baixa ordem de

evocação, já que os elementos com baixas frequências provavelmente não permitirão conclusões muito úteis, já que se espera que os participantes terão perfis semelhantes, por serem do mesmo curso, e também devido à amostra não ser muito numerosa para cada condição experimental).

Análise fatorial de correspondências

Não há uma hipótese específica a ser formulada, espera-se poder refinar os resultados da análise prototípica.

Testes Qui quadrado e de Fisher de frequências de menção de elementos

H2: Espera-se encontrar efeitos principais da variável saliência da pertença grupal, para elementos da representação.

H3: Espera-se encontrar efeitos principais da variável formato de resposta, para elementos da representação.

Não há motivos teóricos, a princípio, para prever interações significativas entre as duas variáveis.

Comparação das ordens médias de evocação

H4: Espera-se encontrar efeitos principais da variável saliência da pertença grupal, para alguns elementos da representação.

H5: Espera-se encontrar efeitos principais da variável formato de resposta, para elementos da representação.

Novamente, não há motivos teóricos, a princípio, para prever interações significativas entre as duas variáveis.

Análise de arestas significativas da matriz de similitude

H6: Espera-se encontrar diferenças significativas de arestas das matrizes das modalidades da variável saliência grupal.

H7: Espera-se encontrar diferenças significativas de arestas das matrizes das modalidades da variável formato de resposta.

Aspectos éticos

Em conformidade com as normas 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina e foi avaliado quanto à adequação de aspectos éticos de pesquisa. Foi aprovado com o número de protocolo 326/06.

Resultados

Caracterização da amostra

Ao todo, participaram 384 estudantes de enfermagem do sexo feminino, com média de idade de 25 anos e 7 meses (desvio padrão de 6 anos e 7 meses). Dos participantes, 166 (43,2%) estudaram numa das universidades particulares (doravante denominada Universidade 1), 141 (36,7%) na outra universidade particular (Universidade 2) e 77 (20,1%) na universidade pública (Universidade 3). Quanto ao grau de convívio com idosos, 81 (21,1%) disseram ter pouco convívio, 201 (52,3%) relataram conviver ocasionalmente e 94 (24,5%) afirmaram haver um ou mais idosos em suas residências.

Foi verificado, relativo aos itens de atitudes, que por um equívoco do pesquisador o item 3 reproduzido duas vezes no questionário e o item 13 não esteve presente no instrumento. Assim, não foi possível calcular os resultados referentes ao item 13. Optou-se por considerar os itens do Inventário Sheppard como uma medida unifatorial, de modo a permitir a mensuração da atitude de modo simples para caracterização dos participantes. Para tanto, os itens que expressavam uma conotação negativa da velhice (itens 2, 3, 7, 8, 10, 11, 13, 16 e 17) tiveram seus escores invertidos, e foi calculado o índice alfa de Cronbach da medida global com 19 itens. O valor encontrado foi de 0,77, considerado satisfatório (Cronbach, 1951; Nunnally, 1978), e que atende os objetivos do estudo. Globalmente, a média de atitude dos participantes frente à velhice foi de 3,62 (desvio padrão 0,55), o que pode indicar uma predisposição favorável a respeito dessa etapa da vida, dado que é superior ao ponto médio (3) da escala.

É necessário caracterizar idade, universidade, período do curso, grau de convívio com idosos e atitudes para cada condição experimental. Em termos de idade os

participantes da condição *ScFe* tiveram média de 24 anos e 3 meses (desvio padrão 5 anos e 4 meses), enquanto que os da condição *SsFe* apresentaram média de 27 anos (desvio padrão 7 anos e 7 meses), os da condição *ScFd* média de 24 anos e 9 meses (desvio padrão de 6 anos) e os da *SsFd* tiveram média de 26 anos e 3 meses (desvio padrão de 7 anos).

A distribuição de participantes de cada universidade por condição experimental foi semelhante, conforme os resultados apresentados na Tabela 3. Não houve associação significativa entre universidade do participante e condição experimental [$\chi^2 = 1,20$; gl = 6; *ns*].

Tabela 3. Distribuição de ocorrências e percentual de participantes de cada universidade, por condição experimental.

Cond. experim.	Universidade 1		Universidade 2		Universidade 3		TOTAL	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
<i>ScFe</i>	39	40,6	35	36,5	22	22,9	96	100
<i>SsFe</i>	43	44,8	35	36,5	18	18,8	96	100
<i>ScFd</i>	44	45,8	35	36,5	17	17,7	96	100
<i>SsFe</i>	40	41,7	36	37,5	20	20,8	96	100
TOTAL	166	43,2	141	36,7	77	20,1	384	100

A Tabela 4 apresenta a distribuição de participantes de cada semestre por condição experimental. Como pode ser observado, dentre os participantes houve 201 indivíduos cursando os quatro primeiros semestres do curso, e 183 dos cinco semestres finais. Os semestres que concentraram mais participantes foram, respectivamente, primeiro, quinto e terceiro. De modo geral, pode-se dizer que a pesquisa abrangeu satisfatoriamente os diversos semestres dos cursos que forneceram participantes.

Tabela 4. Distribuição de participantes de cada semestre do curso de enfermagem por condição experimental.

Cond. experim.	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	TOTAL
<i>ScFe</i>	18	10	16	7	16	10	12	5	2	96
<i>SsFe</i>	19	9	14	7	17	11	10	6	3	96
<i>ScFd</i>	21	9	12	8	16	9	11	6	4	96
<i>SsFe</i>	18	9	16	8	13	10	12	5	5	96
TOTAL	76	37	58	30	62	40	45	22	14	384

Em relação ao grau de convívio com idosos para cada condição experimental, a Tabela 5 permite constatar que as quatro condições seguem a mesma distribuição geral da amostra. Não houve diferença significativa nas distribuições [$\chi^2 = 1,20$; gl = 6; *ns*].

Tabela 5. Distribuição de participantes por grau de convívio com idosos, por condição experimental.

Cond. experim.	Grau de convívio com idosos							
	Pouco		Ocasionalmente		Na residência		TOTAL	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
<i>ScFe</i>	17	17,9	52	54,7	26	27,4	95	100
<i>SsFe</i>	24	25,5	49	52,1	21	22,3	94	100
<i>ScFd</i>	22	23,4	47	50,0	25	26,6	94	100
<i>SsFe</i>	18	19,4	53	57,0	22	23,7	93	100
TOTAL	81	21,5	201	53,5	94	25,0	376*	100

* Participantes que não responderam à questão foram excluídos desta análise.

Quanto às médias no Inventário Sheppard de atitudes frente à velhice para cada grupo experimental, foi realizada uma *One-Way* ANOVA que não identificou diferenças

significativas entre as atitudes das condições experimentais [$F_{3, 380} = 2,46; ns$]. As médias estão representadas, juntamente com os dados de dispersão, na Tabela 6.

Tabela 6. Médias e desvios padrão no Inventário Sheppard por condição experimental.

Condição experimental	Média	Desvio padrão
<i>ScFe</i>	3,62	0,54
<i>SsFe</i>	3,52	0,55
<i>ScFd</i>	3,64	0,60
<i>SsFe</i>	3,73	0,52
TOTAL	3,62	0,55

Codificação das respostas abertas

Considerando o sentido dos temas expressos em cada evocação ou em trechos das respostas discursivas, foi construído um sistema de categorias temáticas, buscando reduzir a quantidade de material analisável agrupando os dados, de modo a viabilizar resultados mais significativos e menos dispersos. A construção do sistema de categorias pautou-se no conteúdo das respostas, e buscou ser compatível também com as categorias emergentes nos estudos sobre envelhecimento e representações sociais sobre envelhecimento e velhice referenciados no capítulo *Representações sociais e envelhecimento*.

Primeiramente os trechos de discurso e evocações foram listados e agrupados, formando-se o sistema de categorias, incluindo definições de cada categoria. As respostas dos participantes foram então recodificadas, uma a uma, substituindo-se o conteúdo original pelo nome de cada categoria. O pesquisador principal realizou todo o processo de construção do sistema e classificação do material. Buscou-se aumentar a objetividade do processo por meio do agrupamento prévio do vocabulário em categorias para posterior classificação das respostas individuais.

As análises estruturais foram realizadas sobre esse material recodificado, considerando que cada categoria correspondia a um elemento da representação social. A Tabela 7 apresenta os 51 elementos representacionais derivados do processo de codificação, incluindo breves descrições e exemplos de respostas classificadas em cada um deles.

Tabela 7. Descrições e exemplos de respostas de cada categoria / elemento da representação social sobre envelhecimento.

Elemento	Descrição	Exemplos de respostas
Aborrecimento	Aborrecimento, monotonia ou chateação.	Aborrecimento, chatice, tédio, ...
Aceitação	Aceitação da condição ou processo de envelhecer.	Conformismo, aceitar a velhice, aceitação, ...
Afeto	Sentimentos de afeto ou amor.	Amor, carinho dado pelos outros, afeto, encontrar um companheiro...
Aposentadoria	Aposentadoria e fim de um período de trabalho.	Aposentadoria, parar de trabalhar, fim da vida produtiva, previdência, ...
Aspectos orgânicos	Aspectos orgânicos, fisiológicos ou relativos ao corpo humano.	Organismo, corpo, biologia, biológico, mudanças fisiológicas, células, o corpo muda, ...
Atividades e hábitos	Atividades, lazer, rotinas; modos de ocupação.	Viagens, exercícios, caminhar, sair com amigos, dia a dia, tricô, ler, fazer coisas diferentes, dormir cedo ...
Autonomia	Autonomia ou independência em relação a outros.	Autonomia, independência, não depender de ninguém, liberdade, ...
Cansaço	Cansaço ou fadiga física.	Cansaço, fadiga, cansaço visível, ...
Cuidados com a saúde	Aspectos relacionados ao cuidado com a saúde, à saúde e problemas de saúde de modo genérico.	Saúde, cuidar da saúde, prevenção, saudável, hospital, médico, medicamentos, ...
Declínio	Perda, declínio ou enfraquecimento de funções ou atividades.	Enfraquecimento, desgaste, incapacidade de fazer o que fazia antes, diminuição, lentidão, perda da audição, sem a mesma capacidade, perde a vitalidade, fragilidade...
Dependência	Dependência em relação a outras pessoas; incapacidade de fazer as coisas sem ajuda.	Depender dos outros, dependência, incapacidade, inutilidade, ...
Descanso	Descanso ou desfrute da vida; ausência de obrigações.	Gozar da vida, descansar, descanso, repouso, ...
Desvalorização social	Preconceitos ou rejeição por parte de outras pessoas e da sociedade em geral.	Preconceito, rejeição, desvalorização, sociedade não respeita, desrespeito, ...
Direitos	Privilégios ou direitos adquiridos pela idade.	Direitos, conquistas, privilégios, ...
Disponibilidade	Existência de tempo disponível para fazer atividades.	Tempo livre, tempo disponível, ...
Doenças	Surgimento de doenças ou enfermidades fisiológicas e psicológicas.	Alzheimer, Parkinson, doenças, síndrome, ficar doente, adoecer, aparecem doenças, ...
Dúvida	Sentimento de insegurança ou incerteza.	Incerteza quanto ao futuro, insegurança, ter dúvidas, ...
Emoções	Emoções ou sentimentos não especificados.	Emoções, sentimentos fortes, ...
Estética	Aspectos estéticos.	Beleza, bonito, ...
Etapa	Etapa ou fase da vida.	Fase da vida, etapa da vida, etapa, ...
Família	Famíliares mencionados especificamente ou o próprio grupo familiar.	Família, ficar com a família, aproveitar a família, pai, mãe, netos, filhos, avós, ...
Finanças	Aspecto financeiro relativo à situação econômica.	Dinheiro, problemas financeiros, ter bastante dinheiro, ...

Inexorabilidade	Envelhecimento considerado como algo inevitável ou inexorável.	Inevitável, ocorre com todos, todos vamos envelhecer, ocorre com todos os seres vivos, não há como evitar, ...
Isolamento	Solidão, isolamento das outras pessoas.	Solidão, viver isolado, asilo, abandono,...
Medo	Medo, angústia ou ansiedade provocados pelo envelhecimento.	Medo, traz medo, temor, tenho medo, pavor, ...
Memória	Menção à função cognitiva de memória ou ao esquecimento de lembranças.	Esquecer as coisas, memória, não lembrar, ...
Mental	Dissociação de envelhecimento físico do envelhecimento mental; crença de que é possível ser jovem fisicamente e idoso mentalmente e vice-versa.	Envelhecimento físico é diferente do mental, há pessoas que são jovens e possuem mente e corpo de pessoas mais velhas, velhice é algo interior ...
Morte	Morte ou fim da vida.	Morte, fim da vida, morrer, morremos, ...
Mudanças	Menção a mudanças não especificadas.	Mudanças, mudar, alterações, ...
Necessidades especiais	Necessidades de cuidado e apoio diferenciadas de pessoas idosas.	Apoio, necessidades, cuidado, atenção, precisa maior atenção ...
Problemas	Dificuldades mencionadas genericamente.	Problemas, dificuldades, ...
Processo	Processo ou ciclo da vida.	Processo natural, processo, desenvolvimento, ciclo da vida, ...
Qualidade de vida	Qualidade de vida ou bem-estar.	Qualidade de vida, bem-estar, prazer, ...
Realização	Plenitude por ter realizado ações em vida.	Sensação de dever cumprido, realização, sentir que a vida valeu a pena, ...
Reflexão	Reavaliação de idéias ou reflexões pessoais.	Reflexão, pensar sobre o que fez, ...
Religião e espiritualidade	Aspectos religiosos ou espirituais; relação com o sagrado.	Deus, religião, espiritualidade, igreja, alma, fé...
Responsabilidade	Responsabilidade ou tornar-se responsável.	Responsabilidade, tornar-se responsável, ...
Sabedoria e experiência	Sabedoria ou amadurecimento ou aquisição de experiência na vida.	Sabedoria, amadurecimento, amadurecer, ficar sábio, experiência, aprendizado, conhecimento, ...
Sentimentos positivos	Agrupamento de sentimentos com conotação positiva.	Alegria, felicidade, satisfação ...
Sexualidade	Respostas referentes a sexo ou questões ligadas à sexualidade.	Sexo, impotência, pára de fazer sexo, sexualidade, vida sexual, ...
Sinais físicos	Mudanças na aparência que sinalizam o envelhecimento.	Cabelos brancos, rugas, ...
Sufrimento	Sufrimento ou dores.	Sufrimento, sofrer, dor, dores no corpo, ...
Tempo	Dimensão cronológica.	Tempo, passagem dos dias, idade, passado, futuro, ...
Trabalho	Profissão ou aspectos relacionados a trabalho de modo geral.	Trabalhar, profissão, trabalho, ...
Traços negativos de personalidade	Características pessoais com conotação negativa.	Ranzinza, impaciente, intolerante, teimosia...
Traços positivos de personalidade	Características pessoais com conotação positiva.	Paciência, humildade, confiança, ponderação, ...
Tranquilidade	Calma, serenidade ou tranquilidade.	Paz, serenidade, tranquilidade, harmonia, ...
Tristeza	Tristeza ou depressão.	Ficar triste, tristeza, depressão, ...
Valorização social	Reconhecimento por parte de outras pessoas ou da sociedade em geral.	Respeito, a sociedade valoriza, reconhecimento, ...
Velhice	Velhice ou menção a pessoas idosas ou velhas.	Velho, velhice, ser velho, idoso, ...
Vida	Menção à vida de modo não específico.	Vida, faz parte da vida, plenitude da vida, ...

Análise prototípica

Os participantes produziram 1530 respostas analisáveis, o que dá uma média de 3,98 respostas por participante. Nesse total já não estão incluídas as respostas que não puderam ser classificadas conforme o sistema de categorias adotado e também aquelas referentes a elementos “repetidos”, isto é, respostas enquadradas em categorias que um

mesmo participante já havia mencionado em ordens de evocação inferiores, tal como explicado na subseção Análise de dados da seção Método. As análises prototípicas, incluindo quantidades de elementos mencionados, quantidade de elementos diferentes mencionados, média de respostas fornecidas por participante, frequência média de menção de elementos, ordem média de evocação e tabela cruzando frequências e ordens de evocação, foram realizadas separadamente para cada condição experimental.

A Tabela 8 apresenta os índices referentes à produção textual da análise prototípica para cada condição experimental. Logo se percebe que houve maior produção de material para as condições com formato de resposta de evocação, sendo que a condição *ScFe* foi a que mais provocou produção de material. Isso é esperado, dado que a instrução pedia que os participantes produzissem explicitamente 5 evocações. Descontando-se as respostas classificadas em elementos já mencionados, a condição *ScFe* é a que mais se aproxima de 5. As duas condições com formato de resposta discursiva tiveram menos respostas analisáveis, e isso se justifica pelo fato de que havia possibilidade de os participantes, mesmo instruídos a preencherem a maior quantidade de linhas possível, fazerem respostas relativamente curtas, e assim expressarem menos elementos representacionais. Outra possibilidade era a de confecção de respostas com tamanho razoável, porém centradas em apenas um ou dois temas, restringindo a quantidade de respostas analisáveis, conforme os critérios analíticos adotados na pesquisa. Essa diferença se deve à própria diferença nas tarefas implicadas. Para análises estruturais, há portanto maior produção de material ocasionada por tarefas de evocação livre. Isso provavelmente gera alguma interferência em outros tipos de análise realizados, então é necessário ter consciência desse efeito. Observando a tabela, os efeitos da saliência grupal aparentam ser bem menores na quantidade de produção de material textual, dado que, entre condições com mesmo formato de resposta, houve pouca diferença.

Tabela 8. Índices referentes à produção textual da análise prototípica por condição experimental.

Condição exp.	Qtd. respostas analisáveis	Qtd. elementos mencionados	Média de respostas por participante	Frequência média de evocações	Ordem média de evocação geral
<i>ScFe</i>	412	44	4,29	9,36	2,7
<i>SsFe</i>	393	44	4,09	8,93	2,6
<i>ScFd</i>	366	46	3,81	7,96	2,6
<i>SsFd</i>	359	42	3,74	8,55	2,5

Quanto aos demais índices, a quantidade de elementos representacionais diferentes mencionados em cada condição variou de 42 a 46. A média de respostas por participante variou segundo a quantidade de respostas analisáveis, dado que a amostra foi igual para cada condição experimental. A respeito da frequência média de evocações por elemento representacional, também aparenta ter ocorrido um efeito da variável formato de resposta, dado que as condições com evocações livres tiveram frequências médias de evocação por elemento um pouco maiores que as condições de resposta discursiva, o que implica uma homogeneização um pouco maior do vocabulário no primeiro caso. As ordens médias de evocação variaram de 2,5 a 2,7.

A Tabela 9 apresenta o quadrante relativo ao cruzamento dos critérios de frequência e ordem média das evocações para a condição *ScFe*. No caso, a frequência mínima para representação na tabela foi de 3, a frequência intermediária para distinguir elementos com frequência alta e baixa foi de 10, e a ordem média de evocação foi de 2,7.

Tabela 9. Análise prototípica para a condição *ScFe*.

	OME < 2,7		OME > 2,7			
	Elemento	F	OME	Elemento	f	OME
<i>f</i> ≥ 10	Doenças	38	2,18	Cuid.com saúde	29	2,83
	Sabedoria e exper.	34	2,09	Isolamento	25	3,08
	Declínio	31	2,55	Nec. especiais	20	3,25
	Dependência	16	2,13	Desval. social	16	3,00
	Morte	14	2,50	Família	15	3,87
	Medo	12	2,50	Afeto	11	2,91
	Sinais físicos	12	2,67	Aposentadoria	10	3,70
	Tristeza	10	2,70			
<i>f</i> < 10	Sufrimento	8	2,13	Atividades	9	3,67
	Tempo	8	2,63	Sent. positivos	8	3,50
	Valorização social	7	2,29	Problemas	7	2,86
	Descanso	7	2,57	Tranqüilidade	5	4,00
	Traços positivos	7	2,57	Aborrecimento	4	3,75
	Processo	6	1,50	Traços negat.	3	4,33
	Cansaço	6	2,50			
	Reflexão	5	2,20			
	Qualidade de vida	4	2,25			
	Memória e esquec.	4	2,50			

Para a condição em que havia saliência grupal nas instruções e formato de resposta de evocação livre, no primeiro quadrante (quadrante superior esquerdo, combinando elementos com ordem média de evocação baixa – evocados prontamente – com frequência alta) destacaram-se os elementos *doença, sabedoria e experiência, dependência, morte, medo, sinais físicos e tristeza*. Trata-se dos elementos com possibilidade de serem centrais. Assim tem-se uma representação de envelhecimento pautada principalmente por características negativas: o surgimento de doenças, a aproximação da morte, declínio de funções e atividades e dependência dos outros. Em decorrência disso, há um medo de envelhecer e tristeza ocasionada pelo processo também. A única contraparte positiva é o reconhecimento de um acúmulo de experiências e sabedoria. Por outro lado, trata-se de um elemento da representação social do envelhecimento que aparenta ter grande possibilidade

de ser central, por ter frequência elevada em relação aos outros do quadrante e a mais baixa ordem média de evocação, indicando que logo foi lembrado pelos participantes.

O quadrante superior direito indica elementos salientes quantitativamente, tendo sido bastante evocados, porém lembrados com ordem média de evocação mais alta que a média. Constituem uma parte do que se chama de periferia próxima, ou seja, há grande possibilidade de serem elementos periféricos com alto grau de ativação. São os elementos *cuidados com a saúde, isolamento, necessidades especiais, desvalorização social, família, afeto e aposentadoria*. Os elementos periféricos, mesmo sobreativados, não constituem princípios organizadores e definidores da representação, mas contextos condicionais e particularizadores dela. No caso, há referência ao isolamento social e marginalização que aflige os idosos, a necessidade de assistência e afeto que lhes cabe, os aspectos relacionados à saúde que se tornam mais relevantes, o convívio e as funções na família, e a aposentadoria e fim do trabalho. Cabe destacar que os elementos *cuidados com a saúde e necessidades especiais* apresentam relação explícita com a função do enfermeiro ao cuidar de idosos. Como a condição *ScFe* traz a saliência grupal nas instruções, cabe ter isso em conta ao analisar os resultados das demais condições experimentais para verificar se sua ativação se dá devido ao contexto de interação da representação.

O quadrante inferior esquerdo contém os elementos pouco evocados, mas mencionados com prontidão, o que também indica uma outra dimensão da periferia próxima. São indicativos de subgrupos. Cabe mencionar o elemento *processo*, que possui a ordem de evocação mais baixa de todos os elementos para a condição *ScFe*. Por fim, os elementos do quadrante inferior esquerdo apontam os elementos pouco evocados e lembrados apenas nas últimas evocações, o que quer dizer que possuem menos importância coletiva para a representação.

A Tabela 10 apresenta a análise prototípica para a condição experimental sem saliência grupal nas instruções e com formato de resposta de evocação livre. A frequência mínima para exibição do elemento na tabela foi também de 3. A frequência média de evocações por elemento foi de 9, e a ordem média de evocação foi de 2,6. Em termos estruturais, os resultados são bastante semelhantes ao da condição com evocações e saliência grupal. Considerando o quadrante com os elementos hipoteticamente centrais, verificam-se, contudo, algumas mudanças. Os elementos *medo* e *tristeza* passam a fazer parte da periferia próxima, com frequência inferior à média e baixa ordem de evocação. O mesmo ocorre com o elemento *doenças*, que possui, para a condição *SsFe*, alta frequência e ordem de evocação. Dois elementos são promovidos ao quadrante de centralidade, *afeto* e *desvalorização social*, que na condição *ScFe* tinham altas frequências mas também altas ordens de evocação.

Tabela 10. Análise prototípica para a condição *SsFe*.

	OME < 2,6		OME > 2,6			
	Elemento	<i>f</i>	OME	Elemento	<i>f</i>	OME
<i>f</i> ≥ 9	Sabedoria e exper.	48	2,04	Doenças	33	3,07
	Declínio	22	2,59	Isolamento	31	2,74
	Morte	16	2,50	Família	19	3,16
	Sinais físicos	12	1,42	Cuid.com saúde	14	2,86
	Problemas	11	2,00	Tempo	13	2,69
	Dependência	11	2,46	Descanso	10	2,90
	Afeto	11	2,55	Nec. especiais	9	3,11
	Desvaloriz. social	10	2,40	Atividades	9	4,00
<i>f</i> < 9	Medo	8	2,13	Cansaço	7	2,86
	Traços positivos	8	2,25	Realização	7	3,29
	Tristeza	8	2,38	Sent. positivos	6	2,83
	Tranqüilidade	7	2,29	Aposentadoria	6	3,00
	Valorização social	5	2,40	Sufrimento	5	3,00
	Velhice	4	2,00	Trabalho	5	3,00
	Processo	3	1,33	Vida	4	3,50
	Qualidade de vida	3	1,67	Finanças	3	2,67
				Traços negat.	3	3,00
				Asp. orgânicos	3	3,33
				Disponibilidade	3	3,33
			Memória e esq.	3	3,67	

Observa-se também que há elementos que estão situados no mesmo quadrante que na condição *ScFe*, porém com frequências de evocação consideravelmente diferentes. É o caso de *cuidados com a saúde e necessidades especiais*, que apresentam agora frequências menores.

Mudanças de quadrantes podem ser devidas a flutuações casuais das amostras, dado que uma mudança de pequena magnitude pode significar a colocação em um quadrante central ou periférico. Nesse sentido, cabe prestar atenção também em mudanças de frequências e ordem média de evocação, que podem trazer mais informações aos efeitos experimentais. Nesse sentido, além das mudanças nos elementos *necessidades especiais e cuidados com a saúde*, já mencionadas, também é pertinente apontar que o elemento *sinais*

físicos possui ordem de evocação mais baixa na condição *SsFe* que na *ScFe* (1,42 e 2,67, respectivamente), e o inverso ocorre com o elemento *doenças* (3,09 contra 2,18).

A Tabela 11 apresenta os resultados referentes à análise prototípica para a condição *ScFd*, com saliência grupal e resposta discursiva (frequência mínima de 3, frequência média por elemento de 10 e ordem média de evocação 2,6). Logo se percebe uma grande diferença com ambos os quadros das condições com resposta de evocação, o que evidencia efeitos da variável formato de resposta. Para organização da exposição dos resultados, primeiramente são comparados os resultados das duas condições com resposta discursiva para posteriormente comparar com as condições de evocação.

Tabela 11. Análise prototípica para a condição *ScFd*.

	OME < 2,6			OME > 2,6		
	Elemento	<i>f</i>	OME	Elemento	<i>f</i>	OME
<i>f</i> ≥ 8	Processo	39	1,30	Declínio	26	2,77
	Asp. orgânicos	34	2,24	Cuid.com saúde	22	2,91
	Sabedoria e exper.	29	2,35	Atividades	12	2,92
	Etapa	27	1,59	Doenças	12	3,50
	Tempo	23	2,30	Problemas	11	2,90
	Inexorabilidade	16	2,00	Mental	11	3,18
<i>f</i> < 8				Qualid. de vida	10	3,20
				Morte	9	3,50
				Mudanças	9	3,22
	Sinais físicos	6	2,20	Desval. social	7	4,00
	Valorização	4	2,50	Vida	5	2,80
	Dúvida	3	2,33	Descanso	4	3,60
	Dependência	3	2,39	Medo	4	4,00
				Aceitação	3	2,67
				Neces. especiais	3	3,33
				Reflexão	3	3,33
				Responsabilidade	3	3,67
				Emoções	3	4,00
			Memória e esq.	3	4,00	

No quadrante com elementos centrais, encontram-se os elementos *processo*, *aspectos orgânicos*, *sabedoria e experiência*, *etapa*, *tempo* e *inexorabilidade*. O envelhecimento associa-se ora a um processo ora a uma etapa inevitável, ligados à passagem do tempo, marcados por mudanças e características corporais e fisiológicas, e também por aquisição de sabedoria e experiência ao longo do processo. Nota-se uma visão mais preocupada com aspectos conceituais, sem conotações claramente negativas.

Na periferia próxima com frequências altas já surgem elementos mais ligados a perdas, como *declínio*, *doenças*, *problemas* e *morte*, bem como elementos do cotidiano do envelhecimento (*atividades e hábitos*, *mudanças* e *cuidados com a saúde*) e o elemento *qualidade de vida*. Na periferia com baixas ordens de evocação há elementos que não se distanciam consideravelmente da ordem média de evocação, e portanto não se destacam dos demais.

Assim, a representação social do envelhecimento reconstituída a partir de instruções com saliência grupal explícita e tarefa de resposta discursiva define o envelhecimento em termos de um processo ou etapa ligado à dimensão cronológica, e a grande maioria das perdas e de aspectos do cotidiano dos idosos e desse objeto social encontra-se no sistema periférico, indicando características presentes mas não essenciais ou organizadores da representação.

A Tabela 12 apresenta os resultados para a condição *SsFd*. Entre os elementos centrais, há bastante semelhança com os resultados da condição *ScFd*. O que difere é o estatuto do elemento *sabedoria e experiência*, que para a condição *SsFd* está na periferia com alta frequência e na condição *ScFd* é central; bem como o elemento *declínio*, que é central para *SsFd* mas periférico com alta frequência em *ScFd*. No entanto, reitera-se que essas mudanças de quadrantes, quando desacompanhadas de alterações substanciais em frequência e ordens de evocação, como aparenta ser o caso para esses dois elementos,

devem ser tomadas com cautela, pois é grande a probabilidade de que sejam artefatos propiciados por flutuações casuais dos dados, e não a efeitos de variáveis manipuladas.

Tabela 12. Análise prototípica para a condição *SsFd*.

	OME < 2,5		OME > 2,5			
	Elemento	F	OME	Elemento	f	OME
<i>f</i> ≥ 9	Processo	36	1,39	Sabedoria e exp.	47	2,62
	Tempo	35	2,11	Vida	13	2,54
	Declínio	30	2,27	Sinais físicos	13	2,62
	Etapa	26	1,73	Morte	12	2,92
	Asp. orgânicos	27	2,20	Mental	11	3,55
	Inexorabilidade	22	2,27	Doenças	9	3,78
	<i>f</i> < 9	Medo	5	2,40	Cuid.com saúde	8
Sent. positivos		3	2,33	Mudanças	8	4,00
				Dependência	7	4,00
				Neces. especiais	4	3,25
				Cansaço	4	3,50
				Tristeza	4	3,50
				Descanso	4	4,00
				Afeto	3	2,67
				Valoriz. social	3	2,67
				Realização	3	3,33
				Qualid. de vida	3	3,67

Quanto a diferenças de frequência entre as duas condições com resposta discursiva, observa-se que há bem menos ocorrência do elemento *qualidade de vida* (3 em *SsFd*, contra 10 em *ScFd*), do elemento *problemas* (0 em *SsFd* e 11 em *ScFd*) e do elemento *cuidados com a saúde* (8 em *SsFd* e 22 em *ScFd*). O inverso ocorre com o elemento *vida* (13 em *SsFd* contra 5 em *ScFd*). Deve-se assinalar também o elemento *desvalorização social*, que implica uma consciência acerca do estatuto desfavorável mantido pelos idosos na sociedade, que ocorre 7 vezes em *ScFd* e nenhuma vez em *SsFd*. Nesses casos, há a possibilidade de se tratar do efeito da variável saliência grupal nas condições de resposta discursiva, dado que pelo menos os elementos *qualidade de vida*, *necessidades especiais*

desvalorização social e cuidados com a saúde estão ligados à função do enfermeiro e demais profissionais da área da saúde. Não há diferenças evidentes no que diz respeito às ordens médias de evocação para as condições de resposta discursiva.

Considerando-se então as quatro condições experimentais, comparando separadamente as duas condições com formatos de resposta distintos entre si, o que pode ser inferido mais facilmente é um efeito da variável saliência grupal. Não se trata de um efeito drástico, mas sim da sobreativação de alguns elementos ligados à atuação de profissionais da saúde (no caso, *cuidados com a saúde, qualidade de vida e necessidades especiais*) nas condições com saliência da pertença grupal nas instruções. Não é uma sobreativação que ocasiona mudança de estatuto de um elemento, o que implicaria uma mudança de representação; verifica-se um aumento ou diminuição da frequência de alguns elementos conforme varia a saliência grupal. Outro elemento que parece sofrer o efeito da variável saliência grupal é *sabedoria e experiência*, mais mencionado na modalidade sem saliência grupal.

Por outro lado, o efeito da variável formato de resposta aparenta ser bem mais significativo. A representação eliciada pelas condições com resposta de evocação possui forte conotação negativa no quadrante com elementos hipoteticamente centrais, enfatizando apenas o acréscimo em sabedoria e experiência como ganho. Já a representação reconstituída a partir das respostas discursivas possui caráter mais abstrato, pautando-se pela definição do envelhecimento, e os aspectos negativos estruturam-se como periféricos. Se são comparadas as tabelas das condições com resposta discursiva com as das respostas de evocação, logo se percebem alterações substanciais. Há elementos centrais para as condições discursivas que estavam claramente situados na periferia das evocações. Pode-se mencionar nessa situação *processo, tempo, aspectos orgânicos, etapa e inexorabilidade*. O mesmo ocorre no outro sentido, com elementos possivelmente centrais

para as condições de evocações que aparentam ter menos importância na representação das condições discursivas. Trata-se de *doença, morte e tristeza*.

Num outro nível, há elementos de destaque na periferia, com sobreativação em um formato de resposta e relativa dormência no outro. É o caso de *necessidades especiais*, ativado nas respostas discursivas, bem como *vida e família*. Nas evocações ocorre sobreativação relativa dos elementos *desvalorização social, traços positivos de personalidade e sofrimento*, entre outros.

Cabe destacar também que há elementos que estão presentes com certa frequência em um dos formatos de resposta, mas estão completamente ausentes do outro ou possuem frequências muito baixas. Isso ocorre em relação ao elemento *mental* (ou seja, a idéia de que há um envelhecimento físico e um mental que ocorrem de modo independente), que aparece apenas nas tabelas das condições de resposta discursiva, ali situado na periferia com alta frequência, e com os elementos centrais “discursivos” *inexorabilidade, etapa e aspectos orgânicos*, bem como o elemento periférico *mudanças*. Para as evocações livres, os elementos *isolamento, aposentadoria e afeto* comportam-se desse modo.

A maioria das mudanças estruturais propiciada pela manipulação experimental se dá por meio de um aumento da frequência de menção dos elementos. Não obstante, há elementos que aparentam ter sofrido mudanças mais sutis, na ordem de evocação, como o elemento *morte*, lembrado mais rapidamente nas respostas de evocação.

Assim, com os dados da análise prototípica, há indicações de que as duas variáveis investigadas podem ter efeitos importantes na reconstituição de representações sociais por meio de questões abertas. No caso da saliência grupal, aparenta ser um efeito pequeno a moderado. Já para o formato de resposta, os resultados poderiam permitir que pesquisadores que conduzissem projetos de pesquisa optando por uma ou outra tarefa chegassem a resultados diferentes acerca da estrutura representacional.

Nesse sentido, justificam-se tratamentos de resultados mais aprofundados para caracterizar com maior precisão os efeitos encontrados. A análise prototípica foi útil para descrever os dados de modo global e fornecer indícios de diferenças para elementos específicos. Pode-se dizer que a Hipótese 1 foi confirmada. No caso da variável saliência grupal, os efeitos na expressão de elementos representacionais foram brandos, pautando-se por uma sobreativação. Já para a variável formato de resposta, há uma superação das expectativas, e pode-se dizer que os resultados revelam reconstituições representacionais que seriam tomadas por representações sociais distintas. A análise fatorial de correspondências permite verificar associações entre ocorrências de elementos e as variáveis manipuladas, e portanto complementar os resultados obtidos nesta seção.

Análise fatorial de correspondências

Foi realizada uma análise fatorial de correspondências baseada numa tabela com os elementos representacionais em linhas (ou seja, 51) e as modalidades das variáveis saliência grupal e formato de resposta em coluna (4 modalidades: instruções com e sem saliência grupal, resposta evocação livre, e resposta discursiva). O índice Φ^2 total da análise foi de 0,1848, tendo sido extraídos dois fatores. O primeiro fator teve autovalor 0,1586, explicando 85,8% da inércia total, enquanto que o segundo, com autovalor 0,0262, explicou os 14,2% restantes.

Dividindo-se 100 pelo número de modalidades das variáveis, chegou-se à contribuição por fator média de cada modalidade de 25. Foram consideradas como integrantes de um fator as modalidades com contribuições maiores que 25. De modo análogo, dividindo-se 100 pela quantidade de elementos representacionais chegou-se a 1,96, considerando-se como integrantes de um fator os elementos com contribuição para um fator igual ou maior a 2.

A Tabela 13 apresenta os resultados da análise relativos às modalidades das variáveis. Observa-se uma divisão perfeita entre elas nos fatores: o primeiro fator, responsável pela maior parte da inércia, é explicado totalmente pelas modalidades da variável formato de resposta, bem como as duas modalidades são explicadas pelo fator, dado que o Cosseno quadrado de ambas é de 1. O segundo fator, bem menos representativo dos dados, tem contribuições das modalidades de saliência grupal. Esses resultados permitem confirmar o que foi visto na análise prototípica, de que o formato de resposta possui impacto maior nas respostas.

Tabela 13. Resultados da análise fatorial de correspondência referentes às modalidades das variáveis envolvidas no cálculo (colunas).

Modalidade	P. rel.	D0	Coord.	Fator 1		Fator 2		
				CPF	Cos ²	Coord.	CPF	Cos ²
Com sal. grupal	25,42	0,05	0,01	0	0	- 0,22	49,1	1
Sem sal. grupal	24,58	0,05	- 0,01	0	0	0,23	50,8	1
Resp. evocações	26,31	0,29	0,53	47,4	1	0	0	0
Resp. discursiva	23,69	0,35	- 0,59	52,6	1	0	0	0

Por sua vez, a Tabela 14 traz os resultados da análise referentes aos elementos representacionais. Posteriormente serão descritos os fatores, mas já cabe assinalar o que apontam os índices Cosseno quadrado, ou seja, o quanto as variáveis são explicadas por cada fator. Observa-se que a maioria dos elementos possui índices muito próximos de 1 em um dos fatores, o que quer dizer que um dos fatores os explica quase perfeitamente. Isso adiciona segurança à afirmação de que os efeitos experimentais, que no contexto da presente análise podem ser traduzidos como os fatores dela resultantes, como verificado na Tabela 13, são independentes, com poucas interações entre eles. Poucos elementos possuem o maior dos Cossenos quadrados com valor menor que 0,70. Podem ser

mencionados nessa condição os elementos *aborrecimento*, *aceitação*, *autonomia*, *desvalorização social*, *direitos*, *morte*, *problemas*, *qualidade de vida*, *religião e espiritualidade*, *trabalho* e *vida*. Além disso, muitos desses elementos possuem frequências muito baixas, como já observado na ocasião das análises prototípicas e, portanto, possuem menos importância, dado que a análise fatorial de correspondências é sensível a elementos com efetivos pequenos, e quando há baixas frequências aumenta a possibilidade de que alguma diferença seja devida a flutuações casuais da amostra. Se forem considerados dentre estes apenas os elementos com frequências totais no corpus total maiores que 10 (um critério de corte evidentemente arbitrário), devem ser destacados os elementos *morte* (52 ocorrências), *desvalorização social* (34), *problemas* (28), *vida* (24) e *qualidade de vida* (20).

Tabela 14. Resultados da análise fatorial de correspondência referentes aos elementos representacionais envolvidos no cálculo (linhas).

Elemento	P. rel.	Dist. 0	Coord.	Fator 1		Fator 2		
				CPF	Cos ²	Coord.	CPF	Cos ²
Aborrecimento	0,39	0,40	0,44	0,5	0,49	- 0,45	3,1	0,51
Aceitação	0,46	0,03	- 0,14	0,1	0,69	- 0,09	0,1	0,31
Afeto	1,76	0,17	0,41	1,9	0,99	0,05	0,1	0,01
Aposentadoria	1,18	0,28	0,52	2,0	0,94	- 0,14	0,8	0,06
Atividades e hab.	2,03	0,06	0,08	0,1	0,11	- 0,24	4,4	0,89
Autonomia	0,26	0,27	- 0,38	0,2	0,55	- 0,35	1,2	0,45
Cansaço	1,18	0,11	0,27	0,6	0,71	0,17	1,4	0,29
Asp. orgânicos	4,18	0,43	- 0,66	11,3	0,99	- 0,07	0,7	0,01
Declínio	7,12	0	- 0,06	0,1	0,87	- 0,02	0,1	0,13
Dependência	2,35	0,10	0,32	1,5	1,00	0,02	0	0
Descanso	1,70	0,04	0,18	0,3	0,87	0,07	0,3	0,13
Desvalorização	2,22	0,17	0,34	1,6	0,69	- 0,23	4,5	0,31
Direitos	0,20	0,10	0,19	0	0,37	0,25	0,5	0,63
Disponibilidade	0,33	0,53	0,09	0	0,02	0,72	6,5	0,98
Doenças	6,14	0,13	0,36	4,9	0,99	- 0,03	0,2	0,01
Dúvida	0,33	0,52	- 0,17	0,1	0,05	- 0,70	6,1	0,95
Emoções	0,33	0,23	- 0,46	0,4	0,92	- 0,14	0,2	0,08
Estética	0,20	0,52	0,21	0,1	0,09	- 0,69	3,6	0,91
Etapa	3,46	0,56	- 0,74	12,1	1,00	- 0,02	0	0
Família	2,42	0,32	0,55	4,7	0,96	0,12	1,3	0,04
Finanças	0,33	0,17	0,38	0,3	0,85	0,16	0,3	0,15
Inexorabilidade	2,61	0,47	- 0,68	7,5	0,98	0,11	1,1	0,02
Isolamento	3,79	0,40	0,62	9,2	0,96	0,12	2,1	0,04
Medo	1,90	0,06	0,23	0,6	0,94	- 0,06	0,2	0,06
Memória e esq.	0,65	0,08	0,25	0,3	0,80	- 0,12	0,4	0,2
Mental	1,50	0,47	- 0,68	4,4	1,00	0,03	0,1	0
Morte	3,40	0,01	0,07	0,1	0,52	0,07	0,6	0,48
Mudanças	1,24	0,37	- 0,59	2,8	0,97	- 0,11	0,6	0,03
Nec. especiais	2,35	0,19	0,40	2,4	0,84	- 0,18	2,8	0,16
Problemas	1,83	0,05	0,17	0,3	0,60	- 0,14	1,3	0,40
Processo	5,56	0,36	- 0,59	12,4	0,99	- 0,06	0,7	0,01
Qualidade de vida	1,31	0,14	- 0,24	0,5	0,44	- 0,28	3,8	0,56
Realização	0,98	0,07	0,10	0,1	0,14	0,25	2,3	0,86
Reflexão	0,59	0,29	0,05	0	0,01	- 0,54	6,5	0,99
Religião	0,20	0,10	0,19	0	0,37	0,25	0,5	0,63
Responsabilidade	0,26	0,67	- 0,74	0,9	0,81	- 0,36	1,3	0,19
Sabedoria e exp.	10,33	0,02	- 0,01	0	0,01	0,16	9,5	0,99
Cuid. com saúde	4,77	0,08	0,09	0,3	0,11	- 0,27	13,0	0,89
Sent. positivos	1,24	0,09	0,30	0,7	1,00	- 0,02	0	0
Sexualidade	0,20	0,50	0,68	0,6	0,91	- 0,21	0,3	0,09
Sinais físicos	2,75	0,03	0,06	0,1	0,15	0,15	2,3	0,85
Sofrimento	0,98	0,25	0,48	1,5	0,94	- 0,12	0,5	0,06
Tempo	5,16	0,16	- 0,37	4,5	0,85	0,16	4,9	0,15
Trabalho	0,52	0,38	0,49	0,8	0,63	0,37	2,8	0,37
Traços negativos	0,52	0,10	0,32	0,3	1,00	0,02	0	0
Traços positivos	1,05	0,35	0,58	2,2	0,96	0,11	0,5	0,04
Tranquilidade	0,85	0,32	0,56	1,7	0,98	0,08	0,2	0,02
Tristeza	1,50	0,13	0,36	1,2	0,98	0,05	0,1	0,02
Valorização	1,24	0,03	0,15	0,2	0,71	- 0,10	0,4	0,29
Velhice	0,59	0,05	0,20	0,1	0,81	0,09	0,2	0,19
Vida	1,57	0,25	- 0,40	1,6	0,64	0,30	5,4	0,36

A Tabela 15 apresenta as coordenadas e cossenos quadrados de duas variáveis ilustrativas: o grau de proximidade com idosos e também uma recodificação do período dos participantes no curso, agrupando participantes em dois grupos, de 1º a 4º período e de 5º a 9º. Observa-se que elas são pouco explicadas pelos fatores, já que seus cossenos quadrados são baixos (nenhum maior que 0,07). No que diz respeito ao primeiro fator, as pessoas que conviviam pouco com idosos e as que viviam com idosos em sua residência, bem como os participantes que cursavam do 1º ao 4º período de curso, situaram-se no pólo correspondente à modalidade evocação livre da variável formato de resposta. As pessoas do 5º ao 9º período e que tinham convívio ocasional com idosos situaram-se no lado das respostas discursivas. A respeito do segundo fator, as pessoas com pouco convívio com idosos e as que tinham idosos co-habitando em suas residências situaram-se próximas aos participantes da modalidade com saliência grupal nas instruções, enquanto que as pessoas que tinham convívio ocasional com idosos aproximaram-se das respostas da condição sem saliência grupal nas instruções. Nenhuma das modalidades da variável período no curso teve explicação no segundo fator. Como as variáveis ilustrativas não participam do cálculo e aparentam ser pouco compatíveis com os fatores, optou-se por não incluí-las na representação gráfica da análise fatorial de correspondências.

Tabela 15. Coordenadas e Cossenos quadrados das variáveis ilustrativas.

Modalidade	P. rel.	Dist. 0	Fator 1		Fator 2	
			Coord.	Cos ²	Coord.	Cos ²
Pouco conv. c. idosos	10,59	0,13	0,06	0,03	- 0,02	0
Conv. Ocas. c. idosos	25,56	0,03	- 0,04	0,07	0,03	0,02
Vive com idosos	12,78	0,08	0,05	0,03	- 0,03	0,01
Até 4º período	25,95	0,04	0,03	0,03	0	0
De 5º a 9º período	24,05	0,04	- 0,04	0,03	0	0

A Figura 1 representa num plano cartesiano a análise fatorial de correspondência. Elementos sublinhados contribuem para o Fator 1, que trata do efeito da variável saliência grupal, enquanto que os elementos em itálico contribuem para o Fator 2, vinculado ao efeito experimental do formato de resposta. Elementos sublinhados e em itálico contribuem para os dois fatores (são somente três: *isolamento*, *tempo* e *necessidades especiais*).

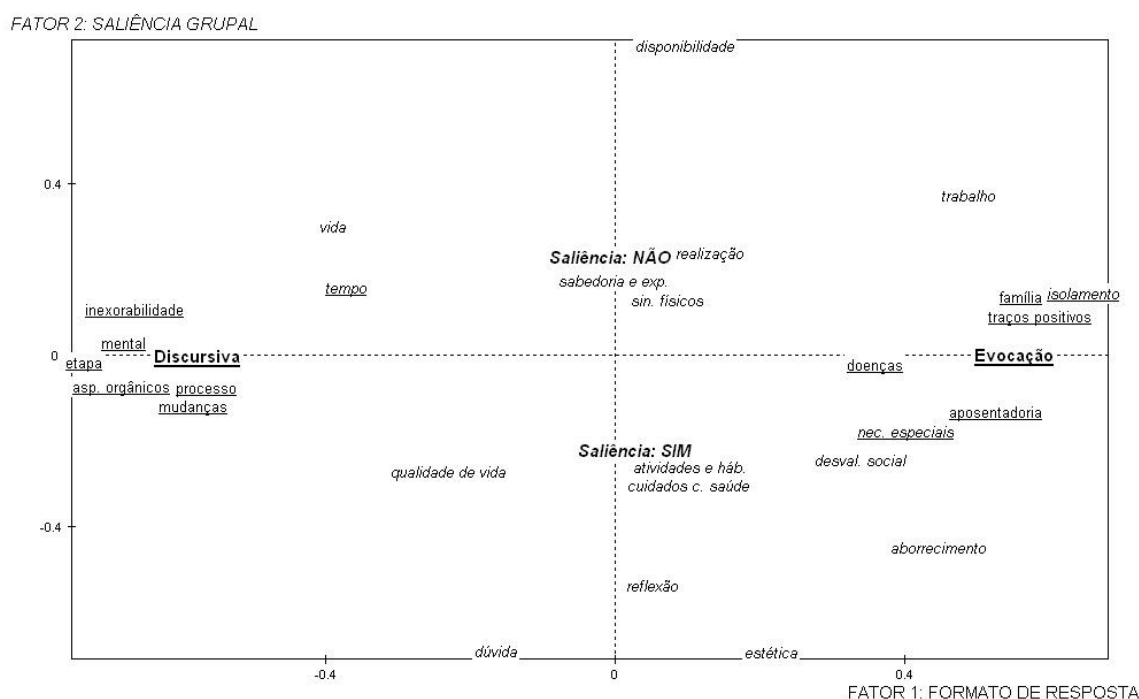


Figura 1. Representação gráfica dos resultados da análise de correspondências.

O primeiro fator opõe as modalidades com formatos de resposta diferentes. Pode-se observar, conforme a ordem decrescente das contribuições, que a modalidade evocações associou-se com os elementos *isolamento*, *doenças*, *família*, *necessidades especiais*, *traços positivos de personalidade* e *apostentadoria*. A modalidade discursiva associou-se com os elementos *processo*, *etapa*, *aspectos orgânicos*, *inexorabilidade*, *tempo*, *mental* e *mudanças*.

O segundo fator situa junto à modalidade de instruções com saliência grupal os elementos *cuidados com a saúde, reflexão, dúvida, desvalorização social, atividades e hábitos, qualidade de vida, estética, aborrecimento e necessidades especiais*. Em relação aos participantes com instruções sem pertença grupal, associaram-se os elementos *sabedoria e experiência, disponibilidade, vida, tempo, trabalho, realização, sinais físicos e isolamento*.

Assim, há um afunilamento dos resultados da análise prototípica. Quanto ao efeito da variável saliência grupal, há uma confirmação de que ele afeta a expressão dos elementos *cuidados com a saúde, qualidade de vida e necessidades especiais*, enfatizados pelos participantes que responderam a uma questão aproximando-os do grupo de acadêmicos da saúde, bem como o elemento *desvalorização social*, cuja sensibilidade à variável manipulada não parecia tão evidente segundo as tabelas de análise prototípica. O elemento *sabedoria e experiência* associou-se às respostas a questões sem saliência grupal implicada. Apesar de não terem sido identificados explicitamente na análise prototípica, outros elementos importantes foram apontados pela análise fatorial de correspondência como associados à modalidade sem pertença grupal explícita: *tempo, sinais físicos, vida e isolamento*. Os demais elementos referem-se a aspectos da representação com baixas frequências nas quatro condições, o que afeta a análise de correspondências e provavelmente não se confirmará frente a testes inferenciais de hipóteses.

A respeito da variável formato de resposta, a análise fatorial de correspondências é ainda mais útil, ao permitir organizar os resultados emergentes na análise prototípica, dado que há mais diferenças que em relação à outra variável independente. Assim, há confirmação de suscetibilidade dos elementos *isolamento, aposentadoria, traços positivos de personalidade, doenças e família* à variável manipulada, expressando-se mais nas condições de evocação. Porém, os elementos *tristeza, desvalorização social e sofrimento*,

os quais se pensava que seriam afetados pelo formato de resposta, não aparentam ser tão importantes em termos de sensibilidade ao efeito da variável independente na análise fatorial de correspondências. Quanto às respostas discursivas, confirmam-se fortemente como elementos favorecidos em sua expressão todos os elementos que se associaram ao primeiro fator na análise fatorial.

As Tabelas 16 e 17 apresentam uma síntese dos resultados da análise fatorial de correspondências, considerados como uma etapa além da análise prototípica. A Tabela 16 apresenta os elementos ativados pelas modalidades da variável formato de resposta.

Tabela 16. Elementos da representação social de estudantes de enfermagem sobre envelhecimento que sofrem influência da variável formato de resposta.

Modalidades	Elementos
Ativados pelas evocações	Aposentadoria
	Doenças
	Família
	Isolamento
	Necessidades especiais
	Traços positivos
Ativados pelas discursivas	Aspectos orgânicos
	Etapa
	Inexorabilidade
	Mental
	Mudanças
	Processo
	Tempo

A Tabela 17 apresenta o resumo dos resultados referente à variável saliência grupal. Nas duas tabelas estão enumerados os elementos suscetíveis à influência de cada variável independente, e também é indicado em qual das modalidades dessas variáveis há um favorecimento da expressão desses elementos, em termos de aumento da frequência.

Tabela 17. Elementos da representação social de estudantes de enfermagem sobre envelhecimento que sofrem influência da variável saliência grupal.

Modalidades	Elementos
Ativados pela saliência grupal	Cuidados com saúde
	Desvalorização social
	Necessidades especiais
	Qualidade de vida
Ativados sem saliência grupal	Isolamento
	Sabedoria e experiência
	Sinais físicos
	Tempo
	Vida

Assim, já há maior precisão na apreciação dos efeitos experimentais. Em termos de aumento ou diminuição de frequência na expressão dos elementos, provavelmente não há outros que possam ser incluídos, além dos apresentados nas Tabelas 16 ou 17. Porém, ainda não é uma lista definitiva, dado que a análise fatorial de correspondências também possui finalidade descritiva. Nas próximas etapas de análise de dados será possível chegar a resultados mais conclusivos, dado que serão empregados testes inferenciais de hipóteses.

Além disso, é importante ressaltar que a análise fatorial de correspondências não permite avaliar os efeitos experimentais no que diz respeito a alterações na ordem média de evocação. Para isso, serão empregadas análises posteriores junto aos elementos que não sofreram efeitos na frequência.

Talvez a maior contribuição da análise fatorial de correspondências para o presente estudo tenha sido a avaliação mais precisa do tamanho dos efeitos experimentais. Além disso, observando os elementos representacionais afetados por cada efeito, permite-se reforçar a expectativa de que não serão encontrados muitos efeitos de interação entre as variáveis independentes, na ocasião da realização dos testes inferenciais.

Teste qui quadrado e de Fisher para menção de elementos

A Tabela 18 apresenta os resultados referentes ao teste qui quadrado para a menção dos elementos para cada modalidade da variável saliência da pertença grupal. As estatísticas foram obtidas a partir da tabela de contingências formada pelo cruzamento da variável saliência grupal com a menção de cada elemento (mencionou ou não mencionou). Por ser uma tabela 2 X 2, foi calculado o qui quadrado com a correção de continuidade de Yates (ou teste exato de Fisher, nos casos de impossibilidade de uso do Qui quadrado).

Tabela 18. Estatísticas qui quadrado e Fisher para menção dos elementos representacionais conforme a associação às modalidades da variável saliência grupal.

Elemento	Sem Sal.	Com Sal.	χ^2 Yates	gl	p	C
Aborrecimento	1	5	Fisher	---	ns	---
Aceitação	3	4	Fisher	---	ns	---
Afeto	14	13	0,00	1	ns	---
Aposentadoria	7	11	0,93	1	ns	---
Aspectos orgânicos	30	35	0,30	1	ns	---
Atividades e hábitos	10	21	3,51	1	ns	---
Autonomia	1	3	Fisher	---	ns	---
Cansaço	11	7	0,53	1	ns	---
Cuidados com a saúde	22	51	13,26	1	< 0,001	0,19
Declínio e perda	52	57	0,21	1	ns	---
Dependência	18	19	0,00	1	ns	---
Descanso	14	11	0,17	1	ns	---
Desvalorização social	11	23	3,91	1	< 0,05	0,11
Direitos	3	1	Fisher	---	ns	---
Disponibilidade	5	0	Fisher	---	ns	---
Doenças	42	50	0,70	1	ns	---
Dúvidas	0	5	Fisher	---	ns	---
Emoções	2	3	Fisher	---	ns	---
Estética	0	3	Fisher	---	ns	---
Etapas	26	27	0,00	1	ns	---
Família	21	16	0,48	1	ns	---
Finanças	3	2	Fisher	---	ns	---
Inexorabilidade	23	17	0,70	1	ns	---
Isolamento	33	25	1,00	1	ns	---
Medo	13	16	0,15	1	ns	---
Memória e esquecimento	4	7	0,37	1	ns	---
Mental	12	11	0,00	1	ns	---
Morte	28	23	0,36	1	ns	---
Mudanças	8	11	0,22	1	ns	---
Necessidades especiais	13	23	0,12	1	ns	---
Problemas	11	18	1,34	1	ns	---
Processo	39	45	0,38	1	ns	---
Qualidade de vida	6	14	2,59	1	ns	---
Realização	9	5	0,67	1	ns	---
Reflexão	1	8	Fisher	---	< 0,05	0,12
Religião e espiritualid.	2	1	Fisher	---	ns	---
Responsabilidade	1	3	Fisher	---	ns	---
Sabedoria e experiência	95	63	10,33	1	< 0,01	0,17
Sentimentos positivos	9	10	0,00	1	ns	---
Sexualidade	1	2	Fisher	1	ns	---
Sinais físicos	25	18	0,94	1	ns	---
Sofrimento	6	9	0,28	1	ns	---
Tempo	48	31	4,08	1	< 0,05	0,11
Trabalho	6	2	Fisher	---	ns	---
Traços negat. de pers.	5	2	Fisher	---	ns	---
Traços posit. de pers.	8	9	0,00	1	ns	---
Tranquilidade	7	6	0,00	1	ns	---
Tristeza	12	11	0,00	1	ns	---
Valorização social	8	11	0,22	1	ns	---
Velhice	5	4	Fisher	---	ns	---
Vida	17	7	3,60	1	ns	---

Os resultados permitem identificar quais elementos sofrem influência da variável saliência grupal, restringindo-os ainda mais. Dos elementos listados na Tabela 17, confirmaram-se como suscetíveis à manipulação experimental apenas os elementos *cuidados com a saúde, sabedoria e experiência, tempo e desvalorização social*. Além deles, um elemento para o qual não havia indícios claros nas análises anteriores também teve resultados significativos: *reflexão*. Esse elemento foi mais verbalizado na modalidade com saliência grupal.

A Tabela 19 apresenta os resultados do qui quadrado para a variável formato de resposta. Observa-se uma confirmação da maioria dos efeitos descobertos nas etapas anteriores, bem como efeitos que não emergiram sob a análise fatorial de correspondências, e que não se mostram evidentes à primeira vista dos resultados da análise prototípica. Assim, além dos efeitos dos elementos *aposentadoria, aspectos orgânicos, doenças, etapa, família, inexorabilidade, isolamento, mental, mudanças, necessidades especiais, processo, tempo e traços positivos de personalidade*, juntam-se os elementos *afeto, dependência, desvalorização social, sofrimento, tranqüilidade e tristeza*.

Tabela 19. Estatísticas qui quadrado e Fisher para menção dos elementos representacionais conforme a associação às modalidades da variável formato de resposta.

Elemento	Evocações	Discursiva	χ^2 Yates	gl	p	C
Aborrecimento	5	1	Fisher	---	ns	---
Aceitação	3	4	Fisher	---	ns	---
Afeto	22	5	10,20	1	< 0,01	0,17
Aposentadoria	16	2	9,85	1	< 0,01	0,17
Aspectos orgânicos	4	61	58,08	1	< 0,001	0,37
Atividades e hábitos	18	13	0,56	1	ns	---
Autonomia	1	3	Fisher	---	ns	---
Cansaço	13	5	2,86	1	ns	---
Cuidados com a saúde	43	30	2,44	1	ns	---
Declínio e perda	53	56	0,05	1	ns	---
Dependência	28	9	9,69	1	< 0,01	0,17
Descanso	16	9	1,54	1	ns	---
Desvalorização social	26	8	9,33	1	< 0,01	0,16
Direitos	3	1	Fisher	---	ns	---
Disponibilidade	3	2	Fisher	---	ns	---
Doenças	72	20	37,18	1	< 0,001	0,30
Dúvidas	2	3	Fisher	---	ns	---
Emoções	1	4	Fisher	---	ns	---
Estética	2	1	Fisher	---	ns	---
Etapas	0	53	59,19	1	< 0,001	0,37
Família	34	3	26,92	1	< 0,001	0,26
Finanças	4	1	Fisher	---	ns	---
Inexorabilidade	2	38	34,19	1	< 0,001	0,29
Isolamento	56	2	57,05	1	< 0,001	0,37
Medo	20	9	3,73	1	ns	---
Memória e esquecimento	8	3	1,50	1	ns	---
Mental	1	22	18,50	1	< 0,001	0,23
Morte	29	22	0,81	1	ns	---
Mudanças	2	17	10,85	1	< 0,01	0,18
Necessidades especiais	29	7	13,52	1	< 0,001	0,19
Problemas	18	11	0,25	1	ns	---
Processo	9	75	64,38	1	< 0,001	0,38
Qualidade de vida	7	13	1,32	1	ns	---
Realização	8	6	0,07	1	ns	---
Reflexão	5	4	Fisher	---	ns	---
Religião e espiritualid.	2	1	Fisher	---	ns	---
Responsabilidade	0	4	Fisher	---	ns	---
Sabedoria e experiência	82	76	0,27	1	ns	---
Sentimentos positivos	14	5	3,54	1	ns	---
Sexualidade	3	0	Fisher	1	ns	---
Sinais físicos	25	18	0,94	1	ns	---
Sufrimento	13	2	6,94	1	< 0,01	0,15
Tempo	21	58	20,65	1	< 0,001	0,23
Trabalho	7	1	Fisher	---	ns	---
Traços negat. de pers.	5	2	Fisher	---	ns	---
Traços posit. de pers.	16	1	12,06	1	< 0,01	0,19
Tranquilidade	12	1	7,96	1	< 0,01	0,16
Tristeza	18	5	6,66	1	< 0,05	0,14
Valorização social	12	7	0,89	1	ns	---
Velhice	6	3	Fisher	---	ns	---
Vida	6	18	5,38	1	< 0,05	0,13

É pertinente marcar as diferenças de intensidade dos efeitos encontrados para a variável saliência grupal e formato de resposta. No primeiro caso, há apenas cinco casos de elementos representacionais suscetíveis à manipulação experimental, e com coeficientes de contingência pequenos a moderados (apenas o elemento *cuidados com a saúde* apresenta coeficiente próximo a 0,20). Já para a variável formato de resposta, observa-se uma grande influência: há vinte elementos sensíveis à manipulação, sendo que nove têm coeficientes de contingência maiores que 0,20 (quatro maiores que 0,35). É uma outra maneira de constatar o que foi visto na análise prototípica a respeito de mudanças radicais de quadrantes. Trata-se de mais uma confirmação de que o formato de resposta tem potencial para gerar reconstituições muito diferentes de representações por parte de pesquisadores.

Mesmo tendo observado nos resultados da análise fatorial de correspondências que interações entre as duas variáveis independentes provavelmente são de baixa magnitude, se existentes; e não tendo algum motivo teórico para hipotetizar tal relacionamento entre as variáveis; é necessário verificar empiricamente se elas ocorrem. Para fazer isso, foi adotado um procedimento semelhante ao realizado por Wolter e Rouquette (2006): procedeu-se a análises separadas para cada elemento representacional, selecionando para o cálculo apenas os participantes que mencionaram cada elemento, e verificando a existência de associação no cruzamento das variáveis independentes dentre os participantes remanescentes para análise. A existência de interação se dá pela existência dessa associação, o que significaria que a expressão de um elemento representacional se daria de modo distinto segundo as combinações das modalidades das variáveis independentes, o que não ocorre quando há apenas efeitos principais em ação.

A Tabela 20 apresenta as estatísticas qui quadrado e teste exato de Fisher para os efeitos de interação. Como foi utilizado um artifício de seleção da amostra para realização dos cálculos, as freqüências são baixas, e a maioria dos efeitos foi calculada por meio do

teste de Fisher. Além disso, também devido à utilização do artifício, não são apresentados os resultados do coeficiente de contingência. Por considerarem apenas uma parcela dos participantes para cada cálculo, esses coeficientes se mostram demasiadamente elevados, e não são informativos. O que é de interesse, sobretudo, é verificar a existência de efeitos de interação, para depois explorá-los caso a caso.

Tabela 20. Efeitos de interação entre as variáveis saliência grupal e formato de resposta para menção dos elementos representacionais.

Elemento	χ^2 Yates	gl	p
Aborrecimento	Fisher	---	ns
Aceitação	Fisher	---	ns
Afeto	Fisher	---	ns
Aposentadoria	Fisher	---	ns
Aspectos orgânicos	Fisher	---	ns
Atividades e hábitos	Fisher	---	< 0,05
Autonomia	Fisher	---	ns
Cansaço	Fisher	---	ns
Cuidados com a saúde	0,78	1	ns
Declínio e perda	1,14	1	ns
Dependência	Fisher	---	ns
Descanso	Fisher	---	ns
Desvalorização social	Fisher	---	ns
Direitos	Fisher	---	ns
Disponibilidade	Somente na mod. com saliência grupal		
Doenças	0,10	1	ns
Dúvidas	Somente na mod. com saliência grupal		
Emoções	Fisher	---	ns
Estética	Somente na mod. com saliência grupal		
Etapa	Somente na mod. discursiva		
Família	Fisher	---	ns
Finanças	Fisher	---	ns
Inexorabilidade	Fisher	---	ns
Isolamento	Fisher	---	ns
Medo	Fisher	---	ns
Memória e esquecimento	Fisher	---	ns
Mental	Fisher	---	ns
Morte	0,00	1	ns
Mudanças	Fisher	---	ns
Necessidades especiais	Fisher	---	ns
Problemas	Fisher	---	< 0,01
Processo	Fisher	---	ns
Qualidade de vida	Fisher	---	ns
Realização	Fisher	---	ns
Reflexão	Fisher	---	ns
Religião e espiritualid.	Fisher	---	ns
Responsabilidade	Somente na mod. discursiva		
Sabedoria e experiência	0,07	1	ns
Sentimentos positivos	Fisher	---	ns
Sexualidade	Somente na mod. evocações		
Sinais físicos	1,63	1	ns
Sufrimento	Fisher	---	ns
Tempo	0,00	1	ns
Trabalho	Fisher	---	ns
Traços negat. de pers.	Fisher	---	ns
Traços posit. de pers.	Fisher	---	ns
Tranqüilidade	Fisher	---	ns
Tristeza	Fisher	---	ns
Valorização social	Fisher	---	ns
Velhice	Fisher	---	ns
Vida	Fisher	---	ns

Como esperado, houve poucos efeitos de interação, apenas para os elementos *atividades e hábitos* e *problemas*. Nenhum dos dois elementos havia se mostrado sensível aos efeitos principais, então cabe observar o modo como ocorrem as interações para entender como a manipulação das variáveis independentes os afeta.

Como ilustra a Figura 2, a saliência grupal não parece ter efeito na expressão do elemento *atividades e hábitos* no que diz respeito à modalidade evocação da variável formato de resposta. Porém, há um comportamento bem diferente na modalidade de respostas discursivas: a maior expressão do elemento *atividades e hábitos* ocorre quando há saliência grupal e resposta discursiva, enquanto que o elemento só foi mencionado uma vez quando não havia saliência grupal nas instruções para o mesmo tipo de formato de resposta.

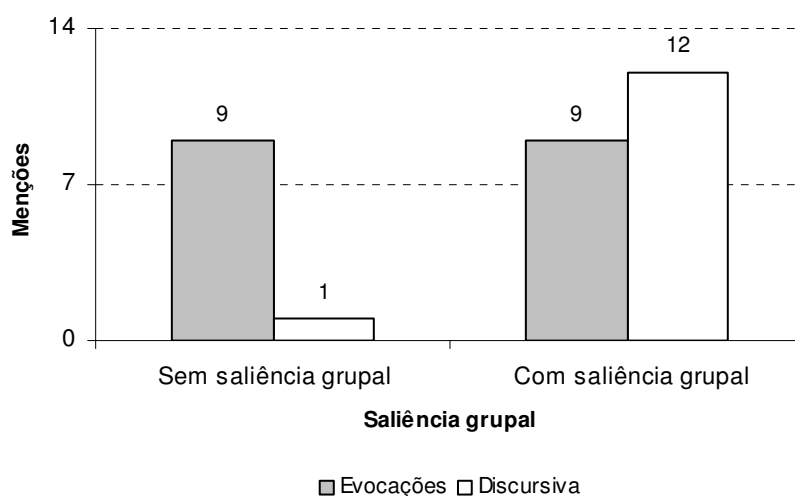


Figura 2. Interação entre formato de resposta e saliência grupal para o elemento *atividades e hábitos*.

Pode-se dizer que o efeito de interação para o elemento *problemas* se desenrola praticamente do mesmo modo (ver Figura 3). Há pouca alteração na menção do elemento

para a modalidade de resposta de evocações, enquanto que para as respostas discursivas a variável saliência grupal tem uma atuação visível, ativando a expressão do elemento somente no contexto das respostas discursivas.

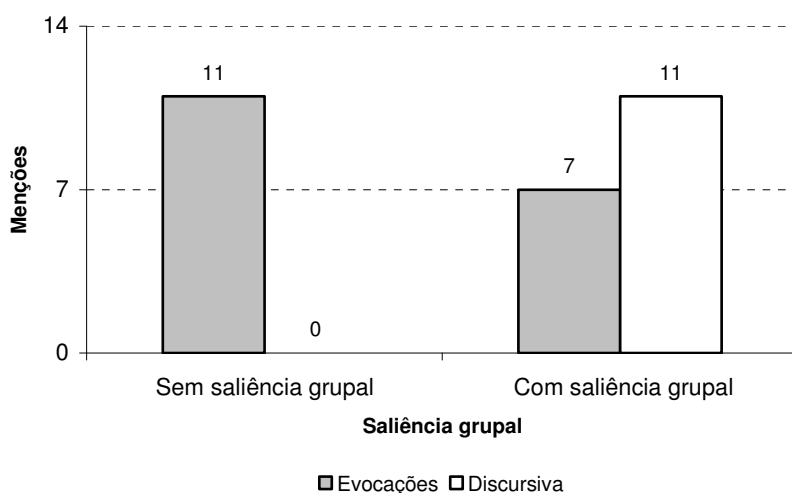


Figura 3. Interação entre formato de resposta e saliência grupal para o elemento problemas.

Assim, temos três efeitos atuantes sobre a amostra, em termos de frequência de menção de cada elemento representacional. Efeitos principais das variáveis saliência grupal e formato de resposta, ativando ou inibindo a expressão dos elementos representacionais, segundo suas modalidades, e um efeito de interação em que a expressão de alguns elementos não sofre alteração devida à saliência grupal no contexto das respostas de evocação, mas é suscetível a ela nas respostas discursivas. No entanto, devido à menor expressão dos elementos afetados pela interação na representação social dos participantes da pesquisa acerca de envelhecimento, as análises não se aprofundarão nesse ponto.

Assim, confirmam-se as Hipóteses 2 e 3, que previam a identificação de efeitos principais significativos para as duas variáveis independentes. As duas interações encontradas restringiram-se a elementos menos expressivos da representação, o que não interfere muito na explicação dos resultados.

Com isso, chega-se a um grau de precisão satisfatório quanto aos efeitos das duas variáveis estudadas na ativação de elementos de representações sociais para um dos critérios estruturais adotados: a frequência ou saliência quantitativa. Cabe agora aumentar a precisão a respeito do segundo critério de prototipicidade, a ordem média de evocação.

Comparação das ordens médias de evocação

Procedeu-se à comparação de alguns elementos quanto às ordens médias de evocação para cada modalidade das variáveis independentes. Logo se constatou que apenas poderiam submeter-se a análises de comparação de médias os elementos que não tivessem frequências muito diferentes para as modalidades de cada variável experimental, dado que tanto o teste *t* quanto a ANOVA obtém resultados mais fidedignos quando são comparados grupos com amostras de tamanho parecido. Além disso, há uma certa restrição em termos do tamanho mínimo da amostra para o qual os testes escolhidos mostram-se eficazes no que diz respeito a poder estatístico.

Assim, optou-se por uma conjugação de critérios para determinar quais elementos passariam pelas análises de comparação de ordens médias de evocação. Primeiramente, optou-se por selecionar elementos com um mínimo de 15 menções por modalidade de alguma variável independente. Em seguida, foi escolhido o critério de que a modalidade com menos participantes poderia ter no mínimo 75% das menções da modalidade com mais participantes. Isso restringiu consideravelmente os elementos para análise. Elementos que satisfizeram essas condições para as duas variáveis independentes foram submetidos à ANOVA fatorial; elementos que cumpriram esses requisitos para apenas uma delas foram comparados por meio do teste *t* para amostras independentes apenas conforme essa variável.

Para a variável independente saliência da pertença grupal, os seguintes elementos respeitaram os critérios estabelecidos (*N* para as condições sem saliência e com saliência entre parênteses, respectivamente): *aspectos orgânicos* (30 e 35), *dependência* (18 e 19), *doenças* (42 e 40), *inexorabilidade* (23 e 17), *isolamento* (33 e 25), *etapa* (26 e 27) e *processo* (39 e 45). Para a variável formato de resposta, apenas o elemento *sabedoria e experiência* (82 e 76) foi submetido à análise. Os elementos *declínio e perda* (para a condição *SsFe* teve 22 menções, 30 em *SsFd*, 31 em *ScFe* e 26 em *ScFd*) e *morte* (13 para *SsFe*, 10 em *SsFd*, 16 em *ScFe* e 12 em *ScFd*) obedeceram aos critérios determinados para as duas variáveis.

A Tabela 21 apresenta os resultados dos testes *t* para amostras independentes, referentes aos elementos comparados quanto às ordens médias de evocação para cada modalidade da variável saliência grupal. Observa-se que em todos os casos a suposição de homoscedasticidade (variâncias semelhantes) foi respeitada, como mostra o teste de homogeneidade das variâncias de Levene.

Foram encontradas diferenças nas ordens de evocação para dois elementos: *dependência* e *doenças*. Em ambos os casos, esses elementos foram lembrados mais cedo no material textual quando os participantes que os mencionaram responderam à questão com saliência grupal nas instruções.

Tabela 21. Comparação de ordens médias de evocação conforme modalidades da variável
saliência grupal.

Elemento	M. SS	DP SS	M. CS	DP CS	F Lev	p Lev	t	gl	p
Asp. orgânicos	2,31	1,05	2,20	0,99	0,74	ns	0,43	63	ns
Dependência	3,06	1,30	2,17	1,12	0,38	ns	2,23	35	< 0,05
Doenças	3,24	1,30	2,50	1,22	0,06	ns	2,81	90	< 0,01
Etapa	1,73	1,00	1,59	0,84	2,83	ns	0,54	51	ns
Inexorabilidade	2,22	1,09	2,18	1,13	0,04	ns	0,12	38	ns
Isolamento	2,76	1,37	3,08	1,32	0,35	ns	0,90	56	ns
Processo	1,38	0,75	1,33	0,88	0,01	ns	0,29	82	ns

M. SS = média para a modalidade sem saliência grupal. DP SS: = desvio padrão para a modalidade sem saliência grupal.
M. CS = média para a modalidade com saliência grupal. DP CS: = desvio padrão para a modalidade com saliência grupal.

No que diz respeito ao elemento *sabedoria e experiência*, comparado quanto à variável formato de resposta, os participantes que mencionaram esse elemento respondendo no formato de evocações livres tiveram ordem média de evocação 2,06 (desvio padrão 1,30) e os que responderam no formato discursivo, ordem média de evocação 2,51 (desvio padrão 1,25), ou seja, mencionaram o elemento mais tardiamente. Novamente, a suposição de homogeneidade das variâncias foi respeitada (F Levene = 0,18; ns), e foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa ($t = 2,23$; $gl = 156$; $p < 0,05$), evidenciando um efeito da variável formato de resposta na ordem de evocação desse elemento.

Quanto ao elemento declínio e perda, os participantes na modalidade de evocação tiveram ordem média de evocação 2,57 (desvio padrão 1,17), e os da modalidade discursiva, 2,50 (desvio padrão 1,03), o que implica prontidões de evocação próximas e intermediárias. Em relação à variável saliência grupal, os participantes que mencionaram declínio e perda na modalidade sem saliência grupal tiveram ordem média de evocação 2,40 (desvio padrão 1,05), e 2,65 (desvio padrão 1,13), o que indicaria uma tendência das pessoas mencionarem declínio mais cedo ao responder questões de evocação livre.

Foi respeitada a suposição de homogeneidade das variâncias, de acordo com o teste de Levene ($F_{3, 105} = 0,86; ns$). A ANOVA fatorial não revelou efeitos significativos das variáveis saliência grupal ($F_{1, 105} = 1,19; ns$) nem formato de resposta ($F_{1, 105} = 0,06; ns$), nem da interação entre ambas ($F_{1, 105} = 1,66; ns$).

Para o elemento morte, os participantes na modalidade evocação tiveram ordem média de evocação 2,52 (desvio padrão 1,24), e os da modalidade discursiva, 3,18 (desvio padrão 1,22). Os participantes na modalidade sem saliência grupal tiveram ordem média 2,68 (desvio padrão 1,22), enquanto os da modalidade com saliência tiveram média 2,96 (desvio padrão 1,33). Quanto à ANOVA, a suposição de homogeneidade de variâncias foi respeitada ($F_{3, 47} = 0,20; ns$). Assim como para o elemento declínio e perdas, não foram encontrados efeitos significativos estatisticamente para a variável saliência grupal ($F_{1, 47} = 0,78; ns$), formato de resposta ($F_{1, 47} = 3,81; ns$) ou para a interação entre elas ($F_{1, 47} = 0,60; ns$).

Ao realizar as comparações cabíveis, foram identificados efeitos da manipulação experimental em alguns elementos da representação em termos de mudança de ordem de evocação. Foram comparados somente elementos com distribuições semelhantes entre as variáveis de agrupamento, pois caso contrário não haveria cabimento compará-los por distorção excessiva das condições de emprego dos testes estatísticos utilizados. Além do mais, pode-se considerar a mudança de ordem de evocação como um efeito mais sutil da manipulação experimental, dado que nesses casos os elementos representacionais mantêm suas saliências quantitativas (frequências) praticamente inalteradas, porém há uma alteração em sua acessibilidade à memória ou articulação com outros elementos do discurso.

De todo modo, a comparação permitiu identificar mais essa influência das variáveis independentes. Com isso confirmam-se as Hipóteses 3 e 4 formuladas, ainda que para

poucos elementos: apenas dependência e doenças para a variável saliência grupal, e sabedoria e experiência, para o formato de resposta. Cabe, contudo, apontar que são elementos, especialmente no caso de doenças e sabedoria e experiência, que possuem papéis importantes na estrutura da representação social do envelhecimento, tanto a respeito da ordem de evocação média quanto da saliência quantitativa. Com esses resultados, concluem-se as análises acerca da primeira dimensão de análise: a prototypicalidade. Nas Tabela 22 e 23 há uma síntese dos efeitos mais importantes encontrados combinando-se os resultados dos testes de frequência e da comparação de ordens médias de evocação.

Tabela 22. Síntese dos resultados dos testes estatísticos inferenciais acerca da ativação de elementos representacionais conforme manipulação da variável formato de resposta.

	Modalidades	Elementos
<i>Menção de elementos sócio-representacionais</i>	Ativados pelas evocações	Afeto
		Aposentadoria
		Dependência
		Desvalorização social
		Doenças
		Família
		Isolamento
		Necessidades especiais
		Sufrimento
		Traços positivos
		Tranquilidade
		Tristeza
Ativados pelas discursivas	Aspectos orgânicos	
	Etapa	
	Inexorabilidade	
	Mental	
	Mudanças	
	Processo	
	Tempo	
	Vida	
<i>Ordem de evocação</i>	Ativados pelas evocações	Sabedoria e experiência

A Tabela 22 apresenta os resultados referentes à variável formato de resposta, enquanto que a Tabela 23 traz os dados do efeito da variável saliência grupal.

Tabela 23. Síntese dos resultados dos testes estatísticos inferenciais acerca da ativação de elementos representacionais conforme manipulação da variável saliência grupal.

	Modalidades	Elementos
<i>Menção de elementos sócio-representacionais</i>	Ativados pela saliência grupal	Cuidados com a saúde Desvalorização social Reflexão
	Ativados sem saliência grupal	Sabedoria Tempo
<i>Ordem de evocação</i>	Ativados pela saliência grupal	Dependência Doenças

Análise de arestas significativas da matriz de similitude

A segunda dimensão de análise, a da organização dos elementos da representação, foi operacionalizada por meio de uma análise de similitude baseada na co-ocorrência entre palavras. Assim, há uma matriz elementos X elementos, sendo que na intersecção entre elementos há a quantidade de vezes que foram mencionados por um mesmo participante. De acordo com os princípios básicos da análise de similitude, quanto mais vezes dois elementos “ocorrem juntos”, maior a probabilidade de que tenham relações entre si no contexto da representação. A representação típica da análise de similitude é o grafo, em que, no presente caso, os elementos representacionais são os vértices, ligados entre si por

arestas, cujas forças ou valores são as vezes em que dois elementos são mencionados simultaneamente na amostra, em valor bruto.

Escolheu-se representar os grafos de acordo com o algoritmo da árvore máxima, isto é, escrevendo as arestas em ordem decrescente quanto à força, retendo apenas as arestas que não formam ciclos (figuras fechadas) com as arestas retidas anteriormente. É a representação mais “econômica” de uma matriz de similitude e, por conter menos arestas, apresenta as ligações mais essenciais entre elementos, permitindo obter resultados com significado e parcimônia, dando um esboço do campo representacional, percorrendo os trajetos cognitivos essenciais e evidenciando eixos ou dimensões da representação.

A Figura 4 apresenta a árvore máxima para os 384 participantes do estudo, ou seja, a reunião de todas as condições experimentais. Foram representadas na árvore máxima apenas as arestas com valor 12 ou mais, ponto de corte escolhido como critério, equilibrando-se a quantidade de vértices representados e a simplicidade do grafo formado.

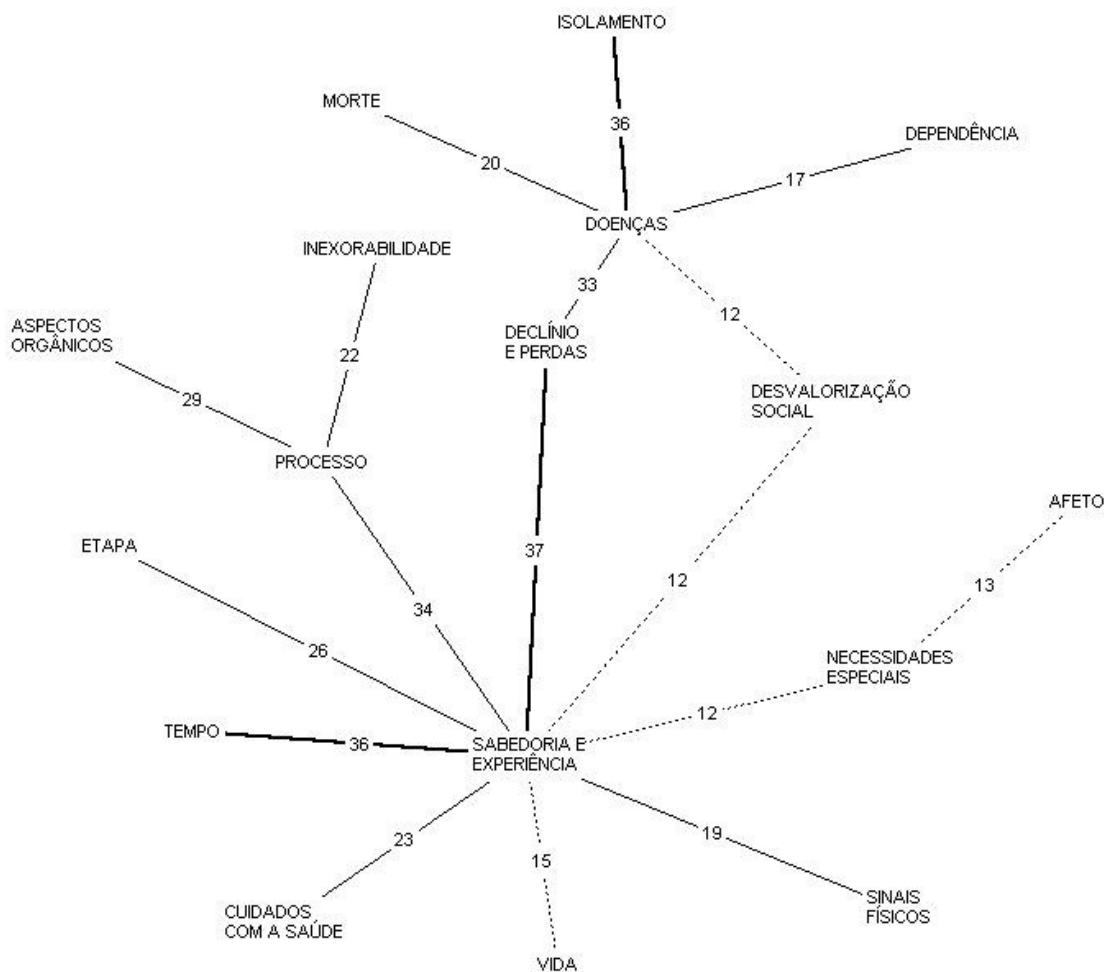


Figura 4. Árvore máxima referente à amostra de 384 participantes (aresta mínima = 12).

Pode-se observar que, a partir da árvore máxima esboçada, o elemento *sabedoria e experiência* tem um papel organizador na representação, devido à forma de “estrela” que o liga a diversos elementos, ressaltando uma alta conexidade. As três arestas mais importantes, que descrevem as relações mais fortes da representação, são as ligações entre *sabedoria e declínio e perdas*, opondo ganhos e perdas na velhice; *sabedoria e experiência* e *tempo*, atrelando um ganho em amadurecimento e aprendizado à passagem cronológica; e *doenças* e *isolamento*; associando o surgimento de enfermidades a uma solidão, marginalização e abandono progressivo do idoso.

Aparentemente, há três eixos no campo da representação, um primeiro organizado por *sabedoria e experiência*, ou seja, uma consequência do envelhecimento que é vivida junto a outras, que seriam a maioria dos elementos ligados a esse elemento: *sinais físicos*, *necessidades especiais* (que por sua vez também está ligada a uma necessidade de afeto para com o idoso), *desvalorização social*, a questão de *cuidados com a saúde*, e *declínio e perdas*. Além disso, *sabedoria* está ligada à dimensão cronológica e a uma *etapa da vida*.

O segundo eixo é trata de uma definição um pouco mais abstrata da representação, organizado pelo elemento *processo*. Assim, envelhecimento é um processo inexorável ou inevitável, marcado por mudanças e características também referentes à parte orgânica, do corpo.

Por fim, há um terceiro eixo claramente ligado aos aspectos degenerativos do envelhecimento. Esse terceiro núcleo liga-se aos demais elementos da árvore máxima por meio dos elementos *declínio e perdas* e *desvalorização social*, que também são consequências ou aspectos vividos durante o envelhecimento. Porém, o elemento que organiza essa parcela do campo representacional é o elemento *doenças*, associado também a *morte, isolamento e dependência*.

O cálculo das arestas significativas permite o cálculo de quais relações são privilegiadas por subgrupos, ao comparar com a amostra total. No caso, foram realizadas duas segmentações da amostra, uma para cada variável independente. Assim, primeiramente foram calculadas as arestas significativas para as árvores de similitude construídas pelos 192 participantes de cada modalidade da variável saliência grupal, e posteriormente, para os 192 participantes submetidos a cada modalidade da variável formato de resposta.

Segundo Vergès e Bouriche (2001), o cálculo das arestas significativas emula os procedimentos de testes estatísticos, mas sem se restringir ao aceite ou rejeição de

hipóteses. Os cálculos dos testes são empregados para fornecer dados descritivos de todas as arestas, de modo a identificar as diferenças mais interessantes para a descrição. O procedimento descrito pelos autores, e automatizado pelo programa Similitude 2000, é simples. Trata-se de verificar se as arestas da sub-amostra ocorrem com frequência significativamente maior que na amostra total, partindo-se do pressuposto que, como há duas sub-amostras, deveria haver cerca de 50% da quantidade de ocorrências de uma aresta para cada metade se não houvesse associação¹.

Foi escolhido como critério mínimo de inclusão de arestas na análise um valor total correspondente a 5% do total de participantes. A respeito da variável saliência grupal, primeiramente foi examinada a modalidade sem saliência grupal, responsável por 48,1% da quantidade de arestas da amostra total. Foram detectadas cinco arestas significativas, considerando-se as arestas com valor central reduzido maior que 1,28 desvios padrão ($p < 0,10$). Apenas uma aresta teve valor maior que 2,34, e portanto associação significativa com a modalidade sem saliência grupal no nível $p < 0,01$. A Figura 5 apresenta a representação gráfica dessas arestas (os valores das arestas são os valores centrais reduzidos multiplicados por 100).

¹ Como se trata de um procedimento menos conhecido, cabe descrever os passos dos cálculos empregados, conforme explicação de Vergès e Bouriche (2001). Primeiramente se calcula um coeficiente para ajustar o efeito de diferenças na quantidade de elementos expressos por cada amostra. O primeiro passo é calcular o total de relações de arestas da amostra total e dividindo-se pela quantidade de sub-amostras (no caso, 2). Em seguida, a quantidade de relações de cada sub-amostra é dividida pelo número resultante da primeira divisão, o que fornece o coeficiente de ajuste. Todos os valores de arestas de cada sub-amostra devem então ser multiplicados por esse valor. Para saber se a frequência de uma aresta é significativa, ela deve ser comparada

com o desvio padrão típico da distribuição da frequência 0,5, por meio do cálculo de $\sigma_{ijp} = \sqrt{\frac{q_p(1-q_p)}{n_{ij}}}$, onde q_p é 0,5 e n_{ij} é o valor da aresta ajustado pelo coeficiente descrito anteriormente. Então, utilizando os resultados dos cálculos, obtém-se o escore padrão (escore z) do valor observado da aresta, por meio do cálculo $t_{ijp} = \frac{q_{ijp} - q_p}{\sigma_{ijp}}$, onde t_{ijp} é o escore z , q_{ijp} é o quociente do valor observado da aresta ajustado pelo

coeficiente pelo valor da aresta na amostra total também ajustado, e q_p é a proporção esperada em cada sub-amostra (aqui, 0,5). Do cálculo, resulta o escore z ou valor central reduzido, que representa o desvio em relação ao valor esperado. Um desvio com $p < 0,10$ ocorre quando esse escore é maior de 1,28, e de $p < 0,01$ quando ele é maior que 2,34.

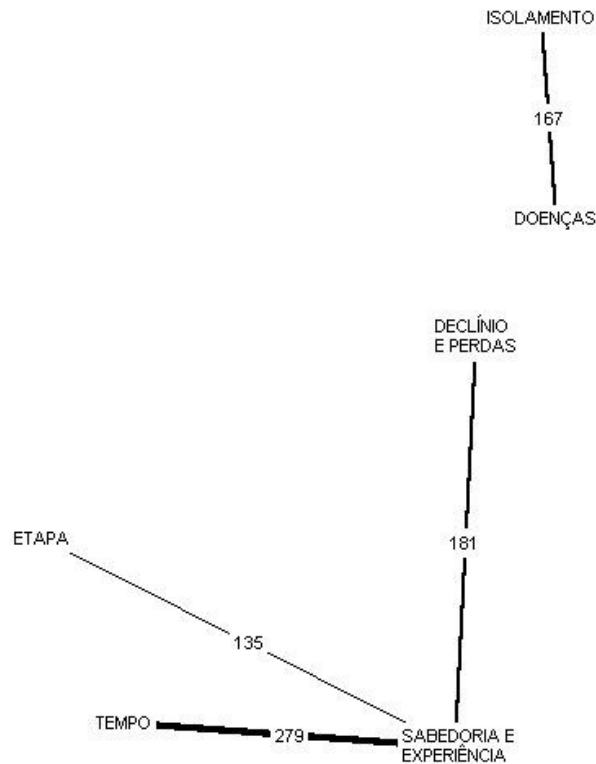


Figura 5. Arestas significativas para a modalidade sem saliência grupal nas instruções da variável saliência grupal.

Assim, observa-se que, entre os participantes que responderam a questões com instruções sem saliência grupal, foram favorecidas principalmente relações situadas no eixo da representação organizado por *sabedoria e experiência*, a saber, a expressão da relação entre *sabedoria e experiência* e *tempo* (aresta mais significativa de todas), e as relações entre *etapa* e *sabedoria*, e *declínio e perdas* e *sabedoria*. No eixo relativo aos aspectos negativos também houve uma relação privilegiada para essa modalidade, entre doença e isolamento.

Por outro lado, a modalidade com saliência grupal, responsável por 51,9% do total de arestas, não apresentou arestas significativas. Com isso, não há grafo a ser apresentado para essa condição.

De todo modo, pensando de modo inverso, e situando os efeitos da modalidade sem saliência nas instruções, os resultados não deixam de indicar associações cognitivas que tendem a ocorrer menos ao se introduzir a saliência do grupo acadêmicos de saúde nas questões abertas. Assim, automaticamente uma modalidade não só favorece a expressão de relações entre alguns elementos, como também inibe outros. No caso, foi verificado para a variável saliência grupal que há apenas relações com expressão favorecida quando não há grupo implicado nas instruções das questões, e com expressão inibida no caso inverso.

No que diz respeito à variável formato de resposta, a modalidade com resposta de evocações livres, com 54,8% do total das arestas, teve quatro arestas significativas, como mostra a Figura 6. Fortalecem-se as relações entre *sabedoria* e *cuidados com a saúde*, bem como a ligação entre *sabedoria* e o eixo negativo da representação. Nesse eixo fortalecem-se duas relações, sendo que a aresta mais forte refere-se à associação entre *isolamento* e *doenças*.

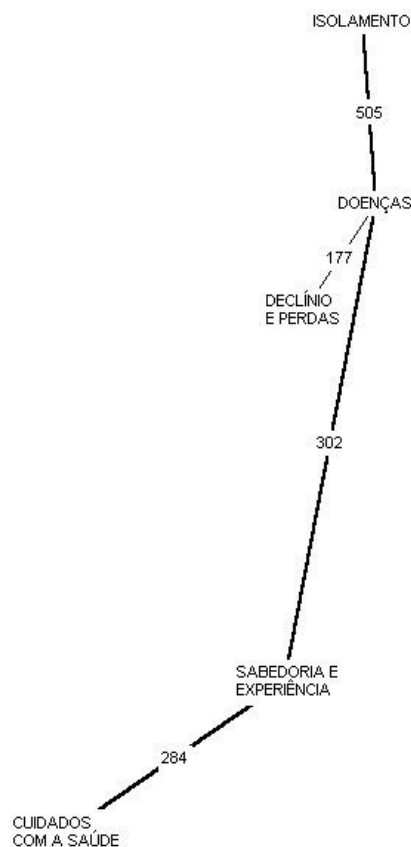


Figura 6. Arestas significativas para a modalidade evocações livres da variável formato de resposta.

Quanto aos participantes que responderam questões discursivas, responsáveis por 45,2% do total de arestas, foram identificadas nove arestas significativas, 8 delas no nível de $p < 0,01$, o que implica considerável reorganização da representação mediante ao formato de resposta (ver Figura 7). As relações favorecidas pelo formato de resposta discursivo (e, ao mesmo tempo, desfavorecidas pelo formato de evocação) envolvem o eixo da representação que aborda a natureza processual e inevitável do envelhecimento. Além disso, há relações comunicando elementos-chave dos três eixos identificados na representação, propiciando uma cobertura mais ampla do objeto representacional. Isso possivelmente é favorecido pela resposta discursiva permitir articulação mais precisa de

elementos, o que explicaria essas relações de natureza mais integrativa, e não ocorreria nas respostas de evocações livres.

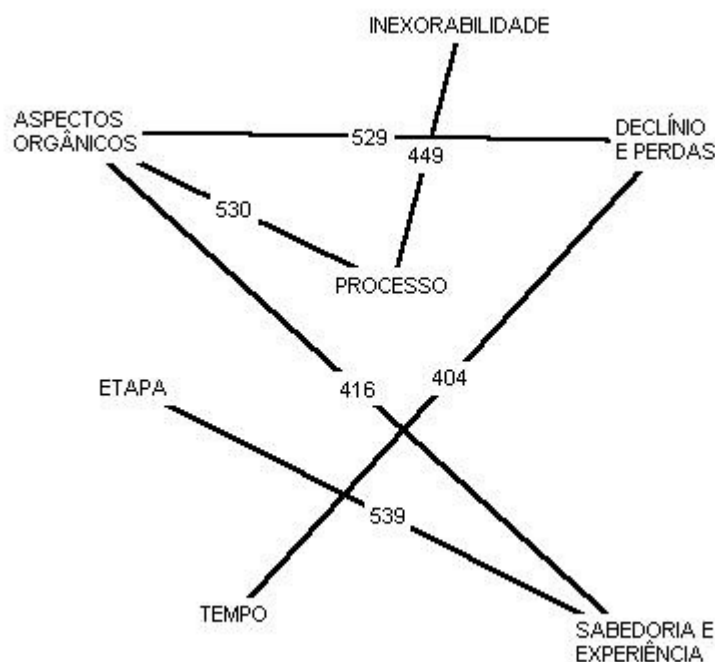


Figura 7. Arestas significativas para a modalidade discursiva da variável formato de resposta.

Com isso, confirmam-se as Hipóteses 6 e 7, tendo sido identificadas arestas significativas relativas à manipulação das duas variáveis independentes. Assim, além de alterações na frequência de menção de elementos e na prontidão de sua lembrança, também há relações favorecidas ou inibidas conforme são mencionados elementos diferentes, o que implica esquemas ativados diferencialmente, e, portanto, é mais uma influência de características das questões abertas na ativação das representações sociais.

Foi observado que, no que diz respeito à saliência grupal, a ausência de implicação grupal possibilita um fortalecimento de relações entre elementos frequentes da representação. A ativação diferenciada de elementos propiciada pela saliência da pertença

grupais de acadêmicos da saúde inibe essas relações mais frequentes, distribuindo as forças de ligação junto a outros elementos menos frequentes.

Quanto ao formato de resposta, há uma reorganização mais expressiva com base na manipulação experimental. As evocações favorecem relações envolvendo o elemento *sabedoria e experiência*, ligando-o ao eixo negativo da representação, acarretando um contraste entre ganhos e perdas. Já as respostas discursivas possibilitam uma ênfase nos aspectos abstratos da representação e uma articulação entre as dimensões identificadas no campo representacional.

Com isso, conclui-se o percurso de análise dos dados e descrição dos resultados. Cabe, então, sintetizar o que foi encontrado e buscar explicações teóricas para os efeitos documentados.

Discussão

O presente trabalho visou verificar se variações nas instruções de questões abertas ativam elementos diferentes de representações sociais. Colocando de outro modo, o objetivo principal do estudo foi descrever o efeito de variáveis referentes a características de instruções de questões abertas de questionários na ativação de elementos de representações sociais; isto é, como as características de questões abertas suscitam fenômenos sociopsicológicos que favorecem ou inibem a expressão de elementos de representações sociais nas respostas dos participantes.

Para fins de organização, a presente seção será dividida em quatro partes, cada uma das quais versando sobre um aspecto dos resultados. A primeira parte será sobre os resultados globais acerca da representação social dos estudantes de enfermagem sobre envelhecimento. Em seguida, serão tratados independentemente os efeitos das duas variáveis independentes: saliência da pertença grupal e formato de resposta. Por fim, a discussão se encerra com um panorama avaliativo sobre a pesquisa, incluindo as escolhas feitas, procedimentos adotados, restrições identificadas decorrências dos resultados de modo geral e sugestões de pesquisas futuras.

A representação social de estudantes de enfermagem sobre envelhecimento

Antes de tudo, é necessário esclarecer: qual a representação social do envelhecimento reconstituída nos resultados? Considerando que foram realizados diversos tipos de análises, e que se pode falar em mais de uma representação com base na manipulação experimental efetuada, não é uma pergunta tão simples de responder. E talvez nem seja possível fazê-lo satisfatoriamente.

Apesar de a pesquisa ter se pautado por uma perspectiva estrutural de investigação das representações sociais, não há indícios suficientes para determinar com segurança, com base nos resultados obtidos, quais elementos compõem o sistema central da representação social do envelhecimento. Isso se deu porque o estudo constituiu-se de uma única coleta de dados, e com finalidade exploratória; por mais que haja evidências de prováveis elementos centrais da representação, o estudo carece de técnicas mais precisas de análise de similitude - por exemplo, de uma análise de similitude baseada numa construção, por parte dos participantes, de uma matriz a partir de elementos sugeridos a eles de antemão (Sá, 1996) – ou técnicas específicas de confirmação da estrutura representacional, tais como o questionamento ou *mise en cause* (Moliner, 1994b) ou a indução por cenário ambíguo (Moliner, 1993).

De todo modo, baseando-se no conjunto dos resultados da análise prototípica, especialmente as tabelas referentes ao cruzamento de ordem de evocação com frequência de cada elemento, e também no grafo da árvore máxima reunindo as quatro condições experimentais, é possível esboçar um campo representacional e apontar, com probabilidade razoável de acerto, os elementos centrais e principais periféricos da representação, bem como interpretar sua organização.

Ao abordar a análise prototípica para caracterizar a representação do envelhecimento, é necessário buscar fundir os resultados num contexto coerente, considerando que se trata de uma mesma população. Mesmo com resultados que indicam ativações diferenciais de elementos representacionais com base no contexto de interação entre ator social e representação, os resultados vão na direção dos demais estudos sobre representações sociais de envelhecimento, velhice e idoso, realizados junto a populações de locais diferentes.

Uma integração dos resultados da análise prototípica (ver Tabelas 9 a 12) e de similitude (ver Figura 4) de modo amplo permite construir uma cadeia de pensamento descritiva do campo representacional: o envelhecimento é representado como um processo provocado ou acompanhado pela passagem do tempo, que resulta numa etapa que antecede a morte. Durante esse processo, ocorreriam mudanças, bem como conseqüências. Talvez a principal delas seja a aquisição de sabedoria, experiência e amadurecimento em decorrência de tudo o que é vivido pela pessoa que envelhece. No entanto, a grande maioria delas seria referente a perdas e um declínio no desempenho de funções e atividades: surgimento de doenças, dependência das outras pessoas, desvalorização por parte da sociedade, e isolamento. Trata-se de um processo ou etapa que gera medo, pois sabe-se de suas conseqüências negativas, e que é inevitável. Ademais, o corpo passa por transformações, tanto interna (em termos fisiológicos) quanto externamente (surgem rugas, cabelos brancos, altera-se o tônus muscular, e assim por diante).

Altera-se gradativamente a rotina do idoso, com novas atividades, já que com a aposentadoria não existiria mais obrigação de trabalhar. Ele redefiniria seu papel na família e dedicar-se-ia mais aos familiares. Com as doenças e visando controlar melhor o processo, cabe ao idoso cuidar da saúde. Devido às perdas e características do idoso, ele necessita de atenção e cuidados especiais por parte dos outros. Há quem pense que a “cabeça” e o “corpo” envelheçam de modo independente. Desse modo, uma pessoa poderia ser velha de idade, e ao mesmo tempo jovem em “espírito”. Essa juventude interna seria uma abertura a mudanças, e poderia durar indefinidamente.

O primeiro ponto que chama a atenção na representação encontrada refere-se à divisão dos aspectos ou elementos do envelhecimento em perdas e ganhos, o que tem sido um resultado consistente nos estudos dedicados à representação do envelhecimento em diversos contextos culturais (Coudin & Beaufils, 1997; Veloz, 1999; Veloz, Nascimento-

Schulze & Camargo, 1999; Novaes, 2001; Novaes & Derntl, 2002; Oliveira & Santos, 2002; Martins, 2002; Moliner & Vidal, 2003; Gastaldi & Contarello, 2006; Santos & Meneghin, 2006). Apesar das atitudes dos participantes acerca da velhice tenderem para o pólo positivo (ver Tabela 6), a representação social do envelhecimento sugerida pelos dados é predominantemente negativa, com maior ênfase em elementos que tratam de desgaste ou declínio. Isso é comum em pesquisas junto a jovens e adultos. Os estudantes de medicina da pesquisa de Mithidieri e Tura (2003) mencionaram grande quantidade de elementos periféricos negativos. Para os jovens estudantes de Gastaldi e Contarello (2006), o envelhecimento é um processo que leva à fragilidade, solidão e doenças. Apesar de não terem ocorrido atitudes negativas no presente estudo, geralmente os jovens investigados em outros estudos tiveram atitudes desfavoráveis acerca do envelhecimento (Kite & Johnson, 1988; Gastaldi & Contarello, 2006).

Talvez o elemento com maior probabilidade de ser central seja sabedoria e experiência, presente no quadrante central de três condições experimentais e na periferia com alta frequência da quarta (ver Tabelas 9 a 12). Isso também vai ao encontro dos resultados de Mithidieri e Tura (2003), que colocam sabedoria como um elemento central. A experiência foi identificada por Moliner e Vidal (2003) como um componente do núcleo central do estereótipo do idoso. Há um reconhecimento de que o idoso se torna uma pessoa sábia que deve ser respeitada (Martins, 2002).

Além da impossibilidade de dizer se há uma ou mais representações em jogo no presente estudo devido à manipulação do formato de resposta, também nos estudos já realizados sobre representação social do envelhecimento por vezes é difícil dizer se há uma, duas ou três representações sociais atuantes. Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) relataram ter encontrado três representações sociais do envelhecimento: uma típica de mulheres, outra de professores aposentados, e uma terceira de professores e

participantes de atividades de um grupo para a terceira idade; Santos e Belo (2000) identificaram três modelos de velhice, vinculados a idosos das zonas urbana e rural do sertão nordestino; Martins (2002), a princípio, identificou uma só representação, mas com diversos aspectos distintos, sendo que idosos se associaram com alguns, e jovens e adultos não-idosos, com outros. Coudin e Beaufils (1997) falam de uma pesquisa de Hummel em que foram identificadas representações para a população em geral e para minorias. Gastaldi e Contarello (2006) apresentam um contraste entre as concepções de jovens estudantes e idosos acerca de envelhecimento. Por fim, Santos e Meneghin (2006) dizem ter encontrado três representação acerca da velhice. Mas afinal, quantas representações sociais sobre envelhecimento e velhice podem de fato ser identificadas nesses estudos? Eles estão se orientando pelos mesmos critérios para delimitar representações sociais?

Não é possível, em sentido estrito, responder se esses estudos referem-se a uma ou mais representações sociais pelo fato de que não foram empregadas técnicas estruturais na maioria deles. O que permite diferenciar uma representação de outra são núcleos centrais diferentes (Abric, 1998). Contudo, há que se levar em conta que técnicas de conteúdo podem dar bons indícios para identificar representações sociais diferentes. Alguns dos critérios propostos por Wagner (1998) para determinar o que são representações sociais são especialmente úteis para viabilizar respostas. Uma representação social está ligada a um grupo social reflexivo, ou dizendo de outra forma, um segmento da sociedade bem determinado e autoconsciente de sua pertença grupal. Desse modo, tende-se a considerar a possibilidade de mais de uma representação social ter sido identificada nos casos em que foram comparadas representações de grupos bem delineados. É o caso dos estudos de Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999), Santos e Belo (2000), Martins (2002), Coudin e Beaufils (1997) e Gastaldi e Contarello (2006). O maior contraste entre representações – e grupos, dado que as representações expressam as identidades sociais de

membros de grupos distintos (Abric, 1998) – se dá num contexto intergeracional, privilegiado pela maioria desses estudos. Há a representação dos jovens e adultos não-idosos sobre o envelhecimento, marcada por aspectos negativos mas que também reconhece o ganho de sabedoria propiciado pelas experiências de vida, e de um outro lado há a representação social dos idosos sobre velhice, marcada por elementos mais concretos e do cotidiano, e de uma “desmistificação” das etapas e processos relacionados, marcada por novas atividades e experiências. Por outro lado, estudos realizados apenas junto a idosos que freqüentam instituições ou institucionalizados trazem uma representação ainda mais negativa que a mantida pelos não-idosos (Costa & Campos, 2003; Araújo, Carvalho & Moreira, 2003; Araújo et al, 2005a e 2005b).

Não é o caso do estudo de Santos e Meneghin (2006). Há apenas um grupo sendo considerado, e nossa interpretação é de que as três representações identificadas pelas autoras seriam dimensões de uma mesma representação, pois não há contradição entre os elementos apresentados, e o envelhecimento é um objeto social multifacetado. Para os participantes, também estudantes de enfermagem, o envelhecimento é marcado por perdas, o que acarreta um desafio no cuidado com a saúde e para lidar com o declínio do processo de modo positivo. Reconhece-se uma desvalorização social do idoso e também a necessidade de alterar esse quadro.

Assim, de modo análogo, o presente estudo também permite a identificação de uma única representação dos estudantes de enfermagem sobre o envelhecimento, ainda que um pesquisador desavisado que observasse os resultados referentes às duas modalidades formato de resposta pudesse inferir a existência de duas representações. No entanto, considerando que ambas as visões de envelhecimento reconstituídas pelos dados – a saber, uma visão pautada em perdas e ganhos, semelhante à representação “dualista” trazida pela literatura; e uma visão de envelhecimento como processo inevitável ligado ao tempo,

marcada por mudanças orgânicas, perdas e ganhos – são complementares e não conflitantes, nossa posição é a de que os resultados baseiam-se numa representação compartilhada, enfatizando mais um ou outro aspecto dela. Noutros termos, é basicamente compatível com a representação do “ser velho” compartilhada pelos participantes de Santos e Meneghin (2006): a especificidade dos estudantes de enfermagem, em relação aos demais jovens e adultos não-idosos, se dá numa dimensão composta por elementos que reconhecem o baixo estatuto dos idosos na sociedade e suas peculiaridades no tocante ao tratamento que lhes deve ser dispensado. No presente estudo, isso se traduz por meio da expressão de elementos como *necessidades especiais*, *desvalorização social* e *cuidados com a saúde*. De qualquer forma, há algum desconforto ao fazer essas afirmações, traduzido pela necessidade de ater-se a uma meta-análise dos resultados. O ideal seria a execução de análises específicas para determinação do sistema central da representação, o que possibilitaria uma grau maior de segurança em nossas afirmações.

Efeito da saliência grupal

O efeito da variável saliência grupal na ativação de elementos da representação social dos estudantes de enfermagem sobre envelhecimento foi restrito a alguns elementos provavelmente periféricos, que dizem respeito à dimensão da representação que parece ser mais específica de estudantes – e possivelmente profissionais – da área de enfermagem e saúde. No que diz respeito à menção de elementos, os participantes tenderam a citar mais os elementos *cuidados com a saúde*, *desvalorização social* e *reflexão* quando se encontraram frente a uma questão aberta em que havia ênfase na pertença grupal acadêmicos de saúde nas instruções (ver Tabela 18). Além disso, nessas mesmas ocasiões, eles mencionaram os elementos *dependência* e *doenças* mais cedo (ver Tabela 21). Quando nas instruções não havia menção explícita à pertença grupal acadêmicos de saúde, os

participantes expressaram mais os elementos *sabedoria e experiência e tempo* (ver Tabela 18), que têm maior probabilidade de serem centrais ou periféricos sobreativados, o que dá à representação um caráter mais geral e menos específico, ou seja, mais indiferenciado em relação ao que seria expresso por outros jovens e adultos não-idosos. Em concordância com essa constatação, a análise de arestas significativas (Figura 5) apontou que os participantes tendem a fortalecer vínculos entre elementos mais compartilhados como *sabedoria e experiência e tempo*, bem como *declínio e doenças*, quando não há implicação de grupo nas instruções, e quando há uma pertença grupal explícita, ocorre um afrouxamento dessas relações mais frequentes.

Desse modo, a pesquisa fornece evidências para somar-se às de Wagner (1995), de que é pertinente levar em conta o aspecto holomórfico das representações sociais. Há diferença não na representação partilhada pelos participantes, mas na reconstituição dessa representação realizada pelo pesquisador. No caso da saliência grupal, pode-se dizer, avaliando em termos globais a magnitude da mudança, que se trata de um efeito fraco ou moderado, mas de modo algum negligenciável, visto que se reflete inclusive em testes inferenciais de hipóteses.

A necessidade do critério de holomorfose para definir representações sociais justifica-se no momento em que se admite que as pessoas podem ter conhecimento de diversas representações sociais, devido à multiplicidade de pertenças grupais mantidas por elas (Vala, 1996; Doise, 2001a) e também que essas pessoas podem ter representações individuais, decorrentes da experiência, distintas das representações compartilhadas por seus grupos de referência – sem dúvida balizadas por elas, como talvez seja a maior parcela do conhecimento, mas distintas –, originadas de uma interação entre essas modalidades de conhecimento (Breakwell, 1993). Não seria a diferença na ativação de alguns elementos uma decorrência do fato de que, ao responder uma questão com saliência

grupal especificada nas instruções, e somente nesse caso, estariam os participantes expressando os conteúdos da representação que são conhecidos por eles?

Devido à pequena magnitude do efeito, a possibilidade é de que esse não seja o caso. Aparentemente a manipulação de saliência grupal nas instruções gerou uma sobreativação de alguns elementos bastante próximos à função do enfermeiro, o que caminha junto com o esperado acerca do critério holomórfico; porém, o fato de que uma proporção extensa e majoritária do campo representacional manteve-se praticamente inalterada em virtude da manipulação não permite chegar a diferenças grandes entre as reconstituições representacionais de cada uma das modalidades da variável manipulada.

Cabe esclarecer, contudo, que o procedimento de coleta de dados ainda deixa a desejar em termos de contrastes nas modalidades de menção ou não da saliência grupal. Afinal, as coletas de dados ocorreram coletivamente, em salas de aula do curso de enfermagem. Trata-se de uma situação em que a pertença grupal acadêmico de saúde está saliente: os participantes responderam junto a seus colegas, membros do mesmo grupo, em horário de uma aula de seu curso e no local em que vivem essa pertença. Portanto, é de se supor que mesmo com o pesquisador, na explicação do processo, e o instrumento buscando evitar que houvesse saliência grupal durante a resposta de metade dos participantes, isso seria, em grande medida, impossível. Provavelmente os resultados teriam sido muito diferentes caso a pesquisa tivesse sido realizada junto aos mesmos participantes em outros contextos de suas vidas cotidianas, fora da universidade. Poder-se-ia esperar diferenças muito mais acentuadas nas reconstituições representacionais dos participantes expostos a instruções com e sem saliência grupal, nesses casos. Porém, a pesquisa esbarraria em outros problemas: a dificuldade de viabilização da coleta, implicando mais tempo e também obstáculos para compor grupos com participantes em quantidade suficiente para conduzir as análises estatísticas. E se, mesmo com um procedimento de coleta que não

neutraliza a contento a saliência grupal da situação, foram encontradas diferenças que podem ser atribuídas à manipulação de instruções, deixa-se antever a hipótese de que o efeito seria consideravelmente maior em outros ambientes. Evidentemente, trata-se de uma questão que permanece em aberto. Projetos futuros de pesquisa com outros objetos sociais, em que seja possível realizar coletas de dados de acordo com procedimentos em que a pertença grupal seja mais neutralizada, ou então projetos voltados para a representação social do envelhecimento que tenham procedimentos de coleta diversos certamente contribuiriam para poder afirmar algo dessa natureza com mais segurança.

A identificação do efeito de saliência grupal tem algumas decorrências para pesquisas em representações sociais. Um primeiro ponto diz respeito ao fenômeno que pode ocorrer quando o participante responde ao questionário. Afinal, responder uma questão aberta sobre um objeto social não deixa de ser o que Vala (1996) chamou de comportamento representacional: uma ação para a qual a representação é particularmente importante, e que assim sofre bastante influência dessa última. É possível que o participante tanto selecione, inconscientemente, dentre os aspectos de uma mesma representação aqueles que guiarão sua resposta, quanto selecione dentre aspectos de diversas representações aquela representação que se mostra mais pertinente para a situação. Para o efeito da variável saliência grupal neste estudo, parece ter ocorrido o primeiro caso. A pertença grupal acadêmico de saúde já era saliente, como argumentado, devido a características situacionais, e então a sua ênfase nas instruções propiciou a ativação em maior grau de elementos já presentes na representação, vinculados à dimensão de função do enfermeiro. Provavelmente, no caso de uma coleta de dados menos “contaminada” com uma pertença grupal específica, seria possível deparar-se com o segundo caso: os participantes responderiam de acordo com outras representações sociais, ou mesmo com representações particulares sem pertenças específicas conjugadas.

Já um segundo ponto diz respeito a uma decorrência prática, em termos de realização de coletas de dados e reconstituição de representações a partir de respostas de questões abertas. Se os resultados mostraram um efeito empírico da manipulação simples da saliência grupal em instruções, então cabe aos pesquisadores atentarem para o quão arbitrárias podem ser as reconstituições de representações sociais que eles realizam, caso não sejam tomadas algumas medidas de precaução. Como as representações sociais são símbolos ou construtos de uma ordem coletiva, a passagem de resultados individuais para uma reconstituição coletiva é permeada de dificuldades. Se o pesquisador baseia-se num aglomerado de pessoas, pede-lhes que respondam a uma pergunta ou item acerca de um objeto social, e depois escolhe critérios de agrupamento, quaisquer que sejam, ele chegará a uma “representação”. No entanto, caso a pertença grupal não seja saliente, seja nas instruções da questão aberta, seja numa tarefa qualquer, ou então em outros aspectos da situação de coleta de dados, nada garante que a reconstituição da representação operada pelo pesquisador seja válida, que seja um esquema legítimo do que ocorre empiricamente. Afinal, as pessoas podem responder às perguntas orientadas por representações que não interessariam ao pesquisador, e sempre será possível reunir essas respostas, eleger elementos mais frequentes ou que surgem antes, e assim por diante. Sem garantir que a pertença grupal de interesse esteja saliente numa situação de coleta, o pesquisador acaba por fazer surgirem dúvidas acerca da qualidade ou representatividade dos resultados.

Além disso, pesquisadores como Sá (1998) e Wagner (1998) já escreveram sobre o fato de que não há representações sociais para “tudo”. O próprio Moscovici (1961/1976) coloca três pré-condições para se falar de uma representação social, e não outro construto: dispersão de informações acerca do objeto social, uma pressão dos atores sociais à inferência, provocada por fatores contextuais, e uma focalização em aspectos do objeto propiciada pelas posições sociais dos indivíduos. Representações sociais existem sobretudo

a respeito de objetos com relevância social, situados em práticas de comunicação, que sejam do interesse de grupos. De nada adianta garantir que uma pertença grupal atue numa tarefa representacional se o grupo não tem representação sobre o objeto social de interesse. O pesquisador pode chegar a algum construto interessante referente a outra forma do pensamento social, como por exemplo uma imagem social (Moliner, 1996), um rumor (Guimelli, 1999), ou simplesmente o componente cognitivo de uma atitude (Lima, 1993), mas não a uma representação social.

Garantir a validade de uma pesquisa em representações sociais, no que diz respeito à legitimidade dos resultados em relação à representação social existente de fato, não é algo difícil. Primeiramente, cabe ao pesquisador descobrir primeiramente se há uma representação de um grupo, garantindo que o grupo corresponde a uma posição social existente e reflexiva, e que o objeto social é importante para ele – uma investigação em peças de meios de comunicação de massa e a realização de entrevistas, em princípio, seriam suficientes. Ao realizar a coleta de dados, é importante fazer com que a pertença grupal de interesse seja ativada. Isso pode se dar ao mencioná-la durante as explicações orais da coleta de dados, por meio da manipulação de instruções do questionário ou alterando as configurações do ambiente de coleta nessa direção. Afinal, em termos metodológicos, o efeito da saliência grupal e do formato de resposta pertencem à família mais ampla de efeitos do contexto interacional (Camargo, 2006) do indivíduo para com o objeto de representação, que ativam dimensões específicas dele.

Somente uma primeira evidência do efeito da saliência grupal foi demonstrada no presente estudo. Há questões mais específicas que configuram toda uma linha de investigações acerca dessa variável quanto ao contexto interacional, que abordam fenômenos sociopsicológicos com decorrências metodológicas claras para os pesquisadores do pensamento social, e mais especificamente das representações sociais.

Em termos da representação do envelhecimento, teriam sido os resultados muito afetados por diferenças de idade dos participantes? Além de acadêmicas de enfermagem, as participantes ocupavam espectros diferentes quanto a faixas etárias. Em média situaram-se na faixa de 25 anos de idade, porém havia participantes com mais de 30 anos. Os grupos intergeracionais, como demonstrado na fundamentação teórica e no início da presente seção, fornecem um critério de segmentação importante quanto a representações sociais sobre envelhecimento. É pertinente realizar um estudo verificando se há interação entre as duas pertencas grupais; seria a ativação de alguns elementos, face à saliência da pertença grupal acadêmicos de saúde, mais ou menos pronunciada em virtude da faixa etária do participante? E como se daria a ativação de elementos dessa representação considerando-se um delineamento experimental salientando dois tipos de pertença grupal: grupo geracional ou etário e grupo acadêmicos de saúde? Outro aspecto relevante refere-se à posição dos participantes no grupo de acadêmicos de saúde (ou enfermagem, ainda que essa pertença grupal não tenha sido investigada explicitamente), tal como sugerido por Breakwell (1993) acerca da importância da posição do ator social no grupo para com a representação mantida por ele. Há diferenças identificáveis com base nos processos de ativação caso o participante esteja cursando ainda o início ou o final do curso? E quanto a ter ou não ter cursado disciplinas específicas de gerontologia, que possuam uma relação clara com o objeto social em questão? Ainda a respeito da posição dentro do grupo, um construto importante é o da identificação grupal (Bouas & Arrow, 1996; Fisher & Wakefield, 1998), a força de conexão do indivíduo para com uma categoria ou grupo social. Não seria a representação social um construto mais válido para indivíduos altamente identificados com seus grupos? A ativação de elementos por questões abertas, decorrentes de manipulação da saliência grupal, ocorreria em níveis diferentes conforme o grau de identificação dos atores sociais?

São questões que permanecem em aberto, e que exigem outros planejamentos experimentais para serem investigadas em nível satisfatório. Não obstante, trata-se de projetos permitiriam uma complexificação e maior segurança nas inferências acerca dos efeitos da saliência grupal na ativação de questões abertas, e os processos básicos por eles implicados poderiam ser traduzidos sem dificuldades para investigações referentes a outros objetos sociais.

Efeito do formato de resposta

O efeito da variável formato de resposta nos resultados foi substancial. Não se trata, é pertinente esclarecer, de um efeito na representação - esta existe independentemente de qualquer coleta de dados! -, mas sim na sua reconstituição, ou seja, nos resultados que levam o pesquisador a caracterizar a representação social. Observou-se que os participantes expressaram estruturas radicalmente diferentes em termos de elementos mencionados e relações favorecidas, conforme eles responderam a questões de evocação livre ou discursivas (ver Tabela 19 e Figuras 6 e 7).

O que se observa é uma mudança na dimensão da representação favorecida por cada um dos tipos de tarefa. As evocações favorecem a expressão dos eventos e conseqüências associados com o envelhecimento, enquanto que as questões discursivas favorecem uma visão mais balanceada do objeto, primeiro definindo-o para posteriormente alinhar os eventos e conseqüências comumente associados com o envelhecimento. Basicamente, a estrutura representacional reconstituída pelas evocações aparenta ter como centrais os elementos *sabedoria e experiência, declínio, sinais físicos e dependência* (ver Tabelas 9 e 10). Já as respostas discursivas aparentam priorizar os elementos *processo, inexorabilidade, aspectos orgânicos, tempo e etapa* (ver Tabelas 11 e 12).

Assim, um efeito semelhante ao encontrado por Nascimento-Schulze e sua equipe de pesquisa em relação à representação social do meio ambiente (Nascimento-Schulze, 2000 e 2000b; Nascimento-Schulze et al 2002; Mezzomo, 2004; Carboni, 2005) foi encontrado a respeito da representação social do envelhecimento. O que há de diferente é que, enquanto a equipe de Nascimento-Schulze obteve tais resultados ao realizar uma meta-análise, comparando dados de análise prototípica com os de uma classificação hierárquica descendente, no presente estudo os resultados de ambos os tipos de formatos de resposta foram submetidos aos mesmos tipos de análise, consistindo numa adaptação dos procedimentos da análise prototípica. Assim, há maior segurança nas afirmações.

Nascimento-Schulze e colaboradores (2002) buscaram explicar as discrepâncias de seus resultados com a hipótese de que ao responder as questões de evocação, os participantes lidariam com a representação de modo mais superficial, respondendo mais espontânea e menos conscientemente, em termos de aspectos mais hegemônicos e estáveis das representações, enquanto que ao participar de uma entrevista prevaleceriam elementos negociados na interação, mais particularizados. No capítulo *Representações sociais e métodos*, buscamos argumentar sustentando essa hipótese, ressaltando que em entrevistas ou ao responder questões discursivas o participante necessita se colocar como sujeito da verbalização de modo claro, o que o força a se relacionar com o objeto da representação. Isso se dá por meio de como ele vive o objeto no cotidiano, a partir do sistema periférico.

Em virtude dos resultados, parece ser oportuno ressituar a interpretação para o ocorrido. Primeiramente, talvez não seja uma questão da centralidade dos elementos envolvidos em cada contexto. Não podemos nos pronunciar com segurança acerca desse ponto pois, como mencionado, não há dados precisos de centralidade dos elementos da representação investigada na presente pesquisa. Sem essas informações, seria impróprio posicionar-se definitivamente a respeito dessa possibilidade. Além disso, há elementos

importantes, possivelmente centrais, que têm sua expressão favorecida em ambos os tipos de tarefas: por exemplo, *sabedoria e experiência* e *declínio*, para as evocações, e *processo* e *tempo*, para as respostas discursivas.

Os resultados aparentam estar mais ligados a como os participantes julgam que devem responder cada uma das tarefas. Considerando que se trata de uma mesma representação real, é necessário buscar entender por que dimensões distintas dessa representação são priorizadas. Observando os enunciados dos questionários utilizados (ver Apêndice) pode-se perceber que a questão de evocação livre solicitou apenas palavras e expressões típicas do envelhecimento para os participantes, enquanto que a questão discursiva pediu que os participantes explicassem com suas próprias palavras o que seria o envelhecimento para eles.

Ora, uma das tarefas é meramente associativa, a outra pede explicitamente uma definição. No primeiro caso, o contexto “envelhecimento” provavelmente é interpretado pelo participante como dado, sem estabelecer-se como um problema ou algo “em aberto”. Assim, ele pode mencionar eventos e outros temas ligados ao próprio processo, sem explicá-lo propriamente. Porém, ao responder uma questão discursiva, e aí sim, colocando-se como sujeito de um discurso, isso não pode ocorrer. Para elencar os elementos da representação, primeiro o respondente se vê forçado a dizer de que está falando, em termos conceituais; e por isso há a ativação de elementos ligados à dimensão que classificamos como mais abstrata, ou seja, voltada para a definição do processo de envelhecer.

A análise das arestas significativas para os participantes que responderam as questões discursivas (ver Figura 7) é especialmente útil nesse ponto. É pertinente notar como o trajeto de relações, em comparação com os participantes das evocações, é bem mais diversificado e centrado nos elementos que definem o envelhecimento nas respostas, e também os comunica com elementos mais amplamente compartilhados, como *sabedoria*

e experiência e declínio e perdas. Essa negociação, essa necessidade de mais articulação na resposta é uma característica própria de questões discursivas.

Nesse ponto, poder-se-ia pensar que não há nada de surpreendente no fato de que tarefas diferentes geram resultados diferentes. Mas ao se considerar que há investigações que se utilizam de tarefas tão distintas e que chegam à conclusão de ter elencado o sistema central por meio delas, ou então ter caracterizado definitivamente uma dada representação num contexto grupal, é necessário reavaliar a pertinência desses tipos de procedimentos. Especialmente em casos em que a representação social é caracterizada com base em um único procedimento de recolhimento de respostas abertas, é necessário circunscrever a abrangência dos resultados obtidos às características das técnicas empregadas. Declarar que um elemento é central para uma representação de algum grupo sobre um objeto social é uma afirmação forte, e deveria estar sustentada em um conjunto de verificações empíricas, conhecidas exaustivamente pelos estudiosos das representações sociais, especialmente os dedicados à abordagem estrutural (ver, por exemplo, Moliner, 1993 e 1994b; Abric, 2003; Vergès & Bouriche, 2001; Guimelli, 2003; Buschini, 2005; Vergès, 2005). Na impossibilidade de percorrer procedimentos metodológicos suficientes para se chegar a alguma segurança, é prudente limitar-se a probabilidades de que alguns elementos sejam centrais, ou a uma descrição contextualizada do funcionamento da representação.

No Brasil, uma das características da pesquisa orientada pela teoria das representações sociais é sua apropriação pela pesquisa aplicada, especialmente das áreas de educação e saúde (mais especificamente enfermagem, saúde coletiva e medicina social) (Camargo, Wachelke & Aguiar, 2005). Nesse sentido, tornam-se importantes as pesquisas que realizam diagnósticos das representações sociais, pois muitas vezes caracterizam-se como etapas de intervenção, fornecendo informações para medidas práticas. É essencial, portanto, garantir que a caracterização seja válida, evitando generalizações indevidas por

meio do uso de técnicas que cubram apenas um dos níveis do fenômeno representacional. Sabe-se que ao utilizar métodos diferentes torna-se possível abordar níveis diferentes da representação social (De Rosa, 2005); e reconstituições de representações baseadas em níveis diferentes, tomadas isoladamente, podem gerar resultados contraditórios (Bergmann, 1999). Na presente pesquisa já foi observado que há elementos que só puderam ser expressos em contextos de interação específicos: foi o caso do elemento *mental*, por exemplo. Uma coleta de dados apenas baseada em tarefas de evocação livre sequer captaria esse elemento, que consiste em parte importante da representação.

Para contornar esses problemas originados da coleta de dados, que sempre estarão presentes ao realizar a passagem de dados individuais para uma reconstituição de representações de nível coletivo, não é necessário aos pesquisadores adeptos da ciência básica ou aplicada tomar medidas radicais. Basta não se ater a uma fonte única de informações sobre a representação social, precedendo as coletas de dados pautadas em questionários mais fechados com uma etapa mais qualitativa voltada para entrevistas em profundidade ou questões discursivas, bem como fazer uma revisão exaustiva de outros estudos voltados para o mesmo objeto social e grupo social, especialmente pautados por outros procedimentos metodológicos. Noutros termos, talvez para as intervenções e boa parte das pesquisas de representações sociais, a triangulação metodológica (Apostolidis, 2003) e uma abordagem multimétodos (De Rosa, 2005) constituam os cursos de ação que possibilitem mais segurança ao pesquisador quando da caracterização das representações sociais. Não é nenhuma novidade; os pesquisadores de ponta em representações sociais, tanto no Brasil como no exterior, sempre utilizaram desse artifício em alguma extensão. Com isso emerge outro problema, relativo à dificuldade de integração de achados provenientes de procedimentos de coleta e análise diferentes (De Rosa, 1993). No entanto,

trata-se de um ponto que merece discussão detalhada e que não constitui o foco do presente trabalho.

Avaliação geral da pesquisa

Após comentar aspectos específicos acerca da representação do envelhecimento e efeitos das duas variáveis independentes, é necessário abordar alguns pontos gerais que permearam o presente projeto de investigação. Em primeiro lugar, é importante comentar acerca da estratégia metodológica escolhida. Pode-se dizer que foi realizado um procedimento de triangulação quanto a análise de dados: os mesmos dados foram submetidos a diversos procedimentos de análise. Esse curso de ação poderia ter acarretado em dificuldades na integração dos dados, no entanto foi observado exatamente o contrário: os resultados das análises confirmaram-se uns aos outros, acrescentando mais segurança às inferências deles derivadas. Além disso, foi estruturada uma sequência de análise partindo de etapas mais qualitativas, de caráter mais fundamentalmente exploratório, para culminar com procedimentos de testes de hipóteses. Considera-se que foi uma escolha acertada, pois permitiu gradativamente cercar e refinar as hipóteses e entendimento acerca dos elementos da representação.

Quanto às hipóteses estabelecidas, elas de modo geral se confirmaram, mas como mencionado anteriormente não se caracterizavam por serem hipóteses “fortes”, mas sim orientações para a pesquisa de campo, num misto de abordagem confirmatória (testes de hipóteses) com exploratória. O saldo dos resultados, ao considerar as hipóteses formuladas, foi a confirmação dos dois efeitos das variáveis independentes, específicos para alguns elementos da representação. Os resultados permitiram também descrever o modo como esses efeitos se processaram para cada elemento específico.

Uma restrição do presente estudo configura-se na categorização realizada junto às respostas. Uma primeira limitação refere-se ao fato de que apenas um codificador realizou o processo. Um atenuante, contudo, refere-se ao fato de o sistema ter sido construído com base também em pesquisas anteriores na área, o que garante um diálogo com outros projetos de pesquisa: trata-se de categorias satisfatoriamente compatíveis com o que foi realizado em outros estudos. Além disso, buscou-se reduzir o viés na categorização tornando o processo transparente, apresentando uma tabela com algumas das respostas e segmentos de respostas incluídos em cada categoria (ver Tabela 7).

Outro ponto a se considerar é que o uso de conteúdo de respostas discursivas para realização de análise prototípica é certamente incomum, e possivelmente polêmico. Não conhecemos outros estudos que tenham procedido desse modo, dado que geralmente análises desse tipo baseiam-se ou em evocações livres ou em questões fechadas. No entanto, foi uma escolha orientada pelo desejo de submeter todo o material ao mesmo procedimento analítico. Considerando que um dos objetivos principais do estudo era comparar diferentes tipos de questões abertas, seria necessário escolher por um tratamento habitualmente dispensado às questões evocações para cobrir todo o material – como foi realizado -, ou o a uma análise tipicamente empregada junto a questões discursivas. Optamos por proceder como fizemos pois, afinal, as proposições de Vergès (1992) supostamente deveriam manter sua validade também junto à expressão de respostas discursivas: os elementos representacionais mencionados antes e mais vezes provavelmente seriam os organizadores da representação.

Cabe também ressaltar que é possível reconduzir projetos semelhantes ao presente com questões fechadas ou tarefas de agrupamento, e chegar a resultados ainda mais expressivos. Como comentado na subseção sobre saliência grupal, em alguns aspectos o ambiente de coleta deixou a desejar. No entanto, dado que o estudo estava voltado para a

investigação de instruções de questões abertas e seu efeito na ativação de elementos representacionais, e conseqüentemente na reconstituição de representações sociais, evidentemente não seria justificável, no presente contexto, alterar o tipo de questão empregada.

Uma última ressalva deve ser colocada a respeito da segunda dimensão analisada: a organização dos elementos da representação social. Para a análise de similitude, foi empregado o indicador mais simples, mas talvez o mais impreciso, para determinar a existência de relações entre representações: a co-ocorrência. Ao mesmo tempo em que se trata de um indicador que pode de fato fornecer indícios válidos, entendemos que o ideal seria dispor de uma matriz fundamentada em critérios de agrupamento dos próprios participantes, o que geralmente se obtém pedindo agrupamentos a respeito de elementos pré-determinados, ou então lhes pedindo que avaliem as relações entre duplas de elementos. No entanto, pela mesma razão exposta, a de que a intenção foi de avaliar questões abertas, e também pelo fato de que não dispúnhamos de uma lista de elementos satisfatória anteriormente, optamos por proceder como fizemos. Contudo, deve ser marcada a pertinência de investigar os efeitos de variações no contexto interacional com outros tipos de tarefas.

Concluindo, os resultados do presente trabalho inserem-se no campo de fenômenos que Camargo (2006) denominou contexto interacional dos indivíduos com a representação. Ainda que o foco da pesquisa tenha sido o das decorrências metodológicas de dois fenômenos situados nessa “classe” de eventos, é essencial destacar que se trata de fenômenos sociopsicológicos que ocorrem no momento em que as pessoas deparam-se com situações que lhes exigem a ativação de conhecimento de suas representações. A saliência do grupo e o tipo de tarefa que lhes é imposta são dois aspectos relacionados a esse contexto de interação. Outros fenômenos desse tipo envolvem a relação do

participante com o objeto da representação, que Flament e Rouquette (2003) tratam por implicação, composta por três dimensões: identificação pessoal, valorização e possibilidade percebida de ação; ou o efeito de mascaramento (Flament, Guimelli & Abric, 2006) em que a presença de pressões normativas impedem a expressão de alguns elementos representacionais, tal como ocorre com o que Abric (2005) chamou de zona muda. Os fenômenos do contexto interacional são fenômenos da psicologia social que possuem decorrências metodológicas às quais, pelas razões expostas, os pesquisadores necessitam ficar atentos para garantir a validade de suas descobertas.

Considerações finais

O ser humano tem como característica fundamental uma grande variedade de recursos que lhe permitem gerir o conhecimento. Uma dessas ferramentas que possibilitou à nossa espécie superar as limitações de aprendizado de indivíduos no ciclo de vida foi o desenvolvimento avançado da capacidade do uso de símbolos, permitindo o estabelecimento de culturas que precedem e enquadram todos os indivíduos. A partir do nascimento, esses indivíduos são apresentados a grande parcela do conhecimento acumulado pela humanidade, ou pelos grupos a que pertencem.

Os símbolos são signos que estão no lugar de outras coisas. É em relação a eles que as pessoas agem. O canal para adaptá-los às mudanças ambientais é a comunicação. O estudo do pensamento social é o estudo dos processos simbólicos humanos, incluindo sua gênese, taxonomia e estruturação. As representações sociais podem ser consideradas uma variedade dos símbolos construídos pelas pessoas para sustentar suas práticas e crenças e lidar com a informação que chega a seus sentidos, situando-se no mundo.

O estudo das representações sociais e do pensamento social é um avanço para a psicologia social na medida em que situa na agenda de pesquisas os processos simbólicos que caracterizam o conhecimento e comportamento humano. Assim, cria-se uma perspectiva de estudos dos processos cognitivos e comportamentais que dá à dimensão semiológica a sua devida importância. Desde o advento dos conceitos fundamentais da teoria até os dias atuais, as diversas abordagens de estudo das representações sociais têm realizado progressos cientificamente relevantes, atestando para o fato de que o aparato conceitual e metodológico que está sendo construído possui utilidade para resolver problemas da sociedade, num sentido amplo, tanto em termos de ciência básica quanto aplicada.

Porém, a noção de representação social não é de fácil apreensão, e mais difícil ainda é a observação de uma representação em termos empíricos. Realizar um salto de dados individuais para chegar a um símbolo compartilhado por uma coletividade, uma representação que foi e é construída pelas pessoas, mas que ganha uma realidade que as transcende, exercendo papel concreto no contexto social, não é tarefa simples. Gradativamente os pesquisadores chegam a soluções mais engenhosas para abarcar melhor todas as facetas desses fenômenos relativamente recentes – pelo menos na condição de construtos aceitos pela comunidade científica - de ordem sociopsicológica.

O presente trabalho buscou investigar o papel de duas variáveis envolvidas nessa atividade de reconstituição da representação social por parte do pesquisador: a saliência grupal presente numa situação e o tipo de tarefa proposto aos atores sociais para viabilizar uma posterior reconstituição. São variáveis que agem no que se chama de contexto interacional, o campo de relações entre indivíduo e o objeto social, em que entra em ação o conhecimento representacional.

Foi realizado um experimento com manipulação das duas variáveis, em que estudantes de enfermagem responderam questões abertas sobre envelhecimento. Os resultados demonstraram a existência de efeitos independentes de ambas na ativação de elementos da representação social do envelhecimento. Quando os participantes responderam a instruções que faziam referência ao fato de eles serem estudantes da área da saúde, houve maior tendência a que as respostas tratassem de aspectos ligados ao papel do enfermeiro. Quanto ao tipo de tarefa, foi observado que, ao responder a questões de evocação livre, os participantes enfatizaram características e conseqüências do envelhecimento, enquanto que ao responder a itens discursivos diminuiu essa ênfase, e cresceu a importância de elementos em que os participantes buscaram definir o objeto

social envelhecimento por meio de conceitos, posteriormente ligando a resposta a outras noções.

Esses resultados apontam que há aspectos na coleta de dados de representações sociais que causam interferências não negligenciáveis, e que possivelmente não recebem a devida atenção de pesquisadores e profissionais que se utilizam de técnicas de mapeamento do campo representacional. Os efeitos existem e, num cenário extremo, podem gerar resultados discordantes capazes de gerar problemas de integração teórica acerca de descobertas científicas relativas à teoria das representações sociais; ou então, num contexto prático de intervenção, incentivar medidas equivocadas devido à falha de apreender a representação real.

Assim como foram evidenciados dois aspectos que causam interferências, há outros tipos de influência do contexto interacional que exercem efeitos importantes, muitos dos quais já foram documentados, outros ainda não. Os pesquisadores em representações sociais devem ter a preocupação com o contexto de aplicação de questionários e realização de entrevistas e experimentos, buscando atenuar a influência de variáveis intervenientes desse tipo para garantir a validade de seus resultados.

Projetos futuros devem se pautar pela identificação de novos efeitos de contexto e pelo aprofundamento do conhecimento acerca das duas variáveis apresentadas. Ainda que no presente caso o estudo tenha se centrado em conseqüências metodológicas de alguns fenômenos, o conhecimento sobre o contexto interacional com as representações sociais é parte essencial da psicologia social, e avanços nessa subárea permitirão entender com maior clareza a natureza dos processos por meio dos quais os símbolos construídos pelas pessoas tornam-se atuantes em seu cotidiano; e, afinal, explicar esses processos não seria o propósito essencial da teoria das representações sociais?

Referências

- Abdi, H. (1987). Introduction au traitement statistiques des données expérimentales. Grenoble: PUG.
- Abric, J.-C. (1996). Specific processes of social representations. *Papers on Social Representations*, 5, 77-80.
- Abric, J.-C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Abric, J.-C. (2001). O estudo experimental das representações sociais. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. (pp. 155-171). Rio de Janeiro: UERJ.
- Abric, J.-C. (2003). Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In P. H. F. Campos & M. C. da S. Loureiro. (Orgs.). *Representações sociais e práticas educativas*. (pp. 37-57). Goiânia: UCG.
- Abric, J.-C. (2005). A zona muda das representações sociais. In D. C. d Oliveira & P. H. F. Campos (Orgs.). *Representações sociais, uma teoria sem fronteiras*. (pp. 23-34). Rio de Janeiro: Museu da República.
- Ajzen, I. (2001). Nature and operation of attitudes. *Annual Review of Psychology*, 52, 27-58.
- Antunes, H. K. M.; Stella, S. G. & Santos, R. F.; Bueno, O. F. A. & Mello, M. T. (2005). Escores de depressão, ansiedade e qualidade de vida em idosos após um programa de exercícios aeróbios. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(4), 266-271.
- Apostolidis, T. (2003). Représentations sociales et triangulation: enjeux théorico-méthodologiques. In J.-C. Abric (Org.). *Méthodes d'étude des représentations sociales*. (pp. 13-35). Ramonville Sant-Agne: Érès.
- Araújo, L. F.; Carvalho, V. A. M. L. & Moreira, E. F. (2003). Representações sociais da velhice: um estudo com idosos paraibanos. Em *Textos Completos da III Jornada Internacional sobre Representações Sociais*, Rio de Janeiro, 542-556.
- Araújo, L. F.; Coutinho, M. P. L.; Barros, D. R. & Moreira, E. F. (2005a). Velhice e instituições geriátricas: um estudo comparativo das representações sociais. Em *Textos Completos da IV Jornada Internacional sobre Representações Sociais*, João Pessoa, 2917-2932.

- Araújo, L. F.; Coutinho, M. P. L.; Santos, M. F. S. & Barros, D. R. (2005b). Um estudo comparativo das representações sociais da velhice. Em *Textos Completos da IV Jornada Internacional sobre Representações Sociais*, João Pessoa, 2899-2916.
- Baltes, P. B. (1991). The many faces of human ageing: toward a psychological culture of old age. *Psychological Medicine*, 21, 837-854.
- Banchs, M. A. (2005). Representaciones sociales en proceso: su análisis a través de grupos focales. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. (pp. 401-423). João Pessoa: UFPB.
- Barbetta, P. A. (2006). *Estatística aplicada às ciências sociais*. 6ª ed. Florianópolis: UFSC.
- Bardin, L. (1977). *L'analyse de contenu*. Paris: PUF.
- Bauer, M. (1994). A popularização da ciência como imunização cultural: a função de resistência das representações sociais. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.). *Textos em representações sociais*. (pp. 229-257). Petrópolis: Vozes.
- Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (pp. 189-217). Petrópolis: Vozes.
- Bauer, M. W.; Gaskell, G. & Allum, N. C. (2002). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (pp. 17-36). Petrópolis: Vozes.
- Bergmann, M. M. (1998). Social representations as mothers of all behavioural pre-dispositions? Notes on the relations between social representations, attitudes and values. *Papers on Social Representations*, 7, 77-83.
- Bergmann, M. M. (1999). Would the real social representation please stand up? Three levels of analysis of social representations of European American and Mexican American identity. *Papers on Social Representations*, 8, 4.1-4.17.
- Bouas, K. S. & Arrow, H. (1996). The development of group identity in computer and face-to-face groups with membership change. *Computer Supported Cooperative Work*, 4, 153-178.
- Breakwell, G. M. (1993). Social representations and social identity. *Papers on Social Representations*, 2, 1-20.
- Brewer, M. B.; Dull, V. & Lui, L. (1981). Perceptions of the elderly: stereotypes as prototypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41(4), 656-670.

- Buschini, F. (2005). Análise das facetas: uma técnica para reunificar a estrutura e o conteúdo no estudo das representações sociais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. (pp. 159-187). João Pessoa: UFPB.
- Camargo, B. V. (2003). Les représentations sociales des jeunes français à propos de l'achat et de l'utilisation du préservatif. *Bulletin de Psychologie*, 56(3), 331-344.
- Camargo, B. V. (2005). ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. (pp. 511-539). João Pessoa: UFPB.
- Camargo, B. V. (2006). *Relações de dependência entre representações sociais e efeitos do contexto interacional nas representações de um mesmo objeto*. Projeto de pesquisa.
- Camargo, B. V.; Wachelke, J. F. R. & Aguiar, A. (2005). *Resumos de trabalhos de GT e aspectos metodológicos da pesquisa das representações sociais*. Comunicação oral apresentada em Mesa Redonda na IV Jornada Internacional sobre Representações Sociais, João Pessoa, Paraíba.
- Campbell, D. T. & Stanley, J. C. (1979). Delineamentos experimentais e quase-experimentais de pesquisa. São Paulo: EPU.
- Campos, P. H. F. (2003). A abordagem estrutural e o estudo das relações entre práticas e representações sociais. In P. H. F. Campos & M. C. da S. Loureiro. (Orgs.). *Representações sociais e práticas educativas*. (pp. 22-36). Goiânia: UCG.
- Capozza, D.; Falvo, R.; Robusto, E. & Orlando, A. (2003). Beliefs about internet: methods of elicitation and measurement. *Papers on Social Representations*, 12, 1.1-1.14.
- Carboni, L. R. (2005). *A influência de uma exposição científica sobre as representações sociais e atitudes relativas ao meio ambiente*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Carugati, F.; Selleri, P. & Scappini, E. (1994). Are social representations an architecture of cognitions? A tentative model for extending the dialogue. *Papers on Social Representations*, 3, 132-150.
- Carvalho, J. A. M. & Garcia, R. A. (2003). O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(3), 725-733.
- Castro, P. (2005). Comunicação e polifuncionalidade da linguagem – revisitando as modalidades comunicativas para análise de material textual. In A. S. P. Moreira, B.

- V. Camargo, J. C. Jesuino & S. M. Nóbrega (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. (pp. 291-318). João Pessoa: UFPB.
- Charchat-Fichman, H.; Caramelli, P.; Sameshima, K. & Nitrini, R. (2005). Declínio da capacidade cognitiva durante o envelhecimento. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(1), 79-82.
- Cibois, P. (1983). *L'analyse factorielle*. Paris: PUF.
- Cibois, P. (1989). Éclairer le vocabulaire des questions ouvertes par les questions fermées: le tableau lexical des questions. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, 23, 12-23.
- Coudin, G. & Boufils, B. (1997). Les représentations relatives aux personnes âgées. *Actualité et dossier en santé publique – Vieillesse, âge, santé*, 21.
- Costa, F. G. & Campos, P. H. F. (2003). Representação social da velhice, exclusão e práticas institucionais. Em *Textos Completos da III Jornada Internacional sobre Representações Sociais*, Rio de Janeiro, 589-604.
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16(3), 297-334.
- Dancey, C. P. & Reidy, J. (2006). Estatística sem matemática para psicologia usando SPSS para Windows. Porto Alegre: Artes Médicas.
- De Rosa, A. S. (1988). Sur l'usage des associations libres dans l'étude des représentations sociales de la maladie mentale. *Connexions*, 51, 27-50. 1988
- De Rosa, A. S. (1993). Social representations and attitudes: problems of coherence between the theoretical definition and procedure of research. *Papers on Social Representations*, 2, 1-192.
- De Rosa, A. S. (2005). A "rede associativa": uma técnica para captar a estrutura, os conteúdos e os índices de polaridade, neutralidade e estereotipia dos campos semânticos relacionados com as representações sociais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuino & S. M. Nóbrega (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. (pp. 61-127). João Pessoa: UFPB.
- Degenne, A. & Vergès, P. (1973). Introduction à l'analyse de similitude. *Revue Française de Sociologie*, 14, 471-512.
- Di Giacomo, J.-P. (1981). Aspects méthodologiques de l'analyse des représentations sociales. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 1, 397-422.

- Doise, W. (1984). Levels of analysis in the experimental study of intergroup relations. In R. Farr & S. Moscovici (Orgs.). *Social representations*. (pp. 255-268). Cambridge: Cambridge University Press.
- Doise, W. (1985). Les représentations sociales: définition d'un concept. *Connexions*, 45, 243-253.
- Doise, W. (2001a). Cognições e representações sociais: a abordagem genética. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. (pp. 301-320). Rio de Janeiro: UERJ.
- Doise, W. (2001b). Atitudes e representações sociais. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. (pp. 187-200). Rio de Janeiro: UERJ.
- Doise, W.; Clemence, A. & Lorenzi-Cioldi, F. (1992). *Représentations sociales et analyses de données*. Grenoble: PUF.
- Duveen, G. (2003). Introdução: o poder das idéias. In S. Moscovici (Org.). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. (pp. 7-28). Petrópolis: Vozes.
- Duveen, G. & De Rosa, A. S. (1992). Social representations and the genesis of social knowledge. *Papers on Social Representations*, 1, 94-108.
- Farr, R. (1994). Representações sociais: a teoria e sua história. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.). *Textos em representações sociais*. (pp. 31-59). Petrópolis: Vozes.
- Farr, R. (1998). *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis: Vozes.
- Fisher, R. J. & Wakefield, K. (1998). Factors leading to group identification: a field study of winners and losers. *Psychology & Marketing*, 15(1), 23-40.
- Flament, C. (1981a). Sur le pluralisme methodologique dans l'étude des representations sociales. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 1, 423-427.
- Flament, C. (1981b). L'analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les representations sociales. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 1, 375-385.
- Flament, C. (1994). Consensus, salience and necessity in social representations – technical note. *Papers on Social Representations*, 3, 97-106.
- Flament, C. (2001). Estrutura e dinâmica das representações sociais. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. (pp. 173-186). Rio de Janeiro: UERJ.
- Flament, C.; Guimelli, C. & Abric, J.-C. (2006). Effets de masquage dans l'expression d'une représentation sociale. *Les Cahiers internationaux de psychologie sociale*, 69, 15-31.

- Flament, C. & Rouquette, M.-L. (2003). *Anatomie des idées ordinaires*. Paris : Armand Colin.
- Garrido, R. & Menezes, P. R. (2002). O Brasil está envelhecendo: boas e más notícias por uma perspectiva epidemiológica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24(supl. 1), 3-6.
- Gastaldi, A. & Contarello, A. (2006). Una questione di età: rappresentazioni sociali dell'invecchiamento in giovani e anziani. *Ricerche di Psicologia*, 20(4), 7-22.
- Gazalle, F. K.; Hallal, P. C. & Lima, M. S. (2004). Depressão na população idosa: os médicos estão investigando? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26 (3), 145-149.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta.
- Grize, J.-B. (2001). Lógica natural e representações sociais. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. (pp. 123-137). Rio de Janeiro: UERJ.
- Guimelli, C. (1993). Concerning the structure of social representations. *Papers on Social Representations*, 2, 85-92.
- Guimelli, C. (1999). *La pensée sociale*. Paris: PUF.
- Guimelli, C. (2003). Le modèle des schèmes cognitifs de base (SCB) : méthodes et applications. In J.C. Abric (Org.), *Méthodes d'études des représentations sociales*. Saint Agne : Eres, 119-143.
- Günther, H. (1999). Como elaborar um questionário. In L. Pasquali (Org.). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. (pp. 231-258). Brasília: LabPAM / IBAPP.
- Hewstone, M. (2001). Representações sociais e causalidade. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. (pp. 217-237). Rio de Janeiro: UERJ.
- Hummert, M. L. (1990). Multiple stereotypes of elderly and young adults: a comparison of structure and evaluations. *Psychology and Aging*, 5(2), 182-193.
- Ibañez, T. (1992). Some critical comments about the theory of social representations – discussion of Rätty & Snellman. *Papers on Social Representations*, 1, 21-26.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2001). *Censo demográfico 2000*. Brasília: IBGE. Retirado em 05/02/2007, do IBGE (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*), <http://www.ibge.gov.br>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005*. Brasília: IBGE. Retirado em 05/02/2007, do IBGE (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*), <http://www.ibge.gov.br>

- Jaspars, J. & Fraser, C. (1984). Attitudes and social representations. In R. Farr & S. Moscovici (Orgs.). *Social representations*. (pp. 101-124). Cambridge: Cambridge University Press.
- Jesuino, J. C. (1996). A psicologia social europeia. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia social*. 2ª ed. (pp. 49-59). Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In _____ (Org.). *As representações sociais*. (pp. 17-44). Rio de Janeiro: UERJ.
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Kessler, E.-M.; Rakoczy, K. & Staudinger, U. M. (2004). The portrayal of older people in prime time television series: the match with gerontological evidence. *Ageing and Society*, 24(4), 531-552.
- Kinsella, K. & Velkoff, V. A. (2001). *An aging world: 2001*. Washington: U.S. Government Printing Office.
- Kite, M. E. & Johnson, B. T. (1988). Attitudes toward older and younger adults: a meta analysis. *Psychology and Aging*, 3(3), 233-244.
- Lahlou, S. (2003). L'exploitation des représentations sociales à partir des dictionnaires. In J.-C. Abric (Org.). *Méthodes d'étude des représentations sociales*. (pp. 37-58). Ramonville Saint-Agne: Érès.
- Lazslo, J. (1997). Narrative organisation of social representations. *Papers on Social Representations*, 6, 155-172.
- Lebart, L. & Salem, A. (1994). *Statistique textuelle*. Paris: Dunod.
- Lima, M. L. P. (1993). Atitudes. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social*. 2ª Ed. (pp. 167-199). Lisboa : Calouste Gulbenkian.
- Maisonneuve, J. (1993a). *Introduction à la psychosociologie*. Paris: PUF.
- Maisonneuve, J. (1993b). *La psychologie sociale*. Paris: PUF.
- Martins, C. R. M. (2002). *O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá: um estudo de representações sociais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Mezzomo, J. (2004). *O impacto de uma exposição científica nas representações sociais sobre o meio ambiente dos alunos do ensino médio*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

- Mithidieri, O. B. & Tura, L. F. R. (2003). Os sentidos de idoso para estudantes de medicina: subsídios para a seleção de conteúdos curriculares. Em *Textos Completos da III Jornada Internacional sobre Representações Sociais*, Rio de Janeiro, 605-619.
- Molinari, L. & Emiliani, F. (1996). More on the structure of social representations: central core and social dynamics. *Papers on Social Representations*, 5, 41-49.
- Moliner, P. (1993). Induction par scénario ambigu – une méthode pour l'étude des représentations sociales. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 2, 7-21.
- Moliner, P. (1994a). L'étude expérimentale des processus représentationnels. Commentaire de l'article de R. Michit. *Papers on Social Representations*, 3, 118-122.
- Moliner, P. (1994b). Les méthodes de repérage et d'identification du noyau des représentations sociales. In C. Guimelli (Org.), *Structures et transformations des représentations sociales* (pp. 199-232). Neuchâtel : Delachaux et Niestlé.
- Moliner, P. (1996). *Images et représentations sociales*. Grenoble : PUG.
- Moliner, P. & Martos, A. (2005). La fonction génératrice de sens du noyau des représentations sociales: une remise en cause? *Papers on Social Representations*, 14, 3.1-3.12.
- Moliner, P. & Vidal, J. (2003). Stéréotype de la catégorie et noyau de la représentation sociale. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 1, 157-175.
- Morin, M. & Vergès, P. (1992). Enquête sur une représentation en voie d'émancipation : le sida pour les jeunes. *Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 15, 46-73.
- Moscovici, S. (1961/1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Moscovici, S. (2003). O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici (Org.). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. (pp. 29-109). Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S., & Marková, I. (2003). Idéias e seu desenvolvimento: um diálogo entre Serge Moscovici e Ivana Marková, I.. In S. Moscovici (Org.), *Representações sociais: investigações em psicologia social* (pp. 305-387). Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. & Vignaux, G. (2003). O conceito de themata. In S. Moscovici (Org.). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. (pp. 215-250). Petrópolis: Vozes.

- Nascimento-Schulze, C. M. (2000a). Representações sociais da natureza e do meio ambiente. *Revista de Ciências Humanas – Série Especial Temática*, 3, 63-77.
- Nascimento-Schulze, C. M. (2000b). Social representations of nature and environment within a touristic context. Em *Actes de la 5ème Conférence Internationale sur les Représentations Sociales*, Montreal, 192-193.
- Nascimento-Schulze, C. M. & Camargo, B. V. (2000). Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia da SBP*, 8(3), 287-299.
- Nascimento-Schulze, C. M.; Fragnani, E. F. de S.; Carboni, L. R. & Maliska, M. E. (2002). Atitudes frente ao novo paradigma ambiental. Um estudo no contexto turístico de Florianópolis. *Revista de Ciências Humanas - Série Especial Temática*, 6, 215-224.
- Neri, A. L. (1986). O Inventário Sheppard para medida de atitudes em relação à velhice e sua adaptação para o português. *Estudos de Psicologia*, 3(1-2), 23-42.
- Neri, A. L. (1991). *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não-idosos*. Campinas: Unicamp.
- Neri, A. L. (1993). Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In A. L. Neri (Org.), *Qualidade de vida e idade madura*. (pp. 9-55). Campinas: Papirus.
- Neri, A. L. (2001). Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. In A. L. Neri (Org.), *Desenvolvimento e envelhecimento*. (pp. 11-37). Campinas: Papirus.
- Neri, A. L. (2005). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea.
- Ng, S. H. (1998). Social psychology in an ageing world: ageism and intergenerational relations. *Asian Journal of Social Psychology*, 1, 99-116.
- Novaes, M. R. V. (2001). As representações sociais dos alunos de graduação em enfermagem sobre “ser velho” e “cuidar de velhos”. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Universidade de São Paulo.
- Novaes, M. R. V. & Derntl, A. M. (2002). As imagens da velhice: o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) como método de investigação. *Mundo Saúde*, 26(4), 503-508.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Oliveira, A. & Amâncio, L. (2005). A análise factorial de correspondências no estudo das representações sociais – as representações sociais da morte e do suicídio na adolescência. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega

(Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. (pp. 323-362). João Pessoa: UFPB.

Oliveira, A. M. de & Santos, M. F. de S. (2002). O envelhecer: teorias científicas x teorias populares. *Psico*, 33(2), 311-326.

Oliveira, D. C. de; Gomes, A. M. T. & Marques, S. C. (2005). Análise estatística de dados textuais na pesquisa das representações sociais: alguns princípios e uma aplicação ao campo da saúde. In M. S. de S. Menin & A. M. Shimizu (Orgs.). *Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Oliveira, D. C. de; Marques, S. C.; Gomes, A. M. T. & Teixeira, M. C. T. V. (2005). Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. (pp. 573-603). João Pessoa: UFPB.

Ordaz, O. & Vala, J. (1998). Objetivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. (pp. 87-114). Goiânia: AB.

Pereira, C. & Camino, L. (2003). Representações sociais, envolvimento nos Direitos Humanos e ideologia política em estudantes universitários de João Pessoa. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16(3), 447-460.

Pereira, F. J. C. (2001). Análise de dados qualitativos aplicados às representações sociais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. (pp. 25-60). João Pessoa: UFPB.2001.

Queroz, N. C. & Neri, A. L. (2005). Bem-estar psicológico e inteligência emocional entre homens e mulheres na meia-idade e na velhice. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18 (2), 292-299.

Rabelo, D. F. & Neri, A. L. (2005). Recursos psicológicos e ajustamento pessoal frente à incapacidade funcional na velhice. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 403-412.

Rateau, P. (1995). Dimensions descriptives, fonctionnelle et evaluative des representations sociales – une etude exploratoire. *Papers on Social Representations*, 4, 133-147.

Rateau, P. (2004). Princípios organizadores e núcleo central das representações sociais. Hipóteses empíricas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 56 (1-2), 93-104.

- Reinert, M. (1990). ALCESTE, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G. de Nerval. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, 28, 24-54.
- Robinson, T. & Umphery, D. (2006). First - and third – person perceptions of images of older people in advertising: an inter-generational evaluation. *International Journal on Aging and Human Development*, 62(2), 159-173.
- Rodrigues, A.; Assmar, E. M. L. & Jablonski, B. (1999). *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Rosa, T. E. C.; Benício, M. A. D.; Latorre, M. R. D. O. & Ramos, L. R. (2003). Fatores determinantes da capacidade funcional entre idosos. *Revista de Saúde Pública*, 37(1), 40-48.
- Rose, D.; Efraim, D. Gervais, M-C.; Joffe, H.; Jovchelovitch, S. & Morant, N. (1995). Questioning consensus in social representations theory. *Papers on Social Representations*, 4 (2), 150-155.
- Rouquette, M.-L. (1993). Content versus structural analysis of social representations – some comments on P. Catellani's paper. *Papers on Social Representations*, 2, 115-116.
- Rouquette, M.-L. (1995). Remarques sur le statut ontologique des représentations sociales. *Papers on Social Representations*, 4, 79-83.
- Rouquette, M.-L. (1998). Representações e práticas sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 39-46). Goiânia: AB.
- Rouquette, M.-L. (2005). As representações sociais no quadro geral do pensamento social. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. (pp. 189-199). João Pessoa: UFPB.
- Sá, C. P. de. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Sá, C. P. de. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Santos, M. F. de S. & Belo, I. (2000). Diferentes modelos de velhice. *Psico*, 31(2), 31-48.
- Santos, N. C. dos & Meneghin, P. (2006). Concepções dos alunos de graduação em enfermagem sobre o envelhecimento. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 40(2), 151-9.

- Siqueira, R. L. de; Botelho, M. I. & Coelho, F. M. G. (2002). A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 899-906.
- Sotirakopoulou, K. & Breakwell, G. M. (1992). The use of different methodological approaches in the study of social representations. *Papers on Social Representations*, 1, 29-38.
- Tafari, E. & Bellon, S. Études expérimentales de la dynamique des représentations sociales. Em J.-C. Abric (Org.). *Méthodes d'étude des représentations sociales*. (pp. 255-277). Ramonville Saint-Agne: Érès.
- Tajfel, H. (1973). La catégorisation sociale. In S. Moscovici (Org.). *Introduction à la psychologie sociale*, v. 1. (pp. 272-302). Paris: Larousse.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*, v. 2. Lisboa: Horizonte.
- Teixeira, M. C. T. V. (2000). Representações sobre a velhice e sobre o self. *Revista de Ciências Humanas - Série Especial Temática*, 111-139.
- Tura, L. F. R. (1998). Aids e estudantes: a estrutura das representações sociais. In D. Jodelet & M. Madeira (Orgs.). *AIDS e representações sociais: à busca de sentidos*. (pp. 151-154). Natal: UFRN.
- Vala, J. (1996). Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia social*. 2ª ed. (pp. 353-384). Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Valsiner, J. (2003). Beyond social representations: a theory of enablement. *Papers on Social Representations*, 12, 7.1-7.16.
- Veloz, M. C. T.; Nascimento-Schulze, C. M. & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12 (2), 479-501.
- Vergès, P. & Bouriche, B. (2001). *L'analyse des données par les graphes de similitude*. Auxerre Cedex : Sciences Humaines.
- Vergès, P. (1992). L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central de la représentation. *Bulletin de Psychologie*, 45(405), 203-209.
- Vergès, P. (1999). *Ensemble de programmes permettant l'analyse des évocations: manuel version 2*. Aix-en-Provence: LAMES.
- Vergès, P. (2005). Os questionários para análise das representações sociais. In A. S. P. Moreira; B. V. Camargo; J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Orgs.), *Perspectivas teórico metodológicas em representações sociais*. (pp. 201-228). João Pessoa: UFPB.

- Vergès, P. ; Junique, C. ; Barbry, W. ; Scano, S. & Zeliger, R. (2002). *Ensembles de programmes permettant l'analyse de similitude de questionnaires et de données numériques*. Aix en Provence : Université Aix en Provence (Manual).
- Vergès, P. ; Scano, S. & Junique, C. (2002). *Ensembles de programmes permettant l'analyse des evocations*. Aix en Provence : Université Aix en Provence (Manual).
- Vergès, P.; Tyszka, T. & Vergès, P. (1994). Noyau central, saillance et propriétés structurales. *Papers on Social Representations*, 3, 3-12. e Vergès, 1994
- Wagner, W. (1994). Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. Em P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.). *Textos em representações sociais*. (pp. 149-186). Petrópolis: Vozes.
- Wagner, W. (1995). Social representations, group affiliation, and projection: knowing the limits of validity. *European Journal of Social Psychology*, 25, 125-139.
- Wagner, W. (1998). Sócio-gênese e características das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. (pp. 3-25). Goiânia: AB.
- Wagner, W. (2003). People in action and social representations: a comment on Jaan Valsiner's (2003) "theory of enablement". *Papers on Social Representations*, 12, 8.1-8.7.
- Wagner, W., Duveen, G., Farr, R., Jovchelovitch, S., Lorenzi-Cioldi, F., Marková, I., Rose, D. (1999). Theory and method of social representations. *Asian Journal of Social Psychology*, 2, 95-125.
- Wolter, R. P. & Rouquette, M.-L. (2006). A influência de certos termos socialmente salientes (nexus) e da imagem sobre a percepção de um objeto social. *Revista de Educação Pública*, 15(29), 79-89.
- Zacks, R. T.; Blanchard-Fields, F. & Haley, W. E. (2006). Psychology and Aging: the first 20 years. *Psychology and Aging*, 21(1), 1-6.

Lista de Tabelas

Tabela 1. Delineamento experimental.....	72
Tabela 2. Síntese dos procedimentos de análise de dados.....	82
Tabela 3. Distribuição de ocorrências e percentual de participantes de cada universidade, por condição experimental.....	86
Tabela 4. Distribuição de participantes de cada semestre do curso de enfermagem por condição experimental.....	87
Tabela 5. Distribuição de participantes por grau de convívio com idosos, por condição experimental.....	87
Tabela 6. Médias e desvios padrão no Inventário Sheppard por condição experimental....	88
Tabela 7. Descrições e exemplos de respostas de cada categoria / elemento da representação social sobre envelhecimento.....	89
Tabela 8. Índices referentes à produção textual da análise prototípica por condição experimental.....	92
Tabela 9. Análise prototípica para a condição <i>ScFe</i>	93
Tabela 10. Análise prototípica para a condição <i>SsFe</i>	96
Tabela 11. Análise prototípica para a condição <i>ScFd</i>	97
Tabela 12. Análise prototípica para a condição <i>SsFd</i>	99
Tabela 13. Resultados da análise fatorial de correspondência referentes às modalidades das variáveis envolvidas no cálculo (colunas).....	103
Tabela 14. Resultados da análise fatorial de correspondência referentes aos elementos representacionais envolvidos no cálculo (linhas).....	105
Tabela 15. Coordenadas e Cossenos quadrados das variáveis ilustrativas.....	106
Tabela 16. Elementos da representação social de estudantes de enfermagem sobre envelhecimento que sofrem influência da variável formato de resposta.....	109
Tabela 17. Elementos da representação social de estudantes de enfermagem sobre envelhecimento que sofrem influência da variável saliência grupal.....	110
Tabela 18. Estatísticas qui quadrado e Fisher para menção dos elementos representacionais conforme a associação às modalidades da variável saliência grupal.....	112
Tabela 19. Estatísticas qui quadrado e Fisher para menção dos elementos representacionais conforme a associação às modalidades da variável formato de resposta.....	114
Tabela 20. Efeitos de interação entre as variáveis saliência grupal e formato de resposta para menção dos elementos representacionais.....	117
Tabela 21. Comparação de ordens médias de evocação conforme modalidades da variável saliência grupal.....	122
Tabela 22. Síntese dos resultados dos testes estatísticos inferenciais acerca da ativação de elementos representacionais conforme manipulação da variável formato de resposta.	124

Tabela 23. Síntese dos resultados dos testes estatísticos inferenciais acerca da ativação de elementos representacionais conforme manipulação da variável saliência grupal..... 125

Lista de Figuras

Figura 1. Representação gráfica dos resultados da análise de correspondências.	107
Figura 2. Interação entre formato de resposta e saliência grupal para o elemento atividades e hábitos.	118
Figura 3. Interação entre formato de resposta e saliência grupal para o elemento problemas.	119
Figura 4. Árvore máxima referente à amostra de 384 participantes (aresta mínima = 12).	127
Figura 5. Arestas significativas para a modalidade sem saliência grupal nas instruções da variável saliência grupal.	130
Figura 6. Arestas significativas para a modalidade evocações livres da variável formato de resposta.	132
Figura 7. Arestas significativas para a modalidade discursiva da variável formato de resposta.	133

Apêndice

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é João Fernando Rech Wachelke, sou orientado pelo Prof. Dr. Brigido Vizeu Camargo e estou desenvolvendo a pesquisa *Psicologia e envelhecimento* em minha dissertação de mestrado. Convido você a participar da coleta de dados para a pesquisa, que terá por objetivo compreender melhor o que as pessoas pensam sobre o processo de envelhecer e a velhice.

Será realizada a aplicação coletiva de um questionário individual, anônimo em estudantes de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Sua participação, completamente voluntária, acontecerá por meio do preenchimento do questionário que será entregue a você. Os dados serão tabulados e analisados estatisticamente em conjunto. As informações fornecidas são confidenciais.

Isto não traz riscos e desconfortos para os participantes e esperamos que traga como benefícios um maior entendimento sobre como as pessoas pensam sobre o processo de envelhecimento, o que possibilitará avanço de conhecimento sobre o fenômeno e intervenções mais eficazes em áreas profissionais relacionadas.

Além disso os participantes interessados poderão ter acesso a uma explicação dos resultados obtidos ao fim da pesquisa, preenchendo seu e-mail para contato no questionário. Caso não deseje participar, por favor devolva o questionário em branco.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito a assinatura do mesmo em duas vias, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou decidir posteriormente não fazer parte do mesmo, pode entrar em contato diretamente com o pesquisador pelo telefone 3721-9067.

João Fernando Rech Wachelke
Pesquisador principal

Brigido Vizeu Camargo
Pesquisador responsável

Eu, (*nome completo*) fui esclarecido sobre a pesquisa *Psicologia e envelhecimento* e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma. Declaro ainda, que estou ciente de seu objetivo e métodos, e de meus direitos de anonimato e de desistência.

Florianópolis, ____/____/____

Assinatura: _____ RG: _____

Instrumentos

Questionário para a condição experimental SsFd

O questionário deve ser respondido individualmente. Não há respostas certas ou erradas, o que conta é a sua sinceridade ao responder as questões, que são opinativas. Caso tenha alguma dúvida, solicite esclarecimento a um dos aplicadores individualmente, erguendo a mão e esperando que ele venha ao seu encontro. Ao fim do questionário, pedimos que você aguarde em silêncio até que todos os participantes terminem de respondê-lo.

- 1. Sexo: () Masculino; () Feminino
- 2. Idade: __ __ anos.
- 3. Curso na UFSC: _____ () Não sou aluno regular.
- 4. Fase que está cursando: __ a fase.
- 5. Explique com suas próprias palavras o que é envelhecimento para você. *Tente utilizar o maior número de linhas possível.*

6. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar no meu envelhecimento me sinto apreensivo	1	2	3	4	5
3. Quando eu ficar velho, a maior parte das coisas que farei serão chatas e desinteressantes.	1	2	3	4	5
4. Uma pessoa pode ter uma vida sexual saudável na velhice.	1	2	3	4	5
5. De um modo geral eu espero desfrutar a velhice.	1	2	3	4	5
6. Não há nenhuma razão pela qual um idoso não possa permanecer ativo.	1	2	3	4	5
7. É sempre difícil enfrentar a idéia de nossa própria morte.	1	2	3	4	5
8. A vida oferece pouco aos idosos, além de preocupação e desconforto.	1	2	3	4	5
9. Conto com o aumento de lazer e a redução de responsabilidade que a velhice permite.	1	2	3	4	5
10. Pensar na debilidade física que ocorre na velhice me aterroriza.	1	2	3	4	5
11. A velhice é o período mais sombrio da vida.	1	2	3	4	5
12. Espero continuar me sentindo bem a meu respeito, independentemente da idade.	1	2	3	4	5
13. É melhor morrer cedo do que enfrentar a velhice nesta sociedade.	1	2	3	4	5
14. Quando eu ficar velho, a maior parte das coisas que farei serão chatas e desinteressantes.	1	2	3	4	5
15. Quando eu ficar velho, acho que estarei satisfeito com aquilo que consegui da vida.	1	2	3	4	5
16. Eu acho que vou me sentir solitário na velhice.	1	2	3	4	5
17. Tenho horror em pensar que posso sobreviver a meu cônjuge ou pessoa amada.	1	2	3	4	5
18. Acredito que na velhice eu me sentirei tão feliz quanto me sentia quando era mais moço.	1	2	3	4	5

19. É possível continuar tendo companheirismo na velhice.	1	2	3	4	5
20. A velhice permite que se constate que toda a vida valeu a pena.	1	2	3	4	5

7. Assinale a opção que melhor descreve o seu convívio com pessoas idosas no cotidiano.

- () Convivo pouco com pessoas idosas
 () Convivo com pessoas idosas ocasionalmente
 () Convivo com um ou mais idosos em minha residência

As demais versões de questionários são idênticas, com exceção da questão 5. Abaixo são apresentadas as outras versões dessa questão.

Questionário para condição experimental SsFe

5. Escreva 5 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em envelhecimento.

1. _____
 2. _____
 3. _____
 4. _____
 5. _____

Questionário para condição experimental ScFd.

5. Explique com suas próprias palavras o que é envelhecimento para você, enquanto acadêmico da área de saúde. *Tente utilizar o maior número de linhas possível.*

Questionário para condição experimental *ScFe*

5. Escreva 5 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em envelhecimento, enquanto acadêmico da área de saúde.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____